

**FERNANDO MARTINS DA SILVA**

**TRADIÇÕES E MANIFESTAÇÕES DA CULTURA POPULAR EM GOIÁS: A  
FESTA DE NOSSA SENHORA D'ABADIA EM QUIRINÓPOLIS.**

GOIÂNIA, 2015

**FERNANDO MARTINS DA SILVA**

**TRADIÇÕES E MANIFESTAÇÕES DA CULTURA POPULAR EM GOIÁS: A  
FESTA DE NOSSA SENHORA D'ABADIA EM QUIRINÓPOLIS.**

Dissertação apresentada para obtenção de título de Mestre pelo Programa de pós Graduação *stricto sensu* no Mestrado em História da Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

Professora: Dra. Renata Cristina de Sousa Nascimento.

GOIÂNIA, 2015

Dados Internacionais de Catalogação da Publicação (CIP)  
(Sistema de Bibliotecas PUC Goiás)

Silva, Fernando Martins da.

S586t Tradições e manifestações da cultura popular em Goiás  
[manuscrito] : a festa de Nossa Senhora D'Abadia em  
Quirinópolis / Fernando Martins da Silva – Goiânia, 2015.  
111 f. : il. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de  
Goiás, Programa de Pós-Graduação *Strito Senso* em História,  
2015.

“Orientadora: Profa. Dra. Renata Cristina de Sousa  
Nascimento”.

Bibliografia.

1. Abadia, Nossa Senhora da. 2. Festas religiosas. 3. Cultura  
popular. 3. Usos e costumes. I. Título.

CDU 398.3(043)

**PONTÍFICA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS-PUC-GO  
MESTRADO EM HISTÓRIA**

**FERNANDO MARTINS DA SILVA**

**TRADIÇÕES E MANIFESTAÇÕES DA CULTURA POPULAR EM GOIÁS: A  
FESTA DE NOSSA SENHORA DA ABADIA EM QUIRINÓPOLIS**

Dissertação submetida à comissão examinadora designada para avaliação como requisito para obtenção do grau de mestre em História.

**AVALIADORES**

---

Profa. Dra. Renata Cristina de Sousa Nascimento  
(PUC-GO)  
ORIENTADORA

---

Profa. Dr. Fernando Lobo Lemes  
(UEG-GO)  
EXAMINADOR

---

Prof. Dr. Eduardo Gusmão Quadros  
(PUC-GO)  
EXAMINADOR

GOIÂNIA, 2015



*A Deus que possibilitou a oportunidade de estar realizando este sonho.  
Às Mulheres da minha Vida, Patrícia, minha esposa, e Sônia, minha mãe.  
E a todos os meus amigos de jornada que com a amizade e compreensão estiveram  
ao meu lado nos momentos alegres e difíceis.*

## AGRADECIMENTOS

*Agradeço a Deus por ter me dado a oportunidade de mostrar o quanto posso me superar.*

*A minha Esposa Patrícia Helena Gonçalves e minha mãe Sonia Peixoto, meus irmãos Rodrigo e Dion que têm dado o apoio necessário para que eu possa me dedicar aos estudos.*

*E de forma muito especial a minha Orientadora, Profa. Dra. Renata, que sempre me incentivou e me mostrou o caminho para alcançar os meus objetivos, se mantendo sempre firme na tarefa de me ensinar, fazendo críticas e mostrando – me como ser um historiador melhor.*

*Aos meus professores do Mestrado, Eduardo Quadros, Eduardo Sujizaki, Maria Cristina, Ivoni Reimer, Luiz Eduardo, Gilberto Gonçalves que sempre estiveram dispostos a ajudar em nosso crescimento.*

*Agradeço também a Professora Ms. Wanderleia Silva Nogueira que sempre me auxiliou durante esse período de Mestrado com conselhos e críticas e antes, na graduação, ensinou-me a dar os primeiros passos como historiador.*

*A todas as pessoas que colaboraram com a minha pesquisa, os entrevistados e aos membros da Paroquia de Nossa Senhora D'Abadia pelo apoio e colaboração  
A PUC pela oportunidade e pela recepção.*

*E a FAPEG (Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado de Goiás) que subsidiou o meu trabalho.*

## RESUMO

O objetivo desta pesquisa é discutir Tradições e Manifestações da cultura popular em Goiás, tendo como objeto a Festa de Nossa Senhora D'Abadia em Quirinópolis. Pretende-se entender se a mesma age como formadora de uma religiosidade enraizada nas práticas populares, e também, se a partir destas práticas, há a identificação do povo com a festa, que seja suficiente para promover a criação de uma identidade cultural, e entender se há a produção de uma memória. Por fim perceber quais as mudanças ocorridas, e se estas tiveram alguma influência em relação a religiosidade. Desta forma a nossa proposta metodológica iniciou-se a partir da pesquisa bibliográfica, observação e participação na festa, entrevistas e imagens. Por tanto observamos que a Festa de Nossa Senhora D'Abadia traduz-se como lugar de memória, sendo lembrada por gerações, se apresentando não somente como uma tradição e sim como um objeto de seu tempo, parte de uma identidade cultural, por isso sua perpetuação.

**Palavras-chave:** Festa, Tradição, Manifestação Cultural, Nossa Senhora D' Abadia.

## **ABSTRACT**

The objective of this research is to discuss Traditions and manifestations of popular culture in Goiás, with the object to Our Party Lady D'Abbey in Quirinópolis. It aims to understand if it acts as forming a religion rooted in popular practices, and also, if from these practices, there is the identification of the people with the party sufficient to promote the creation of a cultural identity, and understand if there is the production of a memory. Finally understand what the changes taking place, and if they had any influence in relation to religion. In this way our methodological proposal started from the literature search, observation and participation in the party, interviews and images. Therefore observe the Feast of Our Lady D'Abadia translates as place of memory, being remembered for generations, appearing not only as a tradition but as an object of his time, part of a cultural identity, so his perpetuating.

Keywords: Party, Tradition, Cultural Manifestation, Our Lady D 'Abbey.

## LISTA DE IMAGENS

Imagem 01: Cavaleiros se preparando para a batalha. _____	36
Imagem 02: Dramatização da batalha entre cristãos e Mouros _____	37
Imagem 03: Congada em Catalão _____	40
Imagem 04) 1º Pregação da procissão na Igreja de Nossa Senhora do Rosário ___	42
Imagem 05: Procissão do Fogaréu pelas ruas da cidade de Goiás. _____	42
Imagem 07: Abertura oficial da festa com a reza do terço na Igreja Velha Matriz __	76
Imagem 08: A procissão da Igreja Velha Matriz até o instituto São José _____	77
Imagem 09: Hasteamento da Bandeira de Nossa Senhora D'Abadia _____	77
10: Quermesse e leilão _____	78
Imagem 11: Passeio de motos em louvor a Nossa Senhora D'Abadia _____	79
Imagem 12: Reza do Ofício de Nossa Senhora _____	80
Imagem 13: Concentração para carreata em louvor a Nossa Senhora D'Abadia __	81
Imagem 14: Abertura da Novena dia 06 de Agosto na Igreja Matriz _____	82
Imagem 16: Almoço, apresentação cultural e dança para os participantes da Cavalgada. _____	84
Imagem 17: Missa Sertaneja realizada no Instituto São José _____	85
Imagem 18: Passeio ciclístico da Padroeira _____	86
Imagem 19: Procissão Solene com a imagem de Nossa Senhora D'Abadia saindo da Velha Matriz até o Instituto São José _____	87
Imagem 20: Concurso de Princesas da festa de Nossa Senhora D'Abadia _____	89
Imagem 21: Apresentações culturais e a Padroeira Fest na Boate Zabava _____	89

## LISTAS DE MAPAS

<b>Mapa 01:</b> Giro da folia durante o ano de 2011 _____	63
---	----

## LISTA DE TABELAS

01. Tabela sobre o índice de seguidores das religiões Católica, Protestante e dos que se consideram sem religião no Brasil _____	28
---	----

## ANEXOS

Anexo 01: Registro de doação das terras pelo Sr. José Ferreira de Jesus e de sua esposa, Maria Jacinta de Oliveira. _____	911
Anexo 02: Resolução nº 603 de 29 de Julho de 1879, no qual foi criada a freguesia coletiva de Nossa Senhora D'Abadia do Paranaíba no município de Rio Verde. __	102
Anexo 03: Registro sob nº 16 de uma Comissão Construtora por D. Eduardo da Nova Capela de N. Senhora d' Abadia do Paranaíba _____	103
Anexo 04: Registro nº 14, Ata da Benção da Primeira Pedra da Capela N. SENHORA, d' ABADIA DO PARANAIBA, feita pelo referendo Pároco desta Freguesia aos 8 de setembro de 1913 _____	104
Anexo 05: Ata de Instalação solene do município de Quirinópolis(Emancipação Política de Quirinópolis, 22/01/1944) _____	106

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>12</b>
<b>CULTURA POPULAR, TRADIÇÕES E FESTAS RELIGIOSAS</b>	<b>156</b>
1.1 Cultura Popular	166
1.1.1 Catolicismo Popular	23
1.1.2. Catolicismo Romanizado.	26
1.1.3 Pós Vaticano II	27
1.2 Cultura Imaterial em Goiás	29
1.2.1 Festa do Divino	32
1.2.2 Congada	38
1.2.3 A Procissão do Fogaréu	41
<b>2 MANIFESTAÇÕES DA CULTURA POPULAR EM GOIÁS</b>	<b>45</b>
2.1 O Sagrado e o Profano	45
2.2 O século XIX e as manifestações culturais em Goiás	51
2.3 Romaria de Muquém	54
2.4 Festa do Divino Pai Eterno em Trindade	57
2.5 Festa em louvor a Nossa Senhora D'Abadia em Jataí Goiás	59
<b>3 CULTURA POPULAR EM QUIRINÓPOLIS – GO: A FESTA DE NOSSA SENHORA D'ABADIA</b>	<b>66</b>
3.1 Fundação de Quirinópolis - Go	66
3.2 Devoção a Nossa Senhora D'abadia em Quirinópolis - Memória e História	68
3.3 Memórias da Festa de Nossa Senhora D'abadia em Quirinópolis	70
3.4 Práticas e rituais da festa	76
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>91</b>
<b>5 REFERÊNCIAS</b>	<b>94</b>
<b>6 FONTES ORAIS</b>	<b>98</b>
<b>7 ANEXOS:</b>	<b>99</b>

## INTRODUÇÃO

Esta pesquisa é fruto de inquietações e da necessidade de se investigar e compreender as manifestações culturais na cidade de Quirinópolis -GO. Partindo do estudo das fontes paroquiais e de entrevistas, percebe-se nos aspectos culturais muitas práticas, que agregam significados à cultura local. Uma destas é a festa de Nossa Senhora d' Abadia, presente na cidade de Quirinópolis desde a sua fundação. Sua devoção veio juntamente com os fundadores, e tem grande importância cultural e social para a paróquia e o município.

O conceito de cultura é de difícil definição, em virtude dos diversos significados em seus variados campos de estudo. No entanto, a cultura popular promove a abertura para a realização de uma análise sobre as práticas dos indivíduos sociais. A pesquisa busca compreender até que ponto estas práticas fazem parte do cotidiano dos moradores da cidade de Quirinópolis, de suas referências de vida e ainda perceber quais são os comportamentos adquiridos pelos mesmos dentro destas práticas, além de verificar como se veem enquanto parte desse contexto.

É complexo o estudo das práticas culturais, pois as mesmas são parte da tradição e estão impregnadas no seio da comunidade e em cada indivíduo. Elas têm o poder de possibilitar a saída da rotina, além de possibilitar novos significados aos acontecimentos de seu cotidiano, demonstrando assim que a cultura só se consolida a partir da significação que os indivíduos atribuem às práticas e a partir das vivências que ele leva consigo.

A cultura popular é feita das relações entre indivíduos, envolvendo todas as classes e grupos sociais, correspondendo à ideia de Canclini (1997) quando diz que a festa não acaba com as hierarquias, mas cria uma relação mais livre e criativa com as tradições herdadas. “Hoje ironicamente, são os próprios historiadores que tomam o popular e a cultura popular como sujeito e objeto, que fazem a história se tornar outra, uma história mais verdadeira, uma história mais próxima do que efetivamente se passou” (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2013, p. 149). Para entender este conceito passa-se por uma dicotomia, entre a cultura popular e a erudita, havendo inúmeras interpretações, entretanto cabe ressaltar que as duas são indissociáveis e permeiam campos interpretativos muitas vezes complementares.

No âmbito cultural a religiosidade sempre esteve ligada ao cotidiano, o que pode ser visto em todos os lugares, seja por meio das romarias, novenas e até mesmo



a Festa de Nossa Senhora d' Abadia. Todas essas práticas estão inseridas no cotidiano das pessoas e conduzem o povo à saída da rotina, a chegar ao tempo sagrado e apresenta novos significados a situações cotidianas, possibilitando a ânimo necessário para vencer dificuldades.

Diante destas discussões apresenta-se algumas questões: A festa de Nossa Senhora da Abadia age como formadora de uma religiosidade enraizada nas práticas populares? A festa, enquanto prática cultural, pode promover a identificação de seus sujeitos em relação à mesma, e assim possibilitar a produção de memória nesta comunidade? Como as mudanças sociais e econômicas pelas quais Quirinópolis tem passado influenciaram ou proporcionaram alguma transformação na Festa de Nossa Senhora d' Abadia?

A pesquisa possibilitou a abertura de novas discussões a respeito das manifestações culturais, e das práticas nelas inseridas, foram consultados livros, documentos, imagens e depoimentos que para a construção de uma análise sobre a Festa de Nossa Senhora d' Abadia. Nas entrevistas percebe-se o sentimento daqueles participam da realização da festa e, em especial, no depoimento de cada entrevistado, observou-se a vontade de mostrar que ele se preocupa em fazer parte da festa e ter a oportunidade de expressar o que pensa sobre a mesma.

A pesquisa pretende compreender a Festa de Nossa Senhora d' Abadia, como uma manifestação da cultura popular de Quirinópolis e entender quais os experiências geradas pela mesma em relação ao povo, além da representatividade da festa para a comunidade e como o povo está inserido na festa.

As práticas populares, como a Folia de Reis, a Festa de São José, Santo Antônio entre outras tem sua realização em algumas localidades na zona rural e outras na zona urbana, e em sua maioria possuem heranças vindas do Catolicismo. A festa de Nossa Senhora d' Abadia, faz parte da cultura popular de Quirinópolis, e além de ser padroeira da Paroquia de Quirinópolis, também de acordo com a Lei 1201/1983, padroeira da cidade.

Esta festa ofereu modificações em relação à data de sua realização. Atualmente tem ocorrido entre os dias 31 de julho à 31 de agosto, envolvendo inúmeros eventos religiosos e festivos, como a novena, missas, bênçãos a motoristas e motociclistas além de quermesse, leilões, cavalgadas, passeios ciclísticos e carreatas, alcançando seu ponto mais importante no dia 15, dia de Nossa Senhora da Abadia.

A festa tem características e momentos representados por símbolos e rituais que alcançam uma dimensão diferente para cada sujeito presente. Os rituais se misturam entre o sagrado e o profano e juntos agregam valores simbólicos e ritualísticos. A comemoração envolve toda a comunidade que é devota, gerando assim importância sentimental ao evento, se tornando um momento aguardado durante todo o ano. A comunidade se sente parte importante da festa e se vê envolvida sentimentalmente, em experiências únicas e próprias de cada sujeito, dentro dos rituais que dão sentido a festa.

Esta se realiza em vários ambientes, e tem início no dia 31 de julho com uma carreata saindo da entrada da cidade rumo à Igreja Matriz como forma de divulgar a festa e convidar a população a participar das comemorações. A Igreja Matriz é local das novenas e celebrações religiosas, com exceção do dia das comunidades rurais onde a missa é celebrada no Instituto São José, ao lado da Matriz, local este onde também são realizados os eventos sociais, como a quermesse, leilões, danças e shows culturais.

A festa não está restrita a estes locais, já que são realizadas passeios de motos, carros, motos, bicicletas, cavalos e carros de boi que percorrem as ruas. Almejando discutir toda a extensão da referida festa, optou-se por dividir o trabalho em três capítulos.

O primeiro capítulo “Cultura popular, tradições e festas religiosas”, propõe uma discussão sobre os conceitos de cultura, religiosidades e tradições, bem como algumas manifestações e práticas da cultura popular, inseridas no patrimônio imaterial de Goiás, construindo entre as práticas populares e a religiosidade que permeiam os significados existentes das mesmas na vida dos indivíduos.

Já o segundo, “Manifestações da cultura popular em Goiás” apresenta os conceitos de sagrado e profano e suas características dentro do espaço das festas populares, perfazendo um panorama geral das festas religiosas em Goiás com o objetivo de compreender como as mesmas contribuem para a construção da cultura goiana.

Por fim o terceiro capítulo, intitulado “Cultura Popular em Quirinópolis: a festa de Nossa Senhora d’ Abadia” tem por objetivo elucidar sobre a festa especialmente na cidade de Quirinópolis, analisando os aspectos que fazem parte das transformações ocorridas principalmente em relação aos locais da realização da festa, e as novas práticas como as passeatas, concursos de princesas, e a cavalgada, e

assim perceber como esses eventos sociais colaboram no envolvimento das pessoas além dos eventos religiosos.

Observam-se ainda quais as ligações que se constroem entre a festa e os sujeitos que fazem parte da mesma e como estes se veem dentro desta, e quais os significados eles atribuem, incluindo as experiências que são vividas durante a comemoração.

# 1 CULTURA POPULAR, TRADIÇÕES E FESTAS RELIGIOSAS

## 1.1 Cultura Popular

O conceito de cultura popular é bastante complexo e “para muitos, está (ou sempre esteve) em crise, tanto em termos de seus limites para expressar uma dada realidade cultural, como em termos práticos, pelo chamado avanço da globalização, responsabilizada, em geral pela internacionalização de culturas” (ABREU, 2003, p. 01). Entretanto, mesmo em sua complexidade se encontra em um patamar que a torna capaz de construir identidades e possuir história.

A partir dos anos 1940/1950, cultura popular assumiu uma perspectiva política associada aos populismos latino-americanos, que procuravam oficializar as imagens reconhecidamente populares as identidades nacionais e a legitimidade de seus governos. O conceito também foi incorporado pela esquerda, principalmente na década de 1960, tendo assumido um sentido de resistência de classe, ou, inversamente, de referência a uma suposta necessidade dos oprimidos a uma consciência mais crítica, que precisava ser despertada. O conceito poderia ser encontrado entre os intelectuais do cinema novo, da teologia, da libertação, dos centros populares de cultura e entre os educadores ligados aos princípios de Paulo Freire (ABREU, 2003, p. 02).

Parte-se de pressuposto que, em um primeiro momento, a cultura popular teve papel de norteadora de movimentos políticos em prol de mudanças sociais e deveria conferir à nação brasileira uma identidade nacional, sendo reconhecida como tal pelas classes dominantes. Entretanto, esta visão não se manteve por muito tempo, recebendo mais tarde novas significações, tais como uma nova perspectiva em que a tendência é pensar o popular em termos de grandes públicos, formando assim uma hierarquia de acordo com a menor ou maior oferta de produtos culturais disponíveis no mercado. No Brasil os estudiosos da cultura popular ou folcloristas.

buscaram no “outro”, mas o “outro” dentro do próprio país, antes que na sua concepção, ele desaparecesse pelos inevitáveis impulsos da urbanização e modernização. Valorizaram os registros obtidos a partir da cultura rural oral de seus informantes, e defenderam a concepção de que inexistiam autores entre as manifestações populares. Ambas as perspectivas eram importantes para a construção de seus verídicos sobre a autenticidade do que definiam como cultura popular. A autenticidade era fundamental para que pudesse legitimar a expressão da verdadeira singularidade nacional. (ABREU. 2003, p. 03).

Na busca por uma autenticidade da cultura popular o Brasil atravessou inúmeras dificuldades e uma delas foi a questão de seus registros, pois antes da legitimação da oralidade não se podia julgar verossímil o que esta construiu como cultura popular. É neste sentido que Muniz chama a atenção ao mencionar Ricouer, quando discute o processo de transcrição do oral para o escrito como forma de dar autenticidade à fala do sujeito:

[...] este gesto de inscrição da memória vai gerar o que seria uma memória sobressalente, apoiada em técnicas de memorização, que produziria um efeito de parecer que aquilo que se escreve ao contrário da memória que circulava oralmente, seria algo mais certo e mais sólido, portanto, mais duradouro, capaz de sobreviver a quem a produziu (MUNIZ, 2013, p. 38).

Barroso ainda acrescenta que o folclore ou cultura popular nasceu da ausência da escrita e da leitura, assim a oralidade procurou suprir e produzir a comunicação sem que houvesse necessidade de se passar pelos códigos da escrita ou da leitura:

Mal sabendo ler ou não o sabendo de tudo, não tendo nenhum outro meio de comunicação do pensamento, criou canções. A ausência do hábito de leitura deu a essas produções, formas que permitem ser facilmente guardadas, recitadas ou cantadas (BARROSO, 2013, p.43)

Nas décadas de 1950/60 os estudos sobre folclore e cultura popular sofreram severas críticas por defenderem uma prática não científica, ocasionando a desvalorização da cultura popular e do folclore, ocorrendo também a perda das discussões sobre os significados até mesmo das tradições culturais, como as festas religiosas, por exemplo.

Peter Burke (1989, p. 24) defende a ideia de que é necessário que haja uma mudança de pensamento no que tange à pesquisa sobre a cultura popular, devendo criar uma resistência a uma visão fragmentada de cultura (seja por grupo social, região ou gênero). A cultura popular se faz por meio de diferentes recursos, tais quais a escrita, oralidade, música e iconografia. Entretanto Burke (1989, p. 24) propõe uma concepção diferente quando endossa: cultura seria “um sistema de significados, atitudes e valores compartilhados, e as formas simbólicas (apresentações- formas de comportamento, como festas e violência – e artefatos – construções culturais como categorias de doença ou política)”.

No entanto, a cultura popular atualmente tem exercido papel fundamental para entender as características de cada camada social. Os profissionais da educação que possuem alunos pertencentes às camadas mais populares têm inúmeros desafios e dificuldades para compreender como ensina - los. Para que isso ocorra é necessário que se conheça sua realidade para que seja possível ensinar, valorizando o mundo no qual ele está inserido.

A cultura popular é feita de relações socioculturais envolvendo todas as classes de pessoas e grupos sociais, e a partir deste pensamento Canclini (1997, p. 8) acrescenta que a transgressão da tradição é também, muitas vezes, vista com humor. Uma festa, por exemplo pode não acabar com as hierarquias, mas promove uma relação mais livre e criativa com as tradições herdadas.

Segundo Albuquerque Junior (2013) o Folclore ou Cultura Popular se constituiria de forma diferente das outras ciências, pois ela não seria baseada na construção de novos conhecimentos, mas seria pautada na reunião de documentos e provas e não de suposições ou baseada em vestígios sem veracidade comprovada cientificamente.

Cascudo (2013, p.148) afirma que este processo não se fez sem nenhuma dificuldade, tendo seu início a surgir por volta do século XIX, agregando valor às suas pesquisas, portanto, para ser respeitado era preciso citar-se nome estrangeiro, Albuquerque Junior coloca que:

Como deixam entrever os textos de Afrânio Peixoto e Câmara Cascudo, o Folclore, por ser um saber, uma área de conhecimento muito recente ainda não tinha o prestígio de outros saberes. Tendo surgido no século XIX, para se afirmar tenderá a se propor ocupar o lugar de outros saber, como a Antropologia e a Etnografia, e o lugar da própria História. O folclore é apresentado como sendo outra forma de se fazer História, ele trataria de uma outra história: a história do povo, a história da contribuição popular para a civilização, a história das tradições populares, que encarnariam a verdadeira história dos homens e das sociedades (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2013, p. 148-9).

É neste processo de desejo de usurpação de uma nova forma de produção de conhecimento, que a cultura popular e o folclore começaram sua caminhada rumo a cientificidade, porém há uma questão interessante a ser observada por Albuquerque Junior:

Hoje ironicamente, são os próprios historiadores que tomam o popular e a cultura popular como sujeito e objeto que fazem a história se tornar outra, uma história mais verdadeira, uma história mais próxima do que efetivamente se passou. Se quiséssemos cometer um anacronismo bem humorado

poderíamos dizer que Peixoto propõe, na citação acima, o Folclore como uma “história vista de baixo” (ALBURQUERQUE JUNIOR, 2013, p. 149).

Este fato demonstra a importância que o folclore e a cultura popular tiveram na transformação das pesquisas dirigidas a estes campos e a outros, assim fazendo com que outras áreas do conhecimento, já tidas como ciência, deslocassem seus olhares para um novo campo de pesquisa, que se mostrou desde o começo muito promissor, em relação a uma nova visão da história.

Outras perspectivas ainda se mostram importantes dentro da historiografia E uma delas seria a construção da cultura popular por meio dos registros atemporais. O conceito de memória é crucial para a formação de uma sociedade, pois é por meio dela que se mantém vivas as tradições e costumes do passado, ou seja, as suas representações.

A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas (LE GOFF, 1990, p. 364).

Partindo desta afirmação pode-se analisar a complexidade deste conceito frente a toda uma gama de possibilidades que ele pode oferecer no que concerne a construção de um conceito de cultura.

Entretanto, a área que nos interessa nesta pesquisa está relacionada a construção de uma tradição e às estratégias utilizadas. Neste sentido a narrativa é uma das formas que contribui para a permanência destas tradições, tal qual a Festa de Nossa Senhora ‘a Abadia.

Considera que o ato mnemônico fundamental é o comportamento narrativo que se caracteriza antes de mais nada pela sua função social, pois que é comunicação.[...] Isto significa que, antes de ser falada ou escrita, existe uma certa linguagem sob a forma de armazenamento de informações na nossa memória. (LE GOFF, p. 1990, p. 365)

É por meio da narrativa que passamos de geração a geração as nossas memórias, costumes e tradições, como culinária, vestuário, festas religiosas, que, no entanto se modificam durante os anos agregando novos ritos, na tradição original, Diehl (2002, p. 87) afirma que “a narratividade abarca uma especificidade lógica do leque de relações da linguagem através da qual pessoas narram representações do passado pela historiografia e literatura”.

Toda narrativa se faz por meio de um discurso fundador que desta forma pode designar uma ampla constelação de elementos discursivos.

Neste sentido, discurso (logos) e anoma (que conhece), vinculando linguagem e história, articulam-se em combinações diferentes, resultando daí as várias tradições históricas que nada mais são do que traduções do passado. Em outras palavras, as narrativas são traduções e leituras diferentes do passado que, dependendo das combinações e ênfases variadas, possibilitam as mais diferenciadas, leituras interpretativas do passado. Porém, todas as possíveis tradições possuem algo em comum. Todas elas demonstram ser incompletas e transitórias, mesmo que busquem a perfeição do passado. (DIEHL, 2002, p. 102)

Portanto a memória se faz fundamental para a construção de qualquer sociedade, principalmente no que tange à permanência das tradições e costumes, pois é por meio dela que se pode preservar a cultura e suas representações, fazendo com que ela seja passada de geração a geração, mantendo-se viva mesmo em meio às transformações culturais de cada sociedade.

O folclorista é aquele que, ao mesmo tempo, produz o testemunho, o analisa e o escreve. Este busca construir seu trabalho a partir da investigação e construção de arquivos diretamente, sem que haja o uso excessivo da interpretação ou dedução, que neste sentido é muito utilizado por outras áreas, tal como a história.

Este tem por objetivo segundo Albuquerque Junior (2013, p. 157), buscar as origens, a manifestação mais afastada daquilo que circulava no meio do povo. Cabia ao profissional do folclore ou da cultura popular trazer à consciência do povo de onde vieram aquelas matérias e formas de expressão utilizadas sem saber.

Entretanto, na busca dessas origens algumas questões foram sendo investigadas, e descobriu-se que a maior parte dos trabalhos tidos e nomeados como populares tinham sua descendência nas sociedades grega e romana antigas, o que se mostra ainda mais surpreendente quando Cascudo (2013 p. 159-60) confessa que: ouviu da boca de sua ama de leite, da mulher analfabeta e pobre, da mulher sertaneja, que cuidou dele em grande parte de sua vida, dos lábios de Bibi, trechos inteiros de Decameron, de Giovanni Boccaccio. Segundo o autor não fazia a mínima ideia de sua origem, mas declamava de maneira esplendorosa e era ouvido por ele com deleite e espanto.

Portanto, a cultura popular tem suas origens, em uma grande diversidade de povos e é nas grandes civilizações, que estes estão enraizados, porém nesta busca por origem, tem-se falado pouco em relação ao Brasil por que há inúmeras dúvidas



sobre suas origens, mas temos um ponto de partida que pode ser considerado como um mito de origem sobre a poesia popular no Brasil, que se faz na pessoa do padre José de Anchieta:

[...] o jesuíta o catequizador, seria a semente da qual teria germinado a literatura nacional. Os seus autos, mistérios, os dramas de fundo religioso, com simbólicas divindades representando o vício e a virtude, seriam o ponto de partida, a rocha de onde teria jorrado o fio d'água, a estrofe nas florestas virgens, para se fazer caudal como correr dos séculos. O gênero monótono do canto e poesia dos indígenas, embora estivessem eles cercados por uma natureza e levassem uma vida que representava motivos fecundos de poesia, teria se transformado quando o homem branco lhe trouxe a riqueza vocabular que lhes faltaria (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2013, p.167).

Este primeiro momento, no qual se percebe a origem das manifestações culturais brasileiras, pode-se observar que a busca pela comprovação de uma origem definida pode ser um problema, o que ainda será agravado com a mistura de outros povos como os europeus e africanos, o que dificultará ainda mais a definição que segundo Albuquerque Junior (2013) vera uma tarefa ainda mais complexa, pois muitas manifestações culturais eram marcadas pela união ou justaposição de elementos de tradições culturais adversas.

Partindo desse pressuposto, o processo de abasileiramento das manifestações culturais ocorreu segundo as mutações que os contos populares portugueses sofreram ao serem trazidos ao Brasil, como exemplo o conto da festa do céu: O conto europeu, que tinha a tartaruga e a águia como personagens centrais, entretanto no Brasil utilizou-se o sapo e o urubu, animais que seriam comuns em nossa fauna, o que daria uma maior representatividade ao conto (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2013, p. 169).

Portanto, o que se pode observar na busca para a compreensão do que vem a ser a origem da cultura popular, ou folclore, sempre acaba retrocedendo a uma cultura antiga. O popular é pretexto para demonstração de erudição, uma FONTE de prestígio e destaque numa sociedade em que o letramento era raro e em que não se exigiam do conhecimento fins práticos (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2013, p. 173). Evidencia – se de certa forma uma relação à pesquisa dos historiadores, que buscam uma cronologia dos fatos para explicá-los.

A própria escrita da obra folclórica é encarada como uma a atividade de prolongamento no tempo destas tradições ditas ancestrais, uma contribuição

à continuidade de costumes e crenças, uma maneira de tornar presente este tempo atemporal, este tempo que não passa. (Idem, 2013, p. 175)

Entretanto, o que marca a relação do folclore e mais tarde da cultura popular, está na;

Visão continuísta e historicista, tanto do evento histórico, como do chamado fato folclórico. Observados pelo mito de origem, empenhados na construção de uma história que, em grande medida, ao invés de elaborar uma narrativa do temporal, ao invés de construir narrativamente o tempo, que seria a tarefa da historiografia, termina por negar o passar do tempo, termina por construir uma narrativa intemporal. . (Idem, 2013, p. 176)

Desta maneira, o que se pode perceber é que os estudos sobre folclore ou cultura popular são distintos no que tange principalmente à forma como as informações são recolhidas, os métodos e técnica utilizada para a fundamentação teórica das obras ditas populares, entretanto em outros pontos elas se assemelham quando se fala na construção de uma narrativa, numa visão continuísta da história e com o tempo vai se modificando para atender às necessidades que o tempo apresenta a cada geração.

É neste sentido que a modernidade promove inúmeras transformações nas tradições, principalmente nas festas religiosas, como as festas do século XIX.

O que temos hoje em comum com estas festas do século XIX? Além da fogueira, fogos controlados e algumas comidas “típicas” para onde foram as “galinhas, os ovos e perus”, presentes nas ceias descritas por Mello Moraes Filho? E as superstições de São João? Onde e quando passaram a fazer parte das festas as quadrilhas, as bandeirinhas os trajes e as músicas caipiras, o casamento na roça e as barraquinhas de comidas e jogos inocentes (ABREU, 2003, p. 17).

Portanto, a cultura popular propõe discussões dentro da história cultural, fazendo uma abordagem baseada na oralidade. Estas mudanças influenciam de forma contundente nas características das tradições no que se referem às festas religiosas. Entretanto, para perceber essas mudanças se faz de suma importância entender quais são as características que conseguem manter vivas mesmo após todas as transformações que são imprimidas pela sociedade moderna.

[...] certas marcas das festas juninas atuais – o traje e a música caipiras, o casamento na roça e as barraquinhas, por exemplo - teriam passado a fazer parte da festa entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX, quando as maiores cidades, como a capital da República e São Paulo, passaram por inúmeras transformações modernizantes, afastando-se do mundo rural. Exatamente nesta época ganham expressão na literatura e nos

textos teatrais as figuras do caipira ou matuto, do sertanejo ou caboclo, representando o interior e o atraso frente ao pretenso progresso das cidades. As festas juninas teriam se transformado em festas caipiras (ABREU, 2003, p. 17)

Percebendo estas mudanças, observa-se que na constituição de uma tradição a festa tem passado por inúmeras readaptações com o intuito de atender às necessidades do seu tempo. A nova sociedade do século XX vê no rural a oportunidade para se fazer moderna, fazendo essa correlação em que rural torne-se atraso, rústico e não civilizado e o urbano moderno, civilizado, o que faz com que as características sejam marcantes nas transformações sofridas nas tradições.

É obvio que nem todas essas tradições perduram: nosso objetivo primordial, porém, não é estudar suas chances de sobrevivência, mas sim o modo como surgiram e se estabeleceram. Por “tradição inventada” entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente; uma continuidade em relação ao passado (HOBBSAWN E RANGER, 2002, p.09).

Partindo desta ideia Hobsbawn e Ranger (2002) afirmam que tradições são reações às circunstâncias novas que agem como referência a circunstância anterior ou colocam o seu próprio passado por meio de uma repetição quase obrigatória.

#### 1.1.1 Catolicismo Popular

O Catolicismo popular é formado por meio de inúmeras manifestações culturais e religiosas que envolvem toda uma comunidade, sendo uma delas as festas ocorridas nas pequenas sociedades rurais por todo seu território, e têm por objetivo homenagear seus santos, seus milagres.

Todavia algumas outras características compõem as festas em louvor em Goiás, como o ciclo católico de comemoração aos santos, outra característica, é a mudança de foco em relação à realização das festas, já que muitas vezes deixam de ter somente apelo religioso e envolvem interesses econômicos e políticos.

Acontecimentos rituais de envolvimento coletivo são quase sempre ligados às festas dos ciclos católicos, em Goiás. São as festas de santos padroeiros ou festas de homenagem ampliada a algum personagem religioso de culto mais difundido ou digno de homenagem maior. As festas do Divino Espírito Santo estão neste segundo caso. Há, é verdade, uma série de festas de introdução recente, em que o profano pretende substituir o religioso, e o econômico, o sobrenatural. São festas que poderiam ser classificadas como rituais de calendário. Por que sendo anuais, separam períodos agrícolas e

geralmente comemoram as colheitas dos produtos dominantes em algumas cidades ou regiões (BRANDÃO, 2004, p. 35) .

As festas religiosas têm sua base na fé e nas crenças religiosas, a fim de criar um elo entre o transcendental e o ser humano comum; é o momento em que a religião cria um vínculo entre o divino e o mortal. Para compreender esta ligação será proposta uma discussão acerca da relação que o Catolicismo cria na construção de tradições e manutenção da fé e das crenças em sua instituição.

O Catolicismo no Brasil pode ser apresentado em três grandes versões: Catolicismo Popular, Catolicismo Romanizado e Catolicismo Pós Vaticano II. Apesar dessas modalidades de Catolicismo surgirem cronologicamente nesta ordem: o Catolicismo popular no período colonial, o Catolicismo Romanizado no final do século passado e o Catolicismo Pós Vaticano II na modernidade pós-conciliar dos anos sessenta, isto não significa dizer que ao entrar em cena uma nova modalidade à outra se extingue (CAMURÇA, 1996, p. 02).

O Catolicismo tem grande influência nas tradições religiosas brasileiras, porque muitas dessas tradições foram trazidas no período da colonização e posteriormente agregadas a outras tradições de outros povos e culturas, como a indígena e africana.

Essa divisão segundo Camurça (1996) entre Catolicismo popular, Romanizado e Pós Vaticano II, tem em seus interesses e perspectivas ligadas de várias formas, sendo que o primeiro e terceiro estão mais relacionados ao “popular”, ao povo, já o segundo mas ligado a uma “elite” dominante, entretanto eles não divergem em todos os sentidos no que diz respeito a perspectiva tradicional e popular. Os Romanizados se opõem à modernidade proposta pelo Vaticano II, já na perspectiva institucional o Romanizado e o Vaticano II têm perspectivas parecidas opostas a uma visão mais espontânea do Popular.

Associado ao projeto colonial português no chamado regime do Padroado Régio. Daí alguns autores chamá-lo Catolicismo Rústico. Aporta na terra conquistada junto com o poder metropolitano, ritualizando no ato da primeira missa esta relação. Por isso, Freyre ressalta "ser tão difícil separar o brasileiro do Católico" (FREYRE, 1974, p. 29).

A ligação entre o Catolicismo e o povo brasileiro, de origem antiga agrega ainda mais valor sobre a sua construção indentitária do Catolicismo no Brasil por ser difícil dissociar o brasileiro do católico.

No Brasil, o Catolicismo terá início em um regime de caráter leigo, por não haver a presença efetiva do clero no interior do Brasil, tendo assim de se organizar de maneira improvisada para a realização das cerimônias, em suas crenças e devoções. A partir deste ponto estruturam-se irmandades e confrarias leigas que passaram a lidar com a religiosidade popular, permitindo que o fiel se dirigisse diretamente ao Santo protetor sem a mediação clerical, a qual demonstra uma ligação mais íntima entre o divino e o homem.

O elemento central deste Catolicismo Popular se centra na figura do Santo, que pode ser, tanto os santos canonizados do Catolicismo, quanto uma pessoa da trindade, almas ou diferentes denominações da Virgem Maria. O Santo que é padroeiro, padrinho, se encontra ligado a vida cotidiana do devoto, protegendo-o em todos os momentos (CAMURÇA, 1996, p. 04).

O Catolicismo no Brasil, desde cedo, teve forte influência sobre o modo de vida da população e buscou se fixar como religião principal nas novas terras. Uma das características marcantes do Catolicismo se faz no papel do santo como intercessor dos fiéis em relação a Deus. É neste sentido que o Santo escolhido como padroeiro, padrinho, está intrinsecamente ligado à vida cotidiana do povo, em uma relação de protetorado e atendimento a todas as angústias e desejos.

A Festa do Santo se transforma no momento de "efervescência social" por excelência da coletividade, quando a sociedade através destes rituais reforça seus laços e estruturas. A crescente movimentação popular em torno do Oratório, pode por "milagres" ou "revelações" promovidas pelo Santo, transformá-lo em um Santuário que se converte em centro de romarias e peregrinações, potencializando ainda mais o sentimento religioso deste homem do campo tão isolado (CAMURÇA, 1996, p. 05)

Logo fica marcado o papel fundamental da festa na constituição das tradições católicas em território brasileiro recém-descoberto, se consolidando desta forma os seus laços e estruturas, com a obtenção de milagres ou revelações de santos, fazendo com o que o lugar da festa se transforme em santuário, crescendo o sentimento religioso daquele povo.

Neste primeiro momento da construção das tradições católicas no Brasil, observa-se o importante papel do coletivo na constituição da fé e na crença nos santos católicos, entretanto o mais importante neste período é a relação íntima da população com a sua divindade, sem que houvesse uma intervenção maior do clero na determinação de ritos e rotinas eclesiais nas comunidades. Isso demonstra certa

liberdade de manifestação popular, o que gera no povo um sentimento ainda maior de libertação.

### 1.1.2. Catolicismo Romanizado.

O sentimento de liberdade não vem a ser perpétuo no Brasil. A partir da 2ª metade do século XIX, no momento em que na Europa surge o movimento modernista a igreja, se separa do estado, limitando assim a influência da mesma na sociedade, sendo o intuito conter e resguardar a igreja de possíveis perdas de fiéis diante dos novos tempos.

Portanto, faz-se necessário segundo a igreja mudar a forma de lidar com o povo para evitar o enfraquecimento da fé e das crenças do povo em relação ao Catolicismo, surgindo assim o Catolicismo Romanizado. Segundo Camurça (1996, p. 05) está centrado nos sacramentos, numa rígida moral sexual e no monopólio do clero sobre os sacramentos e ainda pelo ensinamento doutrinário; esta forma de Catolicismo fará do sacerdote o fulcro de todas as iniciativas.

Dessa forma ampliou-se o poder da igreja sobre as suas tradições mais antigas, havendo a interrupção da relação mais estreita já existente entre o divino e o ser humano, desde o começo da colonização.

Para exercer este controle maior sobre os sacramentos a igreja passou a substituir a crença do Catolicismo popular, por uma nova forma mais ligada a tradição ortodoxa da igreja: neste sentido, promove a substituição das "reliquias" dos santos do Catolicismo popular pela "presença viva" do Cristo, materializada nos ostensórios expostos à veneração dos crentes (CAMURÇA, 1996, p. 06)

Consequentemente exigiu-se mais comportamento do povo frente à nova postura do novo Catolicismo, e neste o povo não terá mais a liberdade de expressar sua fé e crença em qualquer lugar como antes, passando a expressar sua fé somente dentro dos templos, o que proporcionou à igreja um maior controle do clero, se colocando em contraposição ao Catolicismo popular, leigo, verdadeira ameaça a nova laicização provocada pelo movimento modernista na Europa.

No entanto, esta postura romanizada mas tradicional do catolicismo, perdurou até o começo da década de 1960, quando o catolicismo Pós Vaticano II, começou a

fazer uma interpretação inovadora em relação ao evangelho, valorizando seu papel social no que tange à transformação da sociedade.

Defendem uma renovação no campo bíblico, tendo como enfoque principal uma visão bíblica da história humana como história de salvação e libertação do homem, baseada na referência ao povo judeu cativo no Egito; sua estrutura de cativo e demanda de libertação. Estimulam uma abertura para a Palavra e a Bíblia na doutrina e liturgia católicas com a criação de "círculos bíblicos" que realizam suas reuniões mesmo com a ausência do padre, o que levou alguns autores a falarem de uma "protestantização" da Igreja Católica. Sua estruturação passa ser menos paroquiana como a do modelo Romano e mais social, espalhada pelos diversos segmentos da sociedade (CAMURÇA, 1996, p.06)

Esta nova forma de lidar com o catolicismo no Brasil, remeter-nos ao período de colonização, quando a relação entre o ser humano e a sua divindade, não havendo controle das manifestações de fé e crença do povo, o que para o momento em questão se torna importante, porque é a partir deste que é permitido ao povo se ligar de forma mais íntima às tradições como as festas, proporcionando desta forma o crescimento do sentimento religioso no povo.

Todas estas transformações em relação à postura do catolicismo no Brasil têm sido geradas de acordo com o tempo e a realidade de cada sociedade. Em um primeiro momento o catolicismo teve uma postura mais popular, isso não conforme a vontade da igreja, mas sim porque ela não conseguia no começo da colonização brasileira disponibilizar pessoas suficientes para fazer esse elo entre o povo e Deus.

Em um segundo momento esta perspectiva foi mudada, isso por que a igreja ao perceber o desenvolvimento econômico europeu e o processo de separação do estado e a intensificação da laicalização da sociedade viu a necessidade de restringir a postura popular, para evitar uma perda considerável em relação ao seu número de seguidores, o que causou grandes alterações no que tange à forma como as manifestações religiosas deveriam ser feitas e aos locais que deveriam ser realizadas, sendo assim somente dentro da igreja era permitido tais manifestações.

### 1.1.3 Pós Vaticano II

A última vertente do catolicismo tem como finalidade promover um retorno a postura assumida já no século XX, ao procurar realizar um trabalho de evangelização mais voltado para uma transformação social.



Outro fator interessante em relação ao Catolicismo, principalmente ao popular é sua grande abrangência, que até então era considerada como a religião com o maior número de adeptos no Brasil. Segundo Steil e Herrera (2010) esta situação começou a mudar nos anos posteriores, como mostrado na tabela abaixo, que delinea a tendência de diminuição dos católicos e um crescimento dos protestantes e dos sem religião.

01. Tabela sobre o índice de seguidores das religiões católica, protestante e dos que se consideram sem religião no Brasil

	1980	1991	2000	2010
<b>Católicos</b>	89%	84%	74%	64%
<b>Protestantes</b>	4%	9%	15%	22%
<b>Sem Religião</b>	1%	5%	7%	8%

FONTE: IBGE (Censo 1980/1991/2000/2010)

Essas mudanças ocorridas em relação à crença dos brasileiros nos instigam a uma investigação ainda mais direta sobre o Catolicismo no Brasil, principalmente na sua forma popular, praticado pela maioria da população.

Segundo Steil e Herrera (2010) o sincretismo do Catolicismo brasileiro entre os anos de 1870 a 1920 é uma linha de atraso cultural e social do país. Esta visão também era partilhada por outros intelectuais da época e o novo clero, com uma visão mais romanizada, provocou inúmeras discussões em relação à postura mais popular do Catolicismo naquele momento.

A intelectualidade e o clero, em fins do século XIX, entendiam tal variedade de cultos como prova de desenvolvimento cultural, social e econômico retardado do seu país. Nas sociedades civilizadas – julgavam eles – não seriam encontrados esses cultos bárbaros, essas práticas extraordinárias, esses rituais arcaicos, essas cerimônias fora de época que no Brasil faziam as delícias dos etnólogos e dos folcloristas (QUEIROZ, 1988, p. 68).

A construção do Catolicismo no Brasil iniciou-se no começo de sua colonização, e em virtude da pouca interferência da igreja em um primeiro momento fez com que o número de pessoas adeptas ao Catolicismo popular fossem maioria, entretanto algumas mudanças ocorridas na Europa como o processo de modernização industrial e as novas escolas teóricas fizeram com que a igreja mudasse a sua postura em relação às manifestações religiosas, restringindo a relação



que antes existia entre o povo e Deus, que se estabelecia de uma forma mais íntima, mais próxima.

Estas mudanças de postura influenciam de forma importante as transformações ocorridas nas tradições culturais católicas como as festas e louvores aos santos. Durante o passar do tempo as principais características das mesmas sofreram alteração e nem sempre as mais importantes são mantidas.

Este motivo de grande preocupação para a igreja, que até os dias atuais tem sofrido com a migração de seus fiéis para outras religiões. Entretanto, a igreja tem promovido mudanças em sua postura e para mudar a visão do povo em relação ao Catolicismo tenta transformar a igreja em um espaço de apoio e mudanças sociais reatando laços entre um Catolicismo mais popular, voltado para as manifestações mais simples e sem tanta interferência, porém com traços de modernidade propostas pelo Catolicismo Pós-Vaticano II, à partir da 2ª metade do século XX.

## **1.2 Cultura Imaterial em Goiás**

Geovanni Levi foi um dos primeiros a elucidar a discussão sobre este conceito trabalhando com a herança imaterial e a forma como ela se coloca na construção histórica.

De que fala, na verdade, A herança imaterial? O leitor apressado perceberá de passagem diversas respostas possíveis, das quais nenhuma é absolutamente errada, mas que tampouco são exatas e que, por outro lado, são aparentemente difíceis de ajustar entre si (LEVI, 2000, p. 22)

Essa complexidade torna este conceito ainda mais instigante, e a partir deste ponto Levi (2000) nos convida a visitar a sociedade camponesa do antigo regime na França, onde o pensamento consolidado era de que o mundo não deveria inovar, mais manter – se imóvel, conservador, sem que as pessoas não pudessem por si só, promover iniciativas autônomas, permanecendo e se adaptando às mudanças e aceitando o que lhe era imposto.

Para entender essa relação Levi faz uma análise de um exorcista no Piemonte no século XVII, quando estuda a forma como a herança imaterial e o poder que a faz capaz de manter-se ativa em meio a uma sociedade conservadora, no qual os grupos criam formas para manter suas lembranças, apesar da resistência do Estado Moderno.

[...] as coisas não se deram exatamente dessa forma: nos intervalos entre sistemas normativos estáveis ou em formação, os grupos e as pessoas atuam com uma própria estratégia significativa capaz de deixar marcas duradouras na realidade política que, embora não sejam suficientes para impedir as formas de dominação, conseguem condicioná-las e modificá-las (LEVI, 2000, p. 45).

Isso mostra que mesmo em uma sociedade em que se pregava um conservadorismo, uma imobilidade, havia em alguns momentos o rompimento desses preceitos, em prol de uma necessidade maior, que é o saber, o conhecimento para a posteridade, para que se mantenham vivos as suas lembranças, memórias.

[...] um lugar banal e uma história comum. Santena é uma pequena aldeia e Giovan Battista Chiesa é um tosco padre exorcista. Entretanto, é exatamente esta cotidianidade de uma situação vivida por um grupo de pessoas envolvidas em acontecimentos locais mas, ao mesmo tempo, interligadas a fatos políticos e econômicos que fogem a seu controle direto [...] São, enfim, as estratégias cotidianas de um fragmento do mundo camponês do século XVII, a nos colocarem por analogia, temas e problemas gerais e a porem em discussão algumas hipóteses que uma visão de fora, menos microscópica, nos habituou a aceitar (LEVI, 2000, p. 46).

Levi (2000, p. 47) ainda acrescenta:

A herança imaterial é portanto uma tentativa de decifrar a repartição local de uma história que pensávamos conhecer e que não deve ser lida apenas de cima para baixo; um esforço para colocar alguma ordem na desordem aparentemente não-essencial do cotidiano. Esse esforço, portanto, vira heroicamente as costas aos dois modelos de análise que têm prevalecido nas ciências sociais contemporâneas: ao modelo funcionalista e ao modelo estruturalista, para opor-lhes uma análise de tipo estratégico. Assim compreende-se, sem dúvida, que o personagem central deste livro não seja nem o exorcista Giovan Battista Chiesa nem mesmo a comunidade de Santena, mas sim uma noção abstrata e no entanto onipresente por trás dos comportamentos e das escolhas: a incerteza.

Levi ressalta que a relação entre o povo e os fatores externos contribuem de forma sistemática para a manutenção da herança imaterial, pois tudo que está a volta é cercado de incertezas e imprevisibilidades. “Esta incerteza não deriva apenas da dificuldade em prever o futuro mas, também, da consciência de que dispõe de informações limitadas quanto às forças que operam no ambiente social no qual se deve agir” (LEVI, 2000, p. 27).

Partindo desse pressuposto percebe-se que para o homem conseguir controlar essa incerteza é necessário que controle a previsibilidade das coisas, para que assim possa, criar estratégias de controle sobre a incerteza e adaptar-se ao meio.

Portanto, a sobrevivência desse grupo só ocorrerá caso o mesmo consiga controlar de maneira mais eficaz tanto o meio natural e social.

A discussão a respeito da herança e a transmissão da cultura imaterial é bastante complexa e complicada, em virtude da amplitude de interpretação, entretanto de suma importância para entendermos como a cultura imaterial é transmitida de geração em geração como patrimônio, sendo este:

[...] um conjunto de práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas que as comunidades reconhecem como parte integrante de sua cultura, tendo como uma de suas principais características o fato de tradicionalmente ser transmitido de geração a geração, gerando sentimento de identidade e continuidade em grupos populacionais (COSTA e CASTRO, 2008, p. 127)

Essa transmissão de conhecimento, costumes e práticas é o alicerce da construção do patrimônio imaterial e geralmente é transmitido por meio da oralidade, do mais velho para o mais novo e assim por diante, geração após geração, consolidando assim as tradições e continuidade de uma herança. Entretanto, a tentativa de fazer com que esse patrimônio cultural imaterial de cada povo seja transmitido é um grande desafio para que a nação não perca a sua memória.

Se a memória se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censura ou projeções, o registro do patrimônio imaterial é uma tentativa desesperada de fazer com que a nação se reconheça como pertencente a esses locais, construindo uma história que pertence a todos e a ninguém. Buscando preservar essas memórias locais, essa política de patrimonialização pode estar possibilitando a continuidade histórica desses saberes, modos de viver e fazer, que enquanto memórias dos grupos se enraizavam nos espaços a que pertenciam e nas relações afetivas que a mantinham (COSTA , CASTRO, 2008, p. 128).

A política de patrimonialização é uma iniciativa desenvolvida, pelo IPHAN, (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) a fim de promover no espaço local um registro de seu patrimônio, com o objetivo de manter vivo as memórias locais para gerações futuras, e criar tanto em um âmbito nacional uma história que promova um sentimento de que a cultura imaterial pertencente a todos e a ninguém ao mesmo tempo, criando assim uma história coletiva. Todavia há um forte desafio, pois cada povo e região tem características próprias e diferentes,

Do ponto de vista da perspectiva psicossocial, estudar as memórias é um trabalho sobre o tempo, mas sobre o tempo vivido, contado pela cultura e pelo indivíduo e esse tempo vivido, não flui uniformemente, cada grupo o vive diferentemente, assim como cada pessoa. Se desejamos preservar essas memórias temos que compreender a existência e a própria sobrevivência desses grupos (COSTA, CASTRO, 2008, p. 130).

Logo são essas diferenças de cada povo que geram a necessidade de direcionar um olhar mais atento ao patrimônio imaterial que estes produzem e praticam em suas localidades. Portanto, a transmissão da herança imaterial e a continuidade dessa cultura são imprescindíveis para a construção de uma identidade, em Goiás, temos exemplos de algumas dessas tradições que tentam se manter vivas em meio as mudanças cotidianas.

### 1.2.1 Festa do Divino

A festa do Divino significa um momento muito importante na fé cristã porque constrói sua legitimidade por meio da representação de um momento crucial na vida dos apóstolos - a aparição do Espírito Santo a eles - sendo assim uma oportunidade ao povo cristão de relembrar as tradições religiosas.

Festa do Divino Espírito Santo é uma das várias manifestações da religiosidade católica que se popularizaram em diversas regiões ocidentais, sobretudo europeias, a partir da Idade Média. Esta festividade é celebrada cinquenta dias depois da Páscoa, em comemoração à representação da descida do Espírito Santo sobre os apóstolos (SILVA, 2000, p. 20).

A reverência ao Divino tem sua origem em um conflito dentro da Igreja Católica, devido a Joaquim de Fiore, defendeu a ideia dos três tempos da humanidade, primeiro o tempo do pai, a era do filho (Jesus Cristo) que iria até o ano de 1280 e a era do Espírito de 1280 em diante; nesse período o conhecimento sobre as escrituras desenvolveria uma espiritualidade que superaria a era de Cristo, a qual fortemente contestada pela hierarquia da Igreja Católica, mais tarde influenciando espiritualmente a ordem franciscana.

Somente a partir do final do século XIV e 1ª metade do século XV a festa se difundiu pelas colônias africanas, a Índia e aos arquipélagos de Açores e da Madeira e, posteriormente, ao Brasil e à América Portuguesa, ocorrendo em um momento de grandes conquistas portuguesas no comércio e colonização.

As festas e tradições populares, de um modo geral, tiveram um importante papel na mediação entre as diversas culturas que se confrontaram, a partir da colonização do Brasil. Coube à Igreja o papel de difusão dessas

manifestações, embora muitas delas fizessem parte do gosto da população portuguesa que, mesmo em terras, procurava praticá-la (SILVA, 2000, p. 22)

A Festa do Divino é uma manifestação luso-brasileira que ao chegar ao Brasil se espalhou por seu território durante a colonização e assim se adaptou a várias regiões à medida em que o Catolicismo Popular se dinamizava. Entretanto, a diversidade de personagens, símbolos e eventos propostos pela sociedade local, foram observados outras manifestações, como procissões, fogos, novenas, cavalhadas e reinados entre outras, como afirma Silva (2000).

Em Pirenópolis, percebemos que os festejos do Divino reuniram várias dessas manifestações, uma parte delas comuns a outras festas, como é o caso das procissões, do levantamento de mastros, dos fogos, das novenas, dos teatros e outros, que adquiriram significados específicos e singulares, por exemplo, as folias, os reinados e juizados e as cavalhadas. Entendemos que tanta multiplicidade dinamizou-se nesta festa e ao longo do tempo foi sendo recriada a partir de momentos de mudanças (SILVA, 2000, p. 33).

A Cavalhada tem por objetivo, segundo Brandão (2004) criar uma representação dramatizada de conflitos entre duas partes radicalmente opostas quanto a seus valores e crenças.

As duas crenças se apresentam como absolutamente irreconciliáveis. Veremos que nos discursos ninguém defende a própria fé nem ataca a do “outro lado” através de uma fala demonstrativa de atributos. Elas são opostas sem nuances e sem aproximações. Assim a exortação que os reis se fazem um ao outro é direta. Não se apresentam motivos de fé para a conversão, mas as alternativas da derrota (e possível morte ou desgraça) no caso na manutenção da crença oposta, e de nobres honrarias e real amizade, no caso de conversão “à minha crença” (BRANDÃO, 2004, p.37).

Esta disputa de crenças, de um lado a religião católica e do outro os mouros ou islâmicos no seio das Cavalhadas, ocorre durante todo o ritual, e acaba somente quando uma derrota o outro, reconhecendo a fé do seu oponente como a verdadeira, realizando assim a sua conversão. Brandão (2004) enfatiza que o rei cristão tenta explicar ao rei mouro a sua crença, mesmo que o rei mouro não faça declarações nem a favor da sua nem contra a do rei cristão. Entretanto há uma tentativa de fazer um acordo para que a disputa não aconteça.

O rei cristão pede que ele deixe Mafona aceite a sua crença e deixe-se batizar, pois assim receberá honrarias e sua amizade, mas se negar receberá a morte e humilhação como punição por não se converter. Em contraposição o rei mouro exige que seu adversário deixe a crença em Cristo e se converta a Mafona e também lhe

oferece honrarias e amizade caso aceite a conversão, mas caso não aceite a guerra será feita e muitos cristãos perderão a vida.

Analisando as falas dos reis é possível perceber algumas características importantes, tais como a definição da crença cristã e ao mesmo tempo o ataque a seu adversário e, em um segundo momento, antes que a batalha ocorra tanto o rei cristão quanto o rei mouro oferecem oportunidades para que a guerra seja evitada, por um lado a conversão por meio do batismo e por outro o aceite de que Mafona é a verdadeira crença e, caso uma das conversões seja realizada, honrarias e amizade são oferecidas como recompensas.

Entretanto o acordo entre eles não é aceito por nenhuma das partes, por que nenhum deles aceita mudar à sua crença e se converter a crença do inimigo, assim a batalha começa com dois grupos de cavaleiros sendo eles:

a) 12 cavaleiros, dentre eles um rei e um embaixador; b) lutam com as mesmas armas: uma lança uma pistola e uma espada; c) têm as mesmas condições: cada lado tem um castelo e um domínio (a metade do campo); d) todos fazem os mesmos gestos: os cavaleiros correm da mesma forma, dentro de uma coreografia (BRANDÃO, 2004, p. 40)

Observando estas características pode-se perceber que os cavaleiros tanto mouros quanto cristãos não apresentam diferenças no campo de batalha a não ser a sua crença e a partir deste ponto as diferenças são evidenciadas, como a definição da crença cristã e, a acusação sobre a crença moura, e o mesmo não é feito pelos mouros, já que o rei cristão impõe uma condição para a conversão e o rei mouro apenas propõe uma recompensa comum e o rei cristão aceita, entretanto no final com a derrota do rei mouro ele se converte redefinindo sua crença sem que o rei cristão redefina a sua.

Durante toda a luta não há simulação de batalhas que estejam a ser ganhas por um dos exércitos. Apenas ao final há uma carreira em que os mouros parecem ser cercados e presos. Assim, 24 cavaleiros lutam simbolicamente durante duas tardes e através de quase 20 carreiras. Ao final não há indicação de que um só deles foi ferido ou morto. O único morto foi o espião mouro logo de início. É evidente que a mensagem importante está na esfera das crenças e não na das lutas, embora paradoxalmente a redefinição das primeiras seja condicionada aos resultados das últimas. Por isso é nos discursos de definição de crenças e projetos, e depois da derrota do mouro, que acontecem coisas diferentes no ritual. O ponto alto das duas primeiras tarde é o momento em que o rei mouro grita a redefinição de sua crença ou seja, a sua incorporação na do outro lado. São os mesmos limites externos do espaço ritual: os mouros se transformam em cristãos. E todos se reincorporam e reconciliam em/com um mesmo universo religioso de símbolos, valores e significações do mundo e da sociedade que o ritual ao mesmo tempo condensa e evidencia. (BRANDÃO, 2004, p. 43)

Partindo desse pressuposto pode-se perceber o verdadeiro objetivo das Cavalhadas que é a manutenção e fortalecimento da crença religiosa no seio da comunidade. A Cavalhada é a simbolização das verdades conhecidas por seus membros, porém não são repetidas por serem verdades, mas são verdades por serem frequente e solenemente repetidas. É uma festa presente em várias localidades e regiões, o que demonstra sua importância não somente na cultura goiana, mas também em vários outros estados:

No interior do Brasil ainda se pode ver dramatização da luta entre mouros e cristãos. O evento costuma ocorrer por ocasião das festas juninas ou da Festa do Divino, é precedido de missa e procissão, e concluído com jogos de equitação, confraternização e fogos de artifício. Às vezes recebe o nome de “chegança” ou “mourama”, e em geral participa do que se convencionou chamar de “cavalhadas”. O ritual participa das tradições folclóricas de todas as áreas rurais, menos a Amazônica. Há registros a seu respeito em Goiás, Mato Grosso, Minas Gerais, São Paulo, Rio de Janeiro, Paraná e, sobretudo, nos Estados do Nordeste (MACEDO, 2000, p. 1)

É uma festa inserida não somente no contexto histórico goiano mas da cultura brasileira em geral.

De modo geral, as cavalhadas são atividades lúdicas e recreativas. Herdeiras dos torneios e justas, manifestam-se em jogos equestres nos quais os cavaleiros tem a oportunidade de demonstrar sua habilidade no domínio do cavalo e no manejo de armas. A competição constitui-se de provas em que os participantes devem atingir alvos previamente colocados em campo (bonecos, cabeças de papelão) e recolher pequenas argolas penduradas numa trave, tudo isso durante rápido galope. Interessa-nos focar com mais atenção a primeira parte do ritual, aquela em que prepondera o elemento dramático-religioso, quer dizer, o combate dos cristãos contra os mouros. (MACEDO, 2000, p. 2)

Percebe-se um campo de mitificação e simbologias importantes na construção da identidade da festa, mas algumas outras características também são fundamentais para compreender esta festa, como por exemplo, os personagens que compõem os rituais.

Diz –se em Pirenópolis que qualquer pessoa pode pretender-se cavaleiro, mas que apenas os mais ricos conseguem-no na prática, Cada cavaleiro além de precisa possuir um ótimo cavalo, entre arreatas e fantasias, gasta pelo menos uma quantia próxima a 2 mil reais. . ( Idem, 2004, p. 45)

Neste sentido o poder econômico tem grande influencia na organização de uma festa religiosa, já que esta é aberta a qualquer um, mas há uma exigência econômica para que o mesmo possa participar, entretanto não é somente a questão financeira que impede a classe mais baixa de ser cavaleiro, há outras questões como:



Não deve ser apenas o valor dos gastos a dificuldade por que passa o fazendeiro para montar a cavalo e se fazer cavaleiro medieval por três dias. A Participação nas cavalcadas exige ensaios que ocupam manhãs e tardes de um período que pode chegar a mais de um mês. Somente pessoas com uma produção não depende da presença exclusiva de seu trabalho direto podem, como os cavaleiros do passado que os de Pirenópolis imitam. ( Idem, 2004, p. 45)

Por outro lado, uma grande parte deles é diferenciada dentro de critérios de exclusão segundo os grupos ou classes sociais a que pertencem O que demonstra a diferenciação social nas Cavalcadas.

Nas cavalcadas, os cavaleiros são parte da elite social e representam uma elite histórica. Durante três dias suas relações com outras pessoas presentes são as seguintes: a) eles se servem dos auxiliares, que são gente do povo e fazem os papéis subalternos (o espião mouro, os escudeiros, o tamboreiro); b) integram com personagens considerados social e ritualmente “em seu nível”. Este é o caso das relações rituais entre os cavaleiros e o vigário da cidade, frente ao qual ou mouros se põem de joelhos e todos os cavaleiros descobrem a cabeça; c) comunicam-se a distância com a assistência, e quando prestam uma homenagem direta, ela é feita a pessoas escolhidas que observei serem quase invariavelmente da mesma classe social dos cavaleiros (BRANDÃO, 2004, p. 46).

Porém, esta questão não influencia na beleza que é todo o ritual que pode ser observado na imagem abaixo que expressa o primeiro momento que é preparação dos cavaleiros para a batalha.

Imagem 01: Cavaleiros se preparando para a batalha.



FONTE: (<http://www.pirenopolis.tur.br>)



Imagem 02: Dramatização da batalha entre cristãos e Mouros



**FONTE:** (<http://www.pirenopolis.tur.br>)

Em um primeiro momento o rei cristão propõe aos mouros a sua rendição e a sua conversão ao Cristianismo e mediante a recusa do rei mouro começa a batalha. A imagem representa a encenação do começo da disputa para que os reis cristão e mouro provem qual das crenças é a verdadeira:

A luta se desenvolve mediante a exibição de diferentes evoluções executadas pelos participantes, com a subseqüente tomada de um castelo. Os beligerantes vestem trajes adornados - os cristãos, com cores azuis, e os mouros, vermelho ou cor-de-rosa. Os animais também aparecem enfeitados, alguns com estrelas e outros com a lua crescente. . (MACEDO, 2000, p. 2)

As Cavalhadas sejam em Goiás ou em qualquer outra região tem como objetivo fazer com que em um dado momento do calendário haja por meio da festa uma pausa na rotina e a população foque no fortalecimento de sua fé, portanto é a partir das Cavalhadas que se forma um universo simbólico que vai lembrar um momento histórico importante na construção da fé cristã.

### 1.2.2 Congada

A Congada faz parte da cultura popular goiana, e se organiza de uma maneira específica, com hierarquia bem definida dentro e fora da Congada. Compreendê-la requer visitar o passado para conhecer a sua origem.

Segundo Freitas (2014, p. 01) a formação cultural que vem a ser mais tarde a base para a construção do congado, se consolida por meio da relação dos agrupamentos dos povos africanos em virtude das crenças e valores ligados à culturas africana e europeia. A construção e ressignificação cultural passa pela relação de força entre os que têm o poder e os dominados, nesse caso entrelaça a representação no mundo do colonizador e do colonizado.

Freitas (2014, p. 05) ainda acrescenta que no Brasil [...] os negros mantiveram os elementos básicos da tradição africana relacionado às crenças religiosas e as palavras africanas no cotidiano em que estavam inseridos”.

A Congada foi um desses elementos que se mantiveram firmes em meio ao sincretismo e a tradição católica, entretanto explicar a sua origem é uma tarefa difícil, pois a dança é originária de negros escravos que vieram para o Brasil com os portugueses.

As manifestações da Congada nos vários municípios brasileiros sempre estiveram ligadas às festas religiosas da Igreja Católica, com diversos Santos homenageados: Santa Efigênia, São Baltazar, São Domingos, Divino Espírito Santo, Nossa Senhora da Imaculada Conceição, São Sebastião, São Lourenço, Nossa Senhora da Guia, Santa Cruz e Nossa Senhora do Belém Nossa Senhora do Rosário, São Benedito. Dentre estes santos, destacam-se os dois últimos. Nossa senhora do Rosário que de acordo com as crenças dos congadeiros é a Santa que apareceu em uma gruta e foi resgatada por homens negros tornando a padroeira dos mesmos e São Benedito foi um escravo negro, que é o padroeiro dos Afro-americanos e dos negros (FREITAS 2014, p. 06).

Pode-se perceber que a Congada é uma manifestação antiga que nos remonta a um passado longínquo na África, e no Brasil por meio do agrupamento dos africanos com os europeus no que tange à formação cultural proporciona a manutenção desta manifestação durante séculos. A Congada é a reunião de vários ternos, que são formados na cidade, como as menores unidades da Congada:

Um terno de brincadores da congada não é um simples agrupamento de dançantes, capazes de tocar instrumentos, rústicos e cantar algumas músicas, enquanto executam passos de uma coreografia também simples e repetitiva. Qualquer brincador, com alguma experiência na congada de Catalão e com algum interesse em explicá-la, é capaz de construir sobre o

seu terno, a ideia de um sistema de símbolos e de relações muito mais ordenado do que ele poderia parecer a um primeiro exame (BRANDÃO, 2004, p. 77)

A Congada é composta por inúmeros participantes com funções em sua maioria simples de serem executadas, entretanto carregam um peso simbólico extremamente importante, e aos participantes não cabe ficar somente em uma determinada função toda a sua vida, já que é permitido subir de cargo, assim um soldado pode ser promovido a um capitão, e um capitão tornar-se um general, o que é uma forma de incentivo aos seus participantes, segundo um capitão dos ternos que explica sua trajetória.

Cada ano eu fui passando pra frente, até que me puseram pra trabalhar com a caixa. Ai eu marcava bem, eles gostaram e me puseram de suplente, Tudo indica que a ordem de acesso depende mais das habilidades do brincador com as caixas, passos e tambores, em nível dos escalões inferiores (soldados, guias, caixeiro). Na passagem de soldado a suplente e de suplente a capitão, ela depende mais do consenso da capacidade que o dançante tenha para exercer a liderança do grupo (presença e liderança), associada a um mínimo de criatividade, no estreito limite de invenção do ritual: ter repertório, saber improvisar cantos dentro do ritmo ou saber várias músicas, saber comandar com o bastão e o apito (BRANDÃO, 2004, p.78)

É evidente a existência de uma ordem hierarquizada bem definida dentro do terno, no que tange à promoção e subida de cargos a promoção, de um membro no nível inferior depende das habilidades como um dançante, enquanto que para chegar a capitão ou suplente dependerá da sua capacidade de liderança e presença frente a seus subordinados dentro do terno.

Portanto, para que esta promoção ocorra é necessário todo um processo de observação sobre aquele que quando tem o desejo de mudar de cargo requer ao capitão e este requer à diretoria, entretanto a escolha pela promoção vai depender de seu desempenho dentro do terno, na execução de suas funções.



### Imagem 03: Congada em Catalão

FONTE: [http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Congada\\_de\\_Catal%C3%A3o.jpg](http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Congada_de_Catal%C3%A3o.jpg)



A Congada é realizada por inúmeras pessoas que são divididas em hierarquia - o capitão, suplente do capitão, soldados e auxiliares, compondo a formação no interior do congado e acima do capitão está o general que mesmo não participando efetivamente dos festejos, organiza e gerencia a conduta dos brincadores.

[...] o general da congada responde por funções de controle sobre os ternos, junto a seus capitães, e de representação dos ternos, junto aos agentes da Irmandade, da Igreja e da festa (concretamente, o presidente, o padre e o festeiro). O próprio general da congada de Catalão é um dos membros da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e considera sua esfera de ação como "coisa da Irmandade". ( BRANDÃO, 2004, p.80)

Vale destacar que acima do capitão está formada outra parte da hierarquia da Congada que se estabelece na figura do general, rei e rainha, e ao contrário dos outros cargos, são perpétuos, portanto exercem cargos de suma importância para a Congada, em Catalão:

[...] o reinado é a própria origem da festa. Através de seus reis – negros até os dias de hoje, na cidade-, os ternos estruturam a sua festa e prestam homenagens aos seus santos da Igreja Católica. Todos sabem que a

congada é, na festa, ao mesmo tempo, o conjunto de todos os ternos e a guarda ou acompanhamento do cortejo dos reis do reinado (Idem, 2004, 80)

Ainda há outra parte da hierarquia da Congada que também tem papel fundamental na construção e manutenção da mesma, e ao contrário dos reis e general não possuem cargos perpétuos, visto que são eleitos pelos membros do congado, e exercem cargos provisórios, como o de presidente, vice-presidente, secretário e tesoureiro da Irmandade.

Mas em relação à hierarquização os membros da diretoria não estão subordinados a ninguém dentro da irmandade, nem mesmo aos reis, pois são eles que decidem sobre a família real, entretanto o presidente da irmandade responde ao padre e ao festeiro do ano.

A Congada é uma manifestação da cultura afro-brasileira que se desenvolve em várias cidades do estado de Goiás, entretanto com características semelhantes e divergentes em alguns pontos, em detrimento de cada realidade vivida em cada cidade, se consolidando como uma manifestação da cultura imaterial que se apresenta como herança e tem como objetivo promover a continuidade de uma crença e o fortalecimento da fé, causando assim a promoção de um sentimento de identidade própria.

### 1.2.3 A Procissão do Fogaréu

Procissão do Fogaréu na Cidade de Goiás apresenta-se como parte das manifestações culturais que tem contribuído para consolidação de costumes e tradições que fazem parte da cultura goiana, Lima (2012, p. 122) destaca-se que é “nesse cenário que, apresenta-se a festa religiosa da Procissão do Fogaréu, e que foi introduzida na antiga capital pelo padre espanhol João Perestrelo de Vasconcelos Espíndola, por volta de 1745”.

Partindo deste pressuposto percebe-se que a festa de Fogaréu é uma tradição antiga e de muita importância na construção da memória da cidade de Goiás.

[...] a Procissão do Fogaréu inicia-se com uma representação do caminho que os romanos percorreram na “caça inquisitorial” a Cristo. Quarenta homens encapuzados com indumentárias coloridas, denominados “farricocos” (antigamente eram doze, passando para vinte), que seriam mantenedores da ordem, carregam tochas acesas entre as ruas escuras da cidade ao som dos tambores da fanfarra (LIMA, 2012, p. 124).

Segundo Lima (2012, p. 214) eles percorrem todo o caminho descalços, saindo da Igreja da Boa Morte com sua primeira parada na Igreja de Nossa Senhora do Rosário onde é realizada a primeira pregação, dando prosseguimento a procissão.

Imagem 04) 1º Pregação da procissão na Igreja de Nossa Senhora do Rosário



FONTE: (<https://www.flickr.com/photos/joeltongodoy/6213324112/>)

Imagem 05: Procissão do Fogaréu pelas ruas da cidade de Goiás.



FONTE: (<http://argosfoto.photoshelter.com>)

Eles caminham em direção à Igreja São Francisco de Paula representante do Monte das Oliveiras, e neste momento é anunciado a prisão de Cristo; realiza – se o último ato litúrgico que é a pregação realizada pelo Bispo Diocesano e posteriormente, voltam a Igreja da Boa Morte para encerramento da procissão. Todo caminho é



percorrido no escuro, pois a companhia de energia desliga a iluminação pública para que o percurso seja iluminado pelas 40 tochas dos caçadores.

É possível reconhecer na Procissão do Fogaréu de Goiás alguns elementos que possuem uma continuidade histórica suficiente para que possamos considerá-los essenciais á celebração. Alguns estão presentes desde as origens, outros foram incorporados á tradição de forma que é impossível imaginá-la sem eles. Em algumas cidades brasileiras, por exemplo, o Fogaréu é realizado sem a presença dos farricocos. Já os moradores de Goiás, provavelmente, não o conceberiam sem estes personagens. Também não imaginariam as luzes da cidade acesas ou o ambiente sem a fumaça do querosene maculando a lua cheia na madrugada. Para muitos, o Fogaréu é o retorno à terra natal, o reencontro com familiares, amigos e a cidade umbilical (BRITTO, 2014, p. 01).

A procissão do Fogaréu é uma representação dos últimos momentos de vida de Cristo, o que a torna de suma importância no imaginário coletivo social do povo cristão na Cidade de Goiás, pois está ligada a um dos momentos mais importantes da história cristã, o momento da procura, condenação e execução de Cristo.

Em Goiás conforme assinalaremos mais detidamente nos próximos itens, assim como na maioria das cidades ibéricas e nas colônias brasileiras, este legado de rememoração a partir de ritos que anualmente recuperam o drama da Paixão de Jesus, adquiriu e adquire significados que ultrapassam a pura representação da prisão descrita no Evangelho (BRITTO, 2014, p. 02)

Britto destaca uma possibilidade em relação a essa ultrapassagem da representação na prisão de Cristo que deve ser vista, quanto a uma nova forma de interpretação em relação ao papel do Farricoco, dentro da Procissão.

Ao contrário, demonstraremos como esse motivo conquistou autonomia, transformando-se, por si só, em uma outra narrativa: metamorfoseando-se de figura central de um processo disciplinador e civilizador implantado pelo Catolicismo, para um signo de fé e cultura popular, num diálogo entre sagrado e profano que resulta em uma alegoria. Esta consciência aflora quando percebemos que o Fogaréu, como celebração, ao rememorar a perseguição e prisão de Cristo, confere centralidade não ao Salvator Mundi, como ocorre nos demais ritos da Semana Santa, mas ao Peccator que deve reconhecer sua condição e se esforçar para se aproximar do exemplo do Mestre. Para tanto, basta lembrarmos que não é o estandarte com a figura do Cristo preso que vem imediatamente a mente dos espectadores quando questionamos sobre o Fogaréu. O farricoco e o espetáculo provocado pelas chamas são os elementos centrais (BRITTO, 2014, p.03).

O Fogaréu é uma manifestação cultural religiosa cristã que tem como um dos objetivos de promover a permanência da fé e das crenças católicas, nos tempos atuais, já que a mesma ocorre, segundo as tradições, tornando assim uma herança cultural não somente da cidade de Goiás, mas também do estado e do Brasil. Entretanto, mesmo tendo esse papel de fazer com que a memória se mantenha viva, há outras interpretações que podem ser realizadas assim como a relevância do Farricoco na procissão.

A Cultura popular, faz parte da sociedade, além de ser responsável por manter viva a essência de suas tradições, costumes e práticas para novas gerações, procurando resistir ao tempo e incertezas que lhe são apresentadas durante a sua história, dentro deste contexto as festas religiosas assumem papel importante para a permanência dessas tradições e costumes.



## 2 MANIFESTAÇÕES DA CULTURA POPULAR EM GOIÁS

### 2.1 O Sagrado e o Profano

As manifestações culturais desempenham papel de suma importância na construção de uma identidade coletiva, e é a partir das mesmas que se pode perceber um processo de interação social, promovendo a participação do povo neste momento porque neste instante comungam do mesmo objetivo, sendo este fazer parte de um grupo, assim faz-se necessário compreender as representações sociais que as manifestações têm dentro do universo do imaginário social. Segundo Jonathan H. Turner (1999, p.46) “cultura é um sistema de símbolos que uma população cria e usa para organizar-se, facilitar a interação e para regular o pensamento”.

Apesar de os sistemas e símbolos se basearem a partir de um padrão, a cultura popular vem contrapondo-se, a fim de manter e demonstrar por meio de suas manifestações culturais a sua verdade, enquanto parte da construção de sua identidade cultural.

As identidades nacionais não são nem genéticas nem hereditárias, ao contrário, são formadas e transformadas no interior de uma representação. Uma nação é, nesse processo formador de uma identidade, uma comunidade simbólica em um sistema de representação cultural. E a cultura nacional é um discurso, ou modo de construir sentidos que influenciam e organizam tanto as ações quanto às concepções que temos de nós mesmos. Não é ocioso lembrar que tais identidades, no caso do Brasil, estão embutidas em nossa língua e em nossos sistemas culturais, mas estão longe de uma homogeneidade – que já não perseguimos –; ao contrário, estão influenciadas (as identidades) pelas nossas diferenças étnicas, pelas desigualdades sociais e regionais, pelos desenvolvimentos históricos diferenciados, naquilo que denominamos ‘unidade na diversidade’. Como todas as nações, mas bem mais do que a maioria delas, somos híbridos culturais e vemos esse processo como um fator de potencialização de nossas faculdades criativas (MIRANDA, 2000, p.10).

Este processo de criação de uma identidade é muito importante, já que promove a construção de um sentido que nos ajudaria a nos orientar a compreendermos a nós mesmos.

O folclore se liga, pois, especificamente a grupos de envergadura demograficamente modesta; em seu ambiente de relações íntimas e carregadas de afetividade se formam costumes e peculiaridades, crenças, lendas, que tornam um grupo diferente dos demais. (QUEIROZ, 1973, p. 124)

Partindo deste pressuposto, a relação de amizade entre os pares participantes dessas manifestações culturais religiosas assume importante papel no que diz respeito à maneira como deve ser um ambiente festivo, assim consolidando o processo de compartilhamento de crenças, costumes e tradições impregnadas no seio do grupo em que estes fazem parte.

Entretanto, é preciso compreender melhor como essas manifestações ocorrem, entender quais são as origens das manifestações e tradições religiosas, dessa maneira Alves e Junqueira (2009, p. 438) ao citarem Campbell (2004) fazem uma análise da origem das festas e das tradições religiosas.

As festas, tal como as tradições religiosas, apresentam elementos como mito, rito, símbolo, música, dança, luxo e beleza. O mito é a primeira tentativa do homem para entender o cosmos e a vida. Como ainda não tinham desenvolvido uma ciência natural que lhes ajudasse a compreender toda essa complexidade, o homem criou os mitos, que se constituíram numa ferramenta poderosa de explicação do mundo e da vida. Os mitos são histórias que, contadas e ouvidas, suscitam a reflexão sobre o tema abordado. Mito e rito se completam, o rito é um arranjo de símbolos, uma representação da estrutura social, uma orientação da ação dos indivíduos no grupo, uma teatralização do mito, o rito deslocado do símbolo fica descaracterizado e sem nexos. Os símbolos são chaves que abrem portas para o incognoscível, o símbolo pode ser chamado de sinal por apontar para algo, ajuda a entender o incompreensível, a perceber o impercebível, mesmo quando ele está evidente, por isso que num espetáculo, seja num teatro, num cinema, num estádio, numa liturgia e num desfile de escola de samba, se não dominarmos a linguagem simbólica presente, vamos achar tudo lindo e maravilhoso, mas não seremos tocados, porque não compreendemos nada (CAMPBELL, 2004, p. 59-62 in ALVES E JUNQUEIRA, 2009, p. 438).

Desta forma pode-se perceber que é a partir do mito, que o homem procura compreender a sua existência e relacionando-se com o mundo a sua volta utilizando-se dos ritos como uma disposição da representação social, como forma de orientar o indivíduo dentro da estrutura do seu grupo e, por fim, a junção entre eles e os símbolos tem a função de procurar entender o incompreensível, e assim podemos entender o real significado daquela representação, definir de qual maneira fazemos parte dessa representação.

O momento em que o homem religioso sai da rotina do mundo material, profano para o compartilhar entre as pessoas, que participam das festas e tradições religiosas, visando um objetivo comum sendo este a busca por uma relação mais íntima entre ele, o ser comum, cheio de falhas e o divino.

Entretanto, deve-se dar a importância necessária a esses dois conceitos complexos, que estão interligados dentro de uma perspectiva de construção de uma

identidade coletiva, que possibilite a construção de uma identidade cultural própria de cada grupo ou comunidade. O Sagrado está em todo lugar e é representado por uma gama de significações e representações.

O homem toma conhecimento do sagrado porque este se manifesta, se mostra como algo absolutamente diferente do profano. A fim de indicarmos o ato da manifestação do sagrado, propusemos o termo hierofania. Este termo é cômodo, pois não implica nenhuma precisão suplementar: exprime apenas o que está implicado no seu conteúdo etimológico, a saber, que algo de sagrado se nos revela. Poder-se-ia dizer que a história das religiões – desde as mais primitivas às mais elaboradas – é constituída por um número considerável de hierofanias, pelas manifestações das realidades sagradas. A partir da mais elementar hierofania – por exemplo, a manifestação do sagrado num objeto qualquer, urna pedra ou uma árvore – e até a hierofania suprema, que é, para um cristão, a encarnação de Deus em Jesus Cristo, não existe solução de continuidade. Encontramo-nos diante do mesmo ato misterioso: a manifestação de algo “de ordem diferente” – de uma realidade que não pertence ao nosso mundo – em objetos que fazem parte integrante do nosso mundo “natural”, “profano” (ELIADE, 1992, p. 13).

Representar pela manifestação do sagrado, criada com o objetivo de ligação entre dois mundos assume um importante papel nesta relação do mundo material e a hierofania, no momento da revelação ao ser humano do transcendente, que se coloca a sua frente, criando uma sensação de incompreensão, causada pela ignorância em virtude de não - se compreender o que não faz parte da nossa realidade, e desta maneira, ser capaz de criar essa íntima ligação, por meio de contato de objetos e pessoas pertencentes a nossa realidade material.

Eliade (1992, p. 14) acrescenta dentro desta perspectiva que “o homem das sociedades arcaicas tende para viver o mais possível no sagrado ou muito perto dos objetos consagrados, isso porque o homem primitivo por não compreender ou conseguir explicar o que acontecia sua volta, dando assim uma importância maior ao sagrado.

Para Eliade (1992, p.16) não somente o momento da hierofania é importante nessa ligação entre o ser e o divino, mas também o espaço em que este momento ocorre ele “para o homem religioso, o espaço não é homogêneo: o espaço apresenta roturas, quebras; há porções de espaço qualitativamente diferentes das outras”. A partir de um espaço que não se caracteriza por sua igualdade, mas sim por sua heterogeneidade, demonstrando assim a confirmação de que aquele espaço de poder é de manifestação do sagrado. E em meio a esses espaços sagrados há outros não sagrados ou informes.

Os pontos fixos como “centro” do espaço sagrado em meio ao profano se espalham por todo o mundo, isso desde os tempos arcaicos até as sociedades modernas, podendo ser templos religiosos ou lugares nos quais houve hierofanias. Eis o Santuário de Nossa Senhora de Fátima na cidade de Fátima em Portugal, um grande ponto de peregrinação para os cristãos. A cultura popular se constitui de inúmeras manifestações, que levam milhares de pessoas a buscar uma relação mais próxima com o sagrado,

Portanto, a partir da valorização do ponto fixo, aquele considerado como espaço de poder, de manifestação do sagrado, representará para o homem um local diferente de qualquer outro pelo qual ele transita ou frequenta Eliade (1992) determina um ponto importante que é a descoberta ou a proeminência de um ponto fixo como o “centro” que gera um peso equivalente ao da criação do mundo.

[...] a experiência do sagrado torna possível a “fundação do Mundo”: lá onde o sagrado se manifesta no espaço, o real se revela, o Mundo vem à existência. Mas a irrupção do sagrado não somente projeta um ponto fixo no meio da fluidez amorfa do espaço profano, um “Centro”, no “Caos”; produz também uma ruptura de nível, quer dizer, abre a comunicação entre os níveis cósmicos (entre a Terra e o Céu) e possibilita a passagem, de ordem ontológica, de um modo de ser a outro (ELIADE, 1992, p. 36)

As relações entre esses dois mundos tão distintos, possível graças a fé e a partir da oportunidade de se criar um “centro” no meio do “caos” ocorre a ruptura do profano frente ao sagrado, colocando o ser humano mortal frente à representação de sua crença em uma divindade superior.

Dentro desta perspectiva de fé o tempo do sagrado tem papel fundamental, sendo este o momento da saída da rotina para participar de um momento único e ligar-se ao divino, Eliade (1992, p. 38) ressalta que “Participar religiosamente de uma festa implica a saída da duração temporal “ordinária e a reintegração no Tempo mítico, reatualizado pela própria festa”. Por consequência, o Tempo sagrado é, indefinidamente repetível”.

A participação em uma festa religiosa, para o homem religioso não só é um momento único, mas também emocionante, por que ele se sente parte de um grupo com os mesmos objetivos e interesses, causando assim um sentimento de pertencimento pois aquele ponto foi escolhido como espaço de manifestação do sagrado; confraternizar com seus pares é comungar de uma mesma crença.

Há uma divisão temporal nesta relação entre o homem religioso e o sagrado, em primeiro lugar o tempo do sagrado, ano após ano, se recupera se reinventa e pode ser revivido dentro das manifestações religiosas, dessa forma: “o homem religioso vive assim em duas espécies de Tempo, das quais a mais importante, o Tempo sagrado, se apresenta sob o aspecto paradoxal de um Tempo circular, reversível e recuperável” (ELIDADE, 1992, p. 39)

Essa separação entre o tempo sagrado e o profano consegue fazer a distinção entre o homem religioso e o não religioso, porque o primeiro em alguns momentos da sua vida se recusa a viver no tempo cronológico ou tempo histórico e procura na época das festas se religar ao tempo do sagrado, causando assim uma sensação de estar em um tempo quase que de eternidade.

É necessária que é a ruptura de um tempo histórico para que o homem religioso se dedique a algo eterno, misterioso, já o homem não religioso não acredita nessa ruptura, pois para ele o tempo é a dimensão existencial que se encontra dentro de um começo e um fim que é a morte. Partindo desse pressuposto das diferenças temporais entre o homem religioso e o não religioso Eliade (1992, p. 39) endossa que:

Mas, em relação ao homem religioso, existe uma diferença essencial: este último conhece intervalos que são “sagrados”, que não participam da duração temporal que os precede e os sucede, que têm uma estrutura totalmente diferente e uma outra “origem”, pois se trata de um tempo primordial, santificado pelos deuses e suscetível de tornar-se presente pela festa. Para um homem não religioso essa qualidade trans humana do tempo litúrgico é inacessível. Para o homem não religioso o Tempo não pode apresentar nem rotura, nem “mistério”: constitui a mais profunda dimensão existencial do homem, está ligado à sua própria existência, portanto tem um começo e um fim, que é a morte, o aniquilamento da existência (ELIADE 1992, p. 39)

Portanto as festas religiosas tem papel fundamental na religação entre o homem religioso e o sagrado, já que é por meio delas cria-se um intervalo entre o tempo histórico e sagrado, misterioso.

Segundo Eliade (1992) uma questão importante quando discutimos sobre este tema está na maneira como o cristianismo abordou o conceito de tempo litúrgico e ao afirmar a sua liturgia baseada em um tempo histórico santo ocasionado pela vinda de Jesus Cristo a encarnação viva do filho de Deus. Tanto é prova disso que o tempo cronológico ou histórico moderno é baseado a partir deste evento, contando-se o tempo antes do nascimento de Cristo (a. C) e depois de Cristo (d. C).

Essa relação entre o tempo original defendido principalmente pelas religiões arcaicas é a grande diferença entre elas e o Cristianismo, tem no nascimento de Cristo um diferencial histórico em relação às religiões arcaicas.

O Tempo sagrado, periodicamente reatualizado nas religiões pré -cristãs (sobretudo nas religiões arcaicas), é um Tempo mítico, quer dizer, um Tempo primordial, não identificável no passado histórico, um Tempo original, no sentido de que brotou de repente, de que não foi precedido por um outro Tempo, pois nenhum Tempo podia existir antes da aparição da realidade narrada pelo mito (ELIADE, 1992, p. 40).

Entretanto Durkheim expressa em sua obra "*As formas elementares da vida religiosa*" uma discussão que está em consenso com as ideias defendidas por Eliade no que trata do efeito de aproximação entre o homem religioso e o divino, ao afirmar

Toda festa, mesmo que seja puramente leiga em suas origens, possui certas características de cerimônia religiosa, pois tem por efeito aproximar os indivíduos, colocar massas em movimentos e suscitar assim um estado de efervescência, algumas vezes mesmo em delírio, que não é sem parentesco com o estado religioso (DURKHEIM, 1996, p. 351).

Isso demonstra a importância desse momento, dessa ruptura do tempo profano a fim de se fazer uma aproximação entre o homem religioso e o divino e misterioso, na participação nas manifestações e festas religiosas por todo o mundo, tendo como base o tempo histórico sacralizado, santificado a partir do nascimento de Cristo, colocando um ponto de referência para as manifestações religiosas e populares da fé cristã.

Portanto esse desejo de ser ou estar na presença divina é uma característica do trans humano, que faz por meio das hierofanias e manifestações populares essa ligação com o mundo imaterial.

O primeiro fato com que deparamos ao adotar a perspectiva do homem religioso das sociedades arcaicas é que o Mundo existe porque foi criado pelos deuses, e que a própria existência do Mundo "quer dizer "alguma coisa, que o Mundo não é mudo nem opaco, que não é uma coisa inerte, sem objetivo e sem significado". Para o homem religioso, o Cosmos "vive" e "fala". A própria vida do Cosmos é uma prova de sua santidade, pois ele foi criado pelos deuses e os deuses mostram - se aos homens por meio da vida cósmica (ELIADE, 1992, p. 80)

A criação do mundo por Deus é para a experiência cristã um dos momentos mais importantes de seu tempo, pois é a partir dele que tudo começa, que a fé cristã

parte para a sua consolidação na presença de Deus na terra com o nascimento de seu filho Jesus Cristo.

As festas e manifestações religiosas fazem parte do cotidiano do homem, desde a sua origem e ocorrem durante um período do ano com o objetivo de sair da rotina, buscando um local sagrado, uma sacralização, dentro de uma dimensão temporal que nos remete à eternidade, totalmente oposta ao mundo profano no qual estamos inseridos.

## **2.2 O século XIX e as manifestações culturais em Goiás**

O século XIX é o espaço inicial de algumas das festas religiosas mais conhecidas atualmente em Goiás, reconhecidas como manifestações culturais.

[...] no campo religioso, pela festa, tanto no sagrado quanto no profano, todas as coisas se reconciliam. É um momento de celebração da vida, o rompimento do ritmo monótono do cotidiano, o que permite ao homem experimentar afetos e emoções. Por instantes, o tempo dos relógios é suspenso, o homem experimenta o tempo mítico da eternidade e da manifestação divina que permite a reconciliação de todos com todos. Nesse sentido, as festas revelam a essência fundante de respeito à fé e à fraternidade comunal, que alimentam as manifestações religiosas e perpetuam as tradições que constituem um verdadeiro patrimônio cultural. (JURKEVICS, 2005, p. 74).

As festas religiosas a partir deste ponto têm de maneira primordial contribuído para o fortalecimento das relações interpessoais, bem como de transcendência entre o homem e o ser divino, se consolidando como parte importante da construção do patrimônio cultural do povo. Portanto, não somente um espaço de devoção, mas também de socialização; Jurkevics (2005) defende a ideia de que o espaço de sociabilidade não ocorre em âmbito familiar, em que determinadas ocasiões os grandes eventos de interação social ocorriam nas festas religiosas.

Estas festas alcançavam um âmbito muito superior ao local, pois era um espaço de reunião de diferentes pessoas de regiões distintas, que se organizavam em irmandades e grupos que organizavam festas para a comemoração de santos protetores comuns em Goiás, muitas vezes convocados pela Igreja como “as procissões da Semana Santa tinham uma finalidade instrutiva. Seu objetivo principal, segundo Riolando Azzi, era ensinar à população os sofrimentos de Jesus e de Maria e a história da Salvação” (JURKEVICS, 2005, p. 75)



Entretanto, segundo Santos (2009) nem sempre durante este processo as manifestações religiosas obedeceram a forma como a doutrina católica delimitou como correta, causando assim a insatisfação da igreja, contrariando o poder concedido por Roma aos Reis Ibéricos.

O poder do Padroado Real sobre as novas terras, com o objetivo de criar igrejas, conventos e regularizar a situação do clero e, dessa forma sacralizar as manifestações religiosas com o intuito de levar o mais longe estas manifestações sagradas do profano, o que ocorria constantemente no Brasil e em Goiás, locais onde as festas eram realizadas sem a presença de sacerdotes.

Assim, no final do século XIX início do XX ocorreram disputas entre as práticas e manifestações religiosas populares dos leigos em Goiás, inseridas no Bispado de D. Eduardo Duarte da Silva<sup>1</sup>, com o movimento do ultramontanismo:

Devido à chegada do ultramontanismo com as diretrizes romanizadoras efetivadas pelos bispos, ocorre o confronto com as práticas populares / leigas. Fazia parte da reforma da Igreja cuidar com mais rigor dos rumos do credo católico, até então mais leigo que clerical, pois o Catolicismo ficava mais sob responsabilidade dos fiéis, o que escapava da doutrina do Catolicismo oficial. Dessa forma, será possível descrever e analisar a orientação dos bispos romanizados em Goiás a fim de verificar a influência deles sobre os destinos do Catolicismo local (SANTOS, 2009, p. 347)

Assim as manifestações estavam nas mãos de pessoas que em muitos casos não tinham uma preparação sacerdotal para conduzir as manifestações religiosas, “O clero, até esta época, estava mais envolvido com irmandades e confrarias, e a influência delas resultou no Catolicismo popular com festas e expressões familiares e domésticas próprias (SANTOS, 2009, p. 347).

Porém o processo de romanização causou entre a população um grande alvoroço principalmente porque D. Eduardo queria reorganizar a maneira como as festas deveriam ser conduzidas, os locais onde as imagens deveriam ser guardadas e a proibição de práticas profanas em meio as manifestações religiosas, sem mencionar o destino do dinheiro arrecadado pelas festas.

---

<sup>1</sup> D. Eduardo Duarte da Silva, foi mandado para Goiás para implementar o ultramontanismo, e passou por muitos desafios, por enfrentar os líderes que dominavam a organização das festas religiosas, sem que houvesse uma orientação de um sacerdote, e contribuiu de forma importante para o desenvolvimento das festas e romarias no estado de Goiás.



O mais conflituoso e polêmico é o bispado de D. Eduardo. Formado em Roma e testemunha do Concílio Vaticano I, este bispo, de natureza obstinada e inabalável, chocou-se inapelavelmente com as tradicionais manifestações religiosas populares locais, por ter intentado, com rigor e infinita determinação, interferir na devoção popular por meio da introdução de novas devoções, da reorganização de romarias, sua administração de irmandades, festas e destinos do dinheiro arrecadado, interferência na destinação de local onde deveriam ser armazenados os santos e as relíquias, além de ter proibido tradicionais práticas profanas em meio a eventos religiosos. Medidas que em nada agradavam parcela considerável de fiéis e que gerou conflitos entre populares e tradicionais líderes religiosos; além de ter se confrontado também com grupos políticos liberais poderosos como os Bulhões, por causa da sua ligação com o Partido Católico e sua ferrenha defesa aos ideais ultramontanos negadores da modernidade, laicização e liberdade religiosa (SANTOS, 2009, p. 349).

Estas novas medidas tomadas por D. Eduardo causaram principalmente entre os líderes religiosos tradicionais, e políticos poderosos como os Bulhões, uma insatisfação, devido às suas relações com o Partido Católico. Conseqüentemente, houve resistência por parte da população às medidas por entender que desta forma eles perderiam o poder que tinham na forma como conduziam a festa e o destino que era dado ao dinheiro arrecadado.

As festas religiosas em Goiás ainda no século XIX recebiam um grande público geravam uma receita considerável sem a supervisão do clero era usada como forma de enriquecimento.

Em geral as festas religiosas têm suas origens nas heranças da religiosidade colonial, ou popular e durante o tempo tem recebido outras manifestações no calendário das festas religiosas, que tem com base as manifestações da fé.

Algumas das festas religiosas que atualmente movimentam milhões de devotos, por todo o país, são heranças do que foi chamado de religiosidade colonial ou Catolicismo popular, enquanto outras foram sendo incorporadas no calendário religioso, ao longo da história brasileira. No entanto, além de se constituírem em um fenômeno de longa duração, são marcadas por um profundo referencial de fé, ainda que os elementos que as compõem sofram influências próprias da região onde são celebradas (JURKEVICS, 2005, P. 77).

No final do século XIX, em Goiás, houve uma ferrenha disputa entre o Bispo D. Eduardo e as festas religiosas populares; a igreja não apoiava tais festejos devido à presença do profano, além do enriquecimento de seus organizadores, assim foram proibidas em vários locais. Em lugar das romarias foram realizadas missas,

precedidas por vigários, como na romaria de Barro Preto e Muquém, em São José do Tocantins, atual Niquelândia.

É nítida a força que as manifestações religiosas exercem sobre as pessoas que se propõem participar dos rituais, peregrinações e romarias transformando-os em grandes eventos de devoção. E devido a esta mesma devoção deve-se perceber o que há de mais importante nas festas e romarias já que “estas, apesar de contarem com curiosos e comerciantes que se aproveitavam da ocasião para lucrar com as festas religiosas, só existiam por causa da fé das pessoas humildes e crédulas das redondezas e de lugares mais distantes” (SANTOS, 2009, p 355).

### **2.3 Romaria de Muquém**

A Romaria de Muquém, atual Niquelândia Go, tem seus primeiros registros no ano de 1812 demonstrando ser uma tradição já estabelecida e de grande importância para a cidade e para as pessoas que vivem e participam da festa.

A importância da romaria do Muquém poder ser percebida nas palavras daqueles que constituem seus sujeitos – os romeiros que mesmo diante das dificuldades materiais para se organizarem, não se desanimam. “Na volta do grupo, já estamos organizando e pensando a romaria do próximo ano”, são palavras do Senhor José Pereira de Souza, romeiro do Muquém há mais de quarenta anos (SILVA, 2001, p.38)

Partindo desse ponto percebe – se que a crença em Nossa Senhora d’ Abadia gera um grande comprometimento do povo para a organizar e realizar a festa em seu louvor em agosto, somando-se mais de 200 anos de história.

A Romaria do Muquém existe desde o século XVIII do período da mineração e da escravidão. É tradição há mais de 200 anos, desde 1748, é considerada uma das maiores do mundo e a celebração religiosa a mais antiga de Goiás. Os romeiros fazem o percurso de 45 quilômetros carregando a imagem de Nossa Senhora da Abadia saindo da cidade de Niquelândia seguem pela Rodovia da Fé fazendo o percurso com início na Igreja Matriz da Paróquia São José, passando pela Paróquia Nossa Senhora da Abadia e terminando no Santuário de Muquém (SINVALINE, 2008, s.p).

Independentemente de sua origem o marco fundamental, no que tange às manifestações religiosas em Goiás, é a construção de um espaço de devoção, em nome de Nossa Senhora D` Abadia e, com o passar do tempo, se consolidou, segundo

Silva (2001) como uma tradição que remonta a tempos distantes, resistente às inovações e reformas propostas pela igreja católica, como por exemplo o processo de Romanização do Catolicismo em Goiás pelas mãos de D. Eduardo. E revela – se festa capaz de se reinventar, nos diferentes momentos de suas comemorações, por diferentes sujeitos que compõem a festa.

Assim como as outras manifestações religiosas, a romaria de Muquém procura criar uma dimensão espaço-temporal totalmente diferenciada quando o homem religioso sai de sua rotina para se ligar ao sagrado por meio de rituais de louvor a Nossa Senhora D' Abadia.

A romaria como evento que rompe temporariamente com as regras de uma “hierarquização estrutural para criar uma “ hierarquização temporária “segunda forma de ordenação, qual seja, a montagem do grupo de romeiros suas origens , a distribuição de tarefas, a viagem, a montagem do acampamento e a participação nos rituais da festa (SILVA, 2001, p. 39).

Por meio da organização da festa, a distribuição de tarefas, a participação dos romeiros e devotos, a festa de Muquém se coloca como uma festa de suma importância para as pessoas da cidade e região, atendendo peregrinos que vêm da Bahia, Minas Gerais, Pará, Maranhão, Tocantins e todas cidades do estado de Goiás.

Segundo Silva (2001) o santuário de Nossa Senhora D'Abadia está localizado a uns 40 quilômetros a oeste da cidade de Niquelândia. Recebeu este nome por ter uma das maiores jazidas de níquel do país, e capela em louvor localizada na Mata do Cipó. Durante a festa as pessoas montam os acampamentos em volta da capela, entretanto existem poucas residências fixas, e neste período a cidade chega a receber de dez a trinta mil pessoas para participarem da festa.

As origens do santuário, segundo Silva (2001), nos leva a viajar no tempo por duas vertentes, uma baseada nas histórias e contos orais de pessoas que na região vivem ou viveram que relacionam a vida das pessoas às romarias ao local, já outra se baseia em documentos e citações em obras literárias que datam do ano de 1853. Existem histórias que abordam sobre a origem de Muquém e algumas delas têm sua origem em:

[...] textos, produzidos pelos órgãos do governo estadual e distribuído em forma de folder no período da festa, por volta de 1750, descrevem o surgimento do povoado de Muquém a partir de duas histórias sobre a romaria no local. A primeira é o “Ermiteiro do Muquém”, do romancista Bernardo Guimarães. Esta versão fala sobre um jovem da Cidade de Goiás que se envolveu em uma briga pelo amor de uma moça e acaba assassinando um rapaz. Mas ele se arrepende e torna-se um ermitão ( uma pessoa solitária

que vive fazendo penitências). A segunda história é da Cúria diocesana de Uruaçu que considera o local abençoado porque ali aconteceram vários milagres (SILVA, 2001, p. 40).

Essa versão se baseia nas histórias que compunham um sistema simbólico partindo de um princípio de valores que refletem o pensamento das pessoas no que diz respeito à construção de uma identidade deste povo por meio da memória. Entretanto, existe outra narrativa que destaca-se a origem em um quilombo que havia na região:

A origem da romaria tem muitas versões. Que foi um quilombo, pois o povoado do Muquém é um espaço rodeado por morros por isso o local propício para construir esconderijos ou quilombos. A história mais contada é dos milagres religiosos acontecidos nessa época. Até pelo nome de “Muquém” cujo o significado é um fogo em brasa para assar carne como os escravos usavam. Muquém (OLIVEIRA, 2012, p. 08)

Percebe-se que as origens da devoção a Nossa Senhora D` Abadia tem em seu interior inúmeras possibilidades, que destacam promessas e milagres realizados pela Santa na região, assim produzindo:

[...] um sentido de pertencimento e de comunhão com a paisagem que impregna o culto das romarias do Muquém . No movimento dos corpos que cruzam o sertão em direção ao santuário, os romeiros vão demarcando um espaço sagrado que torna certos lugares e objetos mais próximos de Deus do que outros. A sua consciência está inextricavelmente associada ao território, de forma que o sagrado se apresenta sempre encharcado de concretude, ao alcance da mão, podendo ser tocado (SILVA, 2001, p. 42).

A romaria de Muquém é uma das maiores festas religiosas, atraindo todos os anos dezenas de milhares de pessoas, com o intuito de estarem mais perto da comunhão com Nossa Senhora D` Abadia, ou para pagar em promessas e agradecer as graças alcançadas:

Em primeiro lugar, a romaria apresenta-se como um espaço sócio-religioso que exige (propicia) sacrifícios, como ocorre em Muquém. Nas palavras dos romeiros, vemos que naquela época, [1951], o Muquém era tido como lugar quase inatingível e não tinham previsão de como poderiam cumprir a promessa (OLIVEIRA, 2012, p. 12).

A festa ocorre durante entre os dias 05 e 15 de agosto de cada ano; este tempo é necessário para que as manifestações religiosas ocorram como forma de manutenção da fé, entretanto é necessária uma separação dos tempos para que haja a coexistência de ambos os lados dentro da comemoração da festa. Partindo desse

ponto há um consenso segundo Durkheim (1996) quando alerta sobre a relação entre os ritos sagrados e profanos e sua convivência dentro das festas e manifestações religiosas.

O rito profano trabalha mais as relações sociais do que o rito religioso, que é mais rígido e se apoia, antes de tudo, na relação do homem com os poderes sagrados (CAZENEUVE, s.d). No entanto, o rito, tanto profano quanto sagrado, é, primordialmente, um fator de unificação da ordem social, embora nele exista o jogo das diferenças e hierarquias (OLIVEIRA, 2012, p.17).

A Romaria de Muquém se consolidou como uma manifestação popular religiosa de grande importância para a cidade e contribui para a formação de uma identidade local, além de relacionar dentro de sua festa tanto o religioso quanto o festivo.

#### **2.4 Festa do Divino Pai Eterno em Trindade**

A Festa do Divino Pai Eterno em Trindade é considerada uma das mais importantes e que mais atrai público durante a sua realização. A cidade de Trindade fica em torno de 18 km da atual Goiânia, sendo assim parte da região Metropolitana da capital e segundo Abadia (2014) a cidade surgiu como o povoado de Barro Preto, por meio da devoção ao Divino Pai Eterno, ainda no século XIX, e claro, enfrentando barreiras impostas pelo Catolicismo oficial.

A festa do Divino Pai Eterno é repleta de símbolos e significados, representados a partir do imaginário de império, imperador, coroa e cetro, criando assim um diálogo entre o real e o imaginário. A festa do Divino Pai Eterno em Trindade tem sua origem baseada em uma estória contada pelo Sr. Constantino que encontrou um medalhão da Trindade Santa e segundo Lopes:

La pelos anos de 1848, Constantino e Ana Rosa, casal piedoso e devotado levados, talvez por inspiração divina, expuseram em publico o medalhão representando as 3 pessoas da Santíssima Trindade coroando a Virgem Maria". Antigos moradores de Trindade contava a seus netos que o medalhão foi encontrado no terreno que estava sendo roçado por Constantino. (Informativo Santuário de Trindade, apud, DUARTE, 2004, p.42, in LOPES, 2006, p. 28).

Esta versão é que tem um maior apelo dentro do cenário popular, pois a partir do encontro de um medalhão em uma situação adversa o torna milagroso, criando assim uma representação no imaginário daqueles que viviam na região. Entretanto

posteriormente em relação a origem da festa, criou-se uma nova versão que difere da primeira somente sobre a origem do medalhão, deixando de ser assim um acontecimento milagroso.

O nosso bom mineiro não perdeu a coragem. “Era muito religioso e punha toda a sua confiança em Deus, como todo bom mineiro da gema, trouxe de sua terra o “santo” de sua devoção. Era a mais Verônica do que sua imagem representada as três pessoas da Santíssima Trindade coroando Nossa Senhora Maria Santíssima. Perante esse seu Tesouro religioso, que ocupou um lugar de honra em sua casa, Constantino costuma reunir a família e rezar o terço” (LOPES, 2006, p. 30).

A primeira versão baseada na história oral, já na segunda versão nota-se participação da igreja que apresenta uma história nada milagrosa, porém racional que vai ao encontro das novas normatizações da igreja moderna que surgidas no meio do processo de romanização no final do século XIX em Goiás.

Nesta versão o Sr. Constantino uns dos pioneiros ao culto a Trindade, não a encontrou de forma milagrosa, mas somente socializou com a família e os vizinhos, entretanto mesmo existindo estas duas versões, uma popular e outra erudita, convivem dentro do contexto da festa. Desta forma pode-se também perceber o papel da família do Sr. Constantino no que tange à organização da festa.

É a partir dessa convivência entre a família do Sr. Constantino e seus vizinhos que nasceu a festa em louvor ao Divino Pai Eterno e com o passar do tempo e com o aumento da fama, passou a haver peregrinação de fieis para agradecer ao Divino Pai Eterno pelos milagres recebidos.

A festa em Trindade tem em seu contexto histórico fatos e situações que merecem a nossa atenção. O fato de a peregrinação ter aumentado com o passar do tempo gerou a necessidade de expansão do espaço no qual a festa se realizava e segundo Lopes (2006) construiu-se uma capela de pau-a-pique coberto com palha de buriti no ano de 1843 que serviu como casa de oração até o ano de 1866, quando foi construída uma nova capela agora coberta com telhas de barro para substituir a antiga que se tornou atualmente a nova Matriz.

Posteriormente, houve a substituição da imagem do medalhão de terracota por uma imagem de madeira de 36 cm, também devido ao seu desgaste pelo manuseio, e pelo fato do bispado da época não permitir que fosse realizada a devoção de imagens de pequeno porte.

Constantino desejava construir uma capela em louvor da Santíssima Trindade e dar o patrimônio necessário; devia porém ouvir que, conforme uma antiga disposição diocesana não se poderia expor à veneração dos fiéis imagens que tenham menos de um palmo e imperfeitas”, Esse foi sem dúvida um dos motivos que fizeram-no ir a terra de sua mulher e encomendar uma nova imagem (LOPES, 2006, p. 31).

Uma questão importante descrita por Lopes (2006) é que nesse meio tempo em que a imagem foi trocada por uma nova, os milagres não cessaram bem como e o número de romeiros que acreditavam no poder do Divino Pai Eterno, e assim festa ganhou cada vez mais importância e proporção.

Segundo D` Abadia (2014) a festa em Trindade é um evento que atrai centenas de milhares de pessoas, muitas delas saem de cidades vizinhas em romaria, principalmente da Capital Goiânia, que fica a cerca 18 km de Trindade, e tem seu ápice na primeira semana de julho quando as pessoas deixam suas casas e suas rotinas para se deslocarem até o local da festa, e viverem-na..

Um exemplo de pessoas que se deslocam de longe para demonstrar a sua fé são os carreiros que percorrem o trajeto de Posse de Abadia até Trindade durante 11 dias de peregrinação, permanecem na festa para participarem do desfile de carros de bois que ocorre no carreiródromo:

No carreiródromo, acontece o momento principal para estes carreiros quando as atenções se voltam para o desfile de carros de bois. No desfile, os carreiros se apresentam com os carros carregados, com seus objetos de viagem, pessoas da família e as faixas identificando a procedência, e muitos colocam pesos dentro dos carros de bois para fazê-los “cantar”. O carreiro conduz o seu carro de boi auxiliado por uma segunda pessoa denominada de “guia” que comanda os bois ora chamando-os para andar, ora fazendo-os parar (D`ABADIA, 2012, p. 75)

Esse desfile de carros de bois demonstra o poder que a fé tem sobre as pessoas que acreditam, no caso da festa em Trindade, no Divino Pai Eterno fazendo – os percorrer centenas de quilômetros para fazerem parte dos momentos que compõem a festa e toda essa manifestação religiosa.

A festa em si procura ocupar um espaço sagrado e se coloca em uma dimensão temporal, capaz de afastar por certo momento as manifestações profanas e proporcionar ao homem religioso a oportunidade de estar perto do Divino Pai Eterno.

As festas foram as grandes expressões da sociabilidade desta sociedade. Acreditamos que a festa do Divino ocupou um espaço privilegiado entre as comemorações religiosas desta cidade e, calcada no sincretismo, na diversidade simbólica e na circularidade, cultural organizou formas



específicas que estiveram todavia relacionadas com a sociedade participante (SILVA, 2000, p. 31).

Logo o romeiro pode de uma maneira mais íntima se relacionar com o Divino Pai Eterno, assim a festa ganha relevância na vida dos devotos, que pagam suas promessas e agradecem as graças concebidas, e mesmo que o profano esteja indissociavelmente da festa existe uma relação de coexistência pacífica

## **2.5 Festa em louvor a Nossa Senhora D'Abadia em Jataí Goiás**

A Festa de Nossa Senhora D'Abadia no município de Jataí, faz parte do calendário de festas da região Sudoeste Goiana.

A celebração à santa teve início, conforme nos conta a história de devoção a Nossa Senhora da Abadia, no distrito de Braga em Portugal que, no final do século IX, durante as invasões dos árabes muçulmanos, os monges do Mosteiro da Montanha tiveram que abandonar a abadia às pressas a fim de ocultarem a imagem da Virgem Maria numa gruta distante. Séculos mais tarde, a abadia foi ocupada por dois eremitas, que numa noite, durante suas orações, avistaram uma intensa luz vinda do meio do bosque próximo à montanha. No local, em uma gruta, os eremitas encontraram a imagem da Virgem Maria e ali construíram uma capela para sua veneração. A capela, em não suportando a quantidade de romeiros que para ali se dirigiam, demandou a construção de outra abadia, não muito distante dali, para onde transferiram a imagem aparecida de Nossa Senhora. Foi quando surgiu outro milagre, a imagem da santa sempre desaparecia da nova abadia e voltava ao primeiro altar, surgindo assim o culto a Nossa Senhora da Abadia (OLIVEIRA, 2012, p.20)

Baseado numa história de perseguição e fé nasce o culto em louvor a Nossa Senhora da Abadia, que após o ocorrido se espalhou pelo mundo por meio da expansão portuguesa pelos demais continentes chegando ao Brasil, mas não se sabe o momento exato do culto a Nossa Senhora D'Abadia, existe porém uma versão que segundo Oliveira (2012) chegou com um garimpeiro português que veio explorar as minas no interior do país:

[...] no Brasil não se sabe com precisão quando iniciou a sua devoção, mas, segundo a informação mais antiga, foi um garimpeiro português de Braga que introduziu o culto em Goiás para pagar uma promessa, na qual mandou trazer uma imagem da santa e também foi ele que começou a construção de uma igreja no município de Niquelândia-GO, o que deu início a mais antiga romaria dedicada à santa desde 1748 (OLIVEIRA, 2012, p. 24).

A história de devoção a Nossa Senhora D'Abadia remonta há séculos demonstrando assim o poder de se manter como tradição, mesmo com as mudanças sociais e as reformas realizadas pela Igreja Católica durante a história do Catolicismo



popular no Brasil. A tradição faz parte do povo como forma de preservação de sua história, dentro de um processo de movimento, significa um momento importante, e assim deve ser preservada.

A tradição, enquanto compreensão orienta a participação no mundo festivo. Entendemos que “participação” implica em “tomar parte de algo (...) mediante uma iniciativa”. Participação traduz, em efeito, um movimento intencional de „ir-ao-encontro-do-outro”. Com vistas ao alcance de uma meta comum, pressupondo-se, ainda, a reciprocidade de tal movimento (MAIA, 2002, p. 33 in OLIVEIRA, 2012, p17).

Essa tradição mostra o poder que uma crença tem no imaginário coletivo de uma região ou cidade, a volta da imagem a Abadia de onde foi tirada nas invasões árabes foi considerada um milagre, já no Brasil foi trazida por um português de origem da cidade onde aconteceu o milagre que iniciou o seu culto aqui como uma forma de pagamento de uma promessa feita à Santa, demonstrando assim o seu poder, e fazendo crescer no povo a sua fé. Portanto em Jatai a história não poderia ser diferente, também com início baseado em um milagre promovido pela Santa segundo o Sr. José Abadio:

Segundo o que me contaram os meus avós, foi por causa dos índios que existiam na região fazia muita proeza, matava gado, matava gente. Aí numa certa ocasião, aqui na fazenda Rio Doce, ali pertinho, eles mataram uma família. Só sobrou uma menina que eles criavam, sabe?! Eles mataram, eles pegaram e mataram a esposa dele, matou os dois filhos e foram embora. O moço foi atrás, perseguiu matou um bocado. Então por causa disso surgiu o voto. Fizeram o voto que, se os índios fugissem daqui da região, afastassem daqui da região eles haveria de rezar um terço pra Senhora da Abadia. Então rezou o terço e aí surgiu a festa. No segundo ano que rezaram o terço já fizeram o sorteio [para escolher o festeiro que é o responsável por organizar a festa]. Isso foi em mais ou menos 1894 dai pra cá surgiu o sorteio aí vem dando continuidade até hoje (OLIVEIRA, LOPES, PEIXINHO E MIRANDA, 2009, p. 03).

A partir dessa graça alcançada o povo deu início à festa em louvor a Nossa Senhora D`Abadia em Jatai, a festa ocorre segundo Oliveira (2012) é realizada no dia 14 de agosto, na residência do festeiro que foi escolhido na festa realizada no ano anterior, pois sendo o dia 15 o dia da Santa, comemora-se antes para que o dia da Santa seja resguardado somente para as devoções.

A festa em louvor a Nossa Senhora D`Abadia começa bem antes do dia 14 de Agosto, com o giro dos foliões pela zona rural da cidade, saindo da casa do Sr. José Abadio, o guardião da bandeira e dos instrumentos utilizados na folia; a saída

ocorre no segundo final de semana de Julho, com a aglomeração de varias pessoas da “Região da Onça”, adjacências e da zona urbana da cidade, em um dia de grande alegria e comemoração.

O chefe organiza o “giro” e conduz a peregrinação, o alfer leva a imagem da Santa e recolhe os donativos, esmolas e os votos de integrantes da comunidade. Durante o “giro”, os foliões, conduzidos pelo chefe, anunciam a proximidade da folia ao morador, disparando um tiro de garrucha, tarefa do “garrucheiro” acompanhado pelas batidas da caixa de outro folião. O morador, estando de acordo em receber a Santa e os seus foliões, responde da mesma forma, com um tiro ou com foguetes (OLIVEIRA, LOPES, PEIXINHO E MIRANDA, 2009, p. 04)

A partir do domingo pela manhã eles fazem um ritual de despedida na fazenda onde foi realizada o pernoite, os foliões pedem a imagem da santa para beijá-la, já que até o momento ela estava em poder do Guardião, após esse momento eles cantam para os donos da casa e a família, e para os devotos que solicitarem segurar a bandeira; também cantam para pedir esmola aos caseiros e devotos presentes, e por fim cantam para a saída da bandeira, a partir deste momento a bandeira irá acompanhar o giro pelas fazendas escolhidas para serem realizadas as passagens, e geralmente só mudam de acordo com a casa do festeiro. (OLIVEIRA, 2012)

O giro é composto por no mínimo oito pessoas sendo elas o chefe, o alfer, o garrucheiro e os foliões; cada um deles com funções determinadas e na chegada a cada casa é realizado o mesmo ritual que foi feito na saída da casa do guardião.

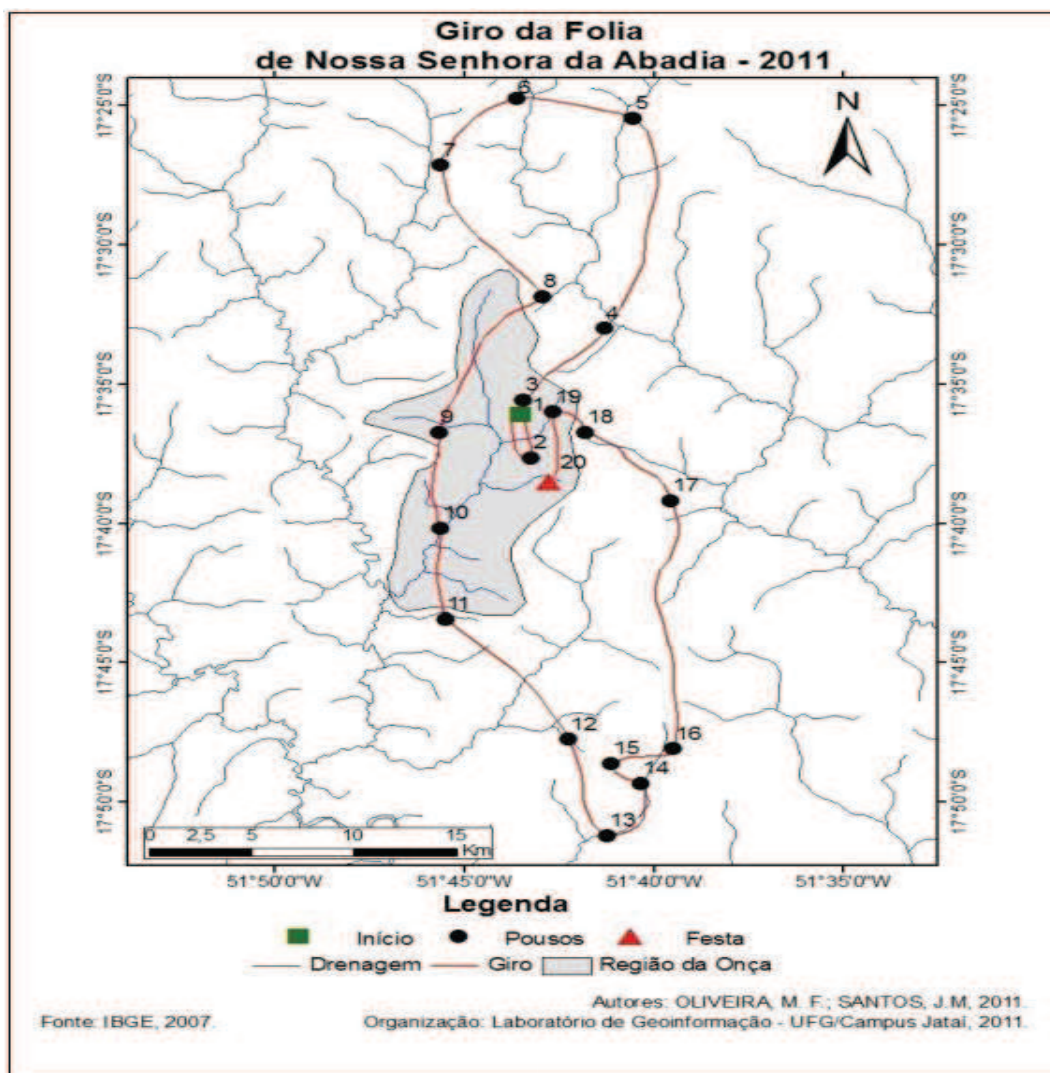
E esses procedimentos tem todo um significado, como forma de conservar a tradição, e manter vivo nas pessoas o compromisso feito a santa quando foi pedido uma graça há mais de 120 anos assim os foliões devem obedecer um conjunto de regras que determinam a sua conduta, pois como foliões representam a folia e devem ser vistos como exemplo.

Todos os membros da folia devem também aprender e respeitar assiduamente as hesitações codificadas para o giro: não se pode passar os instrumentos por debaixo dos arames ao atravessar uma cerca, a folia não pode cruzar um caminho onde ela já passou etc. A norma é um dos universais da cultura. Nenhum grupo humano sobrevive sem alguma forma de coerção social (PESSOA, 2005, p. 88 in OLIVEIRA, 2012, p. 32)

Percebe-se dentro do grupo da folia a existência de uma coerção social, já que os foliões devem respeitar as regras e agir de acordo com o que chefe determinar.

Dentro da folia uma questão de suma importância se faz a partir da indistinção condição socioeconômica dos devotos, “O tempo é o tempo da reza, não se pode ter pressa. Não se faz distinção entre os moradores. Todos, independentemente da sua condição, se fizeram ou não oferta para a folia, são atendidos da melhor forma pelos foliões” (OLIVEIRA, LOPES, PEIXINHO E MIRANDA, 2009, p. 04). O giro da festa não está somente ocupando a “Região da Onça” ela chega ultrapassar os limites territoriais

**Mapa 01:** Giro da folia durante o ano de 2011



FONTE

(OLIVEIRA, 2012, p.36)

Percebe-se que o giro ganha uma amplitude além do espaço da festa, o que tem atraído pessoas não somente da “Região da Onça”, mas também de outras localidades e zona urbana.

Na concepção de Oliveira (2012) a festa é composta por vários momentos, sejam eles de sociabilização como exemplo a comida que exerce um importante papel na reunião e na confraternização entre as pessoas que participam da festa. Entretanto, o círculo da oração se coloca como o mais importante e responsável pela conservação da tradição.

Este é um dos momentos mais significativos da fé daqueles que mantêm tradicionalmente este fazer religioso e festivo ativo. É quando todos os presentes param com que estão fazendo e, por devoção ou respeito, direcionam-se em frente ao altar construído especialmente para a ocasião a fim de rezar o terço e pagar, desta forma, a promessa feita há cerca de 130 anos. Simbolizado por crenças, rezas e cânticos, por ritos, velas, imagens de santos, terços, flores, a bandeira com imagem da santa. É um momento em que a tradição se realiza através da participação coletiva (OLIVEIRA, 2012, p. 45).

A festa em louvor a Nossa Senhora D`Abadia surgiu em meio a um milagre e foi trazida ao Brasil também como forma de se pagar um compromisso feito a Santa, em Jatai, se construiu a partir de um compromisso por uma graça alcançada criando assim no povo um imaginário de que se a promessa não for cumprida a cada ano pode ocorrer algum tipo de consequência. O Sr. Manoel do Prado afirma que essa tradição deve ser mantida mesmo com as transformações por quais passou durante toda a sua trajetória.

Eu acredito que ela deve continuar toda vida, porque se *nóis* mudar e às vezes não cumprir aquele voto pode vir uma consequência pior pra *nóis*. Então se é um voto *nóis* tem que continuar. Eu estou *véio*, os antigos vai acabando, vai passando para os novos, é para continuar. Mas vem mudando demais, daqui uns dias os novos também abandona, né? Mas eu acho que tem que continuar. Não pode perder a tradição de festejar a Senhora da Abadia. Só que vem modificando tudo. Mas, no meu modo de pensar tem que continuar que se *nóis* às vezes abandonar às vezes pode vir uma coisa pior pra *nóis*, para *vocéis* que é novo, né? Tem que continuar a tradição porque aquilo ali é uma coisa antiga. Mas agora os mais novo é que não sei porque vai mudando a crença. Hoje em dia muitos que eram católicos que fez aquela festa já passou para outra religião, então já vai mudando tudo, mas meu conselho é continuar porque pode vir uma consequência pior, não é? (OLIVEIRA, 2012, p. 45).

Ainda após a reza do terço é queimada a fogueira para iluminar o mastro da bandeira que será hasteado para simbolizar a festa e louvar a Nossa Senhora D`Abadia. Neste momento a santa é coroado pelos festeiros e devotos com cânticos e fogos de artifício e no final há o sorteio dos próximos festeiros e as funções a serem desenvolvidas na festa do próximo ano.

As manifestações populares fazem parte do cotidiano não só do povo em Goiás, mas em todo mundo e têm papel fundamental na construção e o reavivamento de símbolos, ritos e mitos da nossa história, sendo a partir da relação entre o sagrado e o profano que há um momento único da história do homem religioso, a criação de uma dimensão espaço-temporal sagrada, por que é a partir da devoção das pessoas que realizam a festa que está o verdadeiro sentido para realização das festas e manifestações religiosas.

As festas religiosas e as romarias surgiram com o objetivo de ligar o povo ao sagrado, criando a oportunidade de se manter uma relação mais íntima entre eles; é fato que sofreram durante seu tempo de existência inúmeras transformações e pressões, como as sofridas na Romaria de Muquém e Trindade pelo processo de romanização trazido para Goiás por D. Eduardo.

A cultura popular na região Sudoeste de Goiás é imensamente rica, sendo melhor compreendida a partir do final do século XIX início do século XX, por ter ganhado uma maior atenção do governo brasileiro e estar passando por um processo de fortalecimento de uma identidade cultural.

Entretanto, este campo ocupa dentro do cenário acadêmico goiano poucas pesquisas, sendo assim é objetivo desta pesquisa produzir novos conhecimentos acerca desta região a fim de contribuir para o crescimento de discussões relacionadas a cultura, principalmente as festas religiosas que tem grande importância na construção da identidade cultural do povo goiano. É preciso ainda compreender como uma festa ou manifestação religiosa pode criar em seu povo uma representação no seu imaginário social, capaz de criar uma identidade do povo em relação a festa e entendendo como as pessoas que participam desta festa se percebem enquanto agentes culturais, dentro dos momentos e eventos da comemoração.

### 3 CULTURA POPULAR EM QUIRINÓPOLIS – GO: A FESTA DE NOSSA SENHORA D’ABADIA

#### 3.1 Fundação de Quirinópolis - Go

Quirinópolis tem sua origem no início do século XIX, ainda quando a região Sudoeste era praticamente desabitada. Parreira (2010) ensina que o início da cidade está ligada à chegada de alguns desbravadores como Custódio Lemes do Prado, João Crisóstomo de Oliveira e Castro e José Ferreira de Jesus, pioneiros que chegaram à região vindos de Minas Gerais e São Paulo.

Em data de 07 de Janeiro de 1843, José Ferreira de Jesus e sua mulher Maria Jacinta de Oliveira, por efeito de escritura particular, doaram a Igreja, uma parte de terras contendo duzentos e cinquenta alqueires, no lugar já denominado Fazenda Confusão do Rio Preto, situada entre a serra, o Rio das Pedras e seus dois afluentes, o Córrego do Potreiro e o Córrego das Clemências, cuja escritura se acha no registo imobiliário da cidade de Rio Verde, sob o número 201, em data de 28 de março de 1913 (PARREIRA, 2010, p. 33) <sup>2</sup>

O começo da povoação do lugar que viria a ser mais tarde a cidade de Quirinópolis, se consolidou a partir desta doação ao vigário da Paroquia de Rio Verde, uma extensão de terras para que fosse construída uma igreja e um cemitério e, a partir deste momento o mesmo começou a fazer visitas constantes à região para atender os fiéis, geralmente em um rancho coberto de palha e um grande cruzeiro.

Posteriormente, a uns dois quilômetros do Rio das Pedras, um grupo de pessoas chefiado por José Ferreira de Jesus, demarcou uma área que se tornaria um cemitério, perto de um dos afluentes do Rio das Pedras, e ao lado uma Capela, formando assim um povoado. O afluente, então foi nomeado Córrego Capelinha por estar perto de uma pequena igreja.

Mais tarde em 29 de Julho de 1879, foi criada a Freguesia de natureza coletiva, sob a denominação de Nossa Senhora D’ Abadia do Paranaíba, pela resolução de número 603 da Paroquia e da Comarca de Rio Verde, sede do município, que se limitava com o Rio Paranaíba, conforme consta no livro “Rio Verde Histórico” de Onaldo Campos (PARREIRA, 2010, p. 34) <sup>3</sup>

---

<sup>2</sup> Anexo a cópia do registro de doação das terras pelo Sr. José Ferreira de Jesus e de sua esposa, Maria Jacinta de Oliveira.

<sup>3</sup> Anexo cópia da Resolução n° 603 de 29 de Julho de 1879, por meio da foi criada a freguesia coletiva de Nossa Senhora D’Abadia do Paranaíba no município de Rio Verde.



Após a criação do distrito de Nossa Senhora D'Abadia do Paranaíba, o povoado começou a aumentar e com o tempo percebeu-se que o lugar onde a capela havia sido construída era inadequado devido a umidade e por ser um lugar insalubre.

O Bispo D. Eduardo Duarte e Silva então nomeou uma comissão<sup>4</sup> responsável por angariar fundos para a construção de uma nova capela em outro lugar, sendo formada por Cel. Quintiliano Leão como depositário, Manoel Domingos da Silva e Feliciano Domingos Dias, procurador e tesoureiro, respectivamente, dentre outros.

Posteriormente por unanimidade ,foi escolhido um novo local para construção da Capela, no qual atualmente se localiza a Velha Matriz da Igreja de Nossa Senhora D'Abadia de Quirinópolis, onde já havia um grande cruzeiro.

No dia 08 de setembro de 1913 em procissão a comissão, autoridades e fieis, saíram da capela rumo ao local onde seria construído a nova capela, a cerca de três quilômetros, “onde dentre aplausos “VIVA A NOSSA SENHORA D'ABADIA E VIVA A IGREJA APOSTOLICA ROMANA”, foi baixada a pedra fundamental contendo documentos históricos erguendo sobre ela o primeiro esteio da nova construção” (PARREIRA, 2010, p.35).<sup>5</sup>

E assim o Pe. Mariano Inácio de Souza, deu a sua benção, e considerou fundado o novo povoado de Nossa Senhora D'Abadia, local hoje onde está localizada a cidade de Quirinópolis. Passado algum tempo após a fundação Quirinópolis, em 1943, conquistou a sua emancipação política de Rio Verde.

A Comarca de Quirinópolis foi criada pelo art. 8º, do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias e com o termo de Comarca de Rio Verde. A instalação da cidade de Quirinópolis foi realizada no dia 22 de janeiro de 1944, Pelo Decreto Municipal nº 07, de 21 de janeiro de 1953, foi decretado Feriado Municipal “per sempre” a data de 22 de janeiro, em comemoração a instalação do Município de Quirinópolis (NOGUEIRA, 2010, p. 97)<sup>6</sup>

Quirinópolis está localizada na região Sudoeste do Estado de Goiás, 450m acima do nível do mar, a uma distância de 290 km da capital Goiânia, possui uma área de 4.548km<sup>2</sup>, tendo a pecuária e agricultura como atividades econômicas de expressão, como a criação de gado de corte e leiteiro e a produção de soja, milho,

---

<sup>4</sup> Anexo a cópia do registro sob nº 16 da criação da Comissão Construtora, feita por Dom. Eduardo, da Nova Capela de N. Senhora d'Abadia do Paranaíba, no qual se encontra sem a ultima pagina do documento por ter sido perdida no tempo.

<sup>5</sup> Anexo a cópia do Registro nº 14, Ata da Benção da Primeira Pedra da Capela N. SENHORA D'ABADIA DO PARANAIBA, feita pelo referendo Pároco desta Freguesia aos 8 de Setembro de 1913.

<sup>6</sup> Anexo a cópia da Ata de Instalação Solene do município de Quirinópolis (Emancipação Política de Quirinópolis, 22/01/1944)

cana, dentre outros. É servida pelas rodovias estaduais GO- 164 e GO 206, com uma população de cerca de 43.220 habitantes segundo dados do IBGE de 2010.

### **3.2 Devoção a Nossa Senhora D'Abadia em Quirinópolis – Go: Memória e História**

É fato que a história de Quirinópolis está intimamente ligada à devoção de Nossa Senhora D'Abadia, pois foi com a chegada dos primeiros desbravadores, que a Religião Católica Romana e a crença em Nossa Senhora D'Abadia adentravam em solo Quirinopolitano por volta de 1832.

E foi no ano de 1868 que os senhores Candido Rodrigues Pereira, Antônio Rodrigues Pereira, José Quirino Cardoso, o Capitão Jacinto Honório fundaram a primeira Igreja, da religião Católica em Quirinópolis, sendo esta dedicada a Nossa Senhora da Abadia, o que comprova a ligação da devoção com o início da cidade de Quirinópolis.

A capela era muito simples, sendo formada por apenas dos esteios e um cruzeiro, um racho de palha onde eram realizadas as missas, por isso mais tarde a comunidade resolveu construir uma melhor, de pau a pique coberto com folhas de coqueiro e um grande cruzeiro.

Em 1879, com a criação da Freguesia de natureza coletiva de Nossa Senhora D'Abadia do Paranaíba, viu-se a necessidade de transferência, devido à insalubridade do local.

Conforme Urzedo e Silva (2010) relatam, os primeiros padres vindos de Rio Verde tinha origem espanhola, como o padre Antônio Alves e o padre Serafim, o qual em 1890 celebrou a primeira missa. A primeira festa em louvor a Nossa Senhora D'Abadia foi presidida pelo padre Mariano.

Em março de 1905, formou-se uma comissão composta por líderes da época como o Coronel Cândido Rodrigues Pereira, Joaquim Ferreira de Moraes, o Coronel Quintiliano da Silveira Leão, dentre outros, os quais pediram permissão ao Bispo para que se realizasse a transferência do povoado. Autorizada por Dom Cláudio Ponce Leão a comissão ficou responsável por encontrar o novo local, angariar fundos e construir um cemitério público ao lado da Igreja.



No entanto, devido a algumas questões como a morte do Coronel Cândido Rodrigues e a mudança do Coronel Quintiliano para Rio Verde este projeto sofreu um pequeno atraso, sendo depois retomado por uma nova comissão designada pelo então Bispo Dom Prudêncio Gomes da Silva, com novos membros e alguns que participaram da primeira comissão.

A Comissão fundadora foi nomeada pelo Bispo Dom Prudêncio Gomes da Silva em 1913, com os membros: Mariano Inácio de Souza, padre de Rio Verde, José Quirino Cardoso, Coronel Antônio Rodrigues Pereira, o capitão Jacinto Honório DA Silva, Evaristo de Damasceno Ribeiro, José Joaquim Cabral, Anicésio José Cabral, Manoel Joaquim Cabral, Luiz Dias Campos e Joaquim Pedro os quais lançaram a pedra fundamental em 8 de setembro de 1913 e inauguraram a nova capela e o povoado dia 22 de Novembro de 1919 (URZEDO , SILVA, 2010, p. 360).

Urzedo e Silva (2010) relatam como foi esse processo até a inauguração da nova capela e a fundação do novo povoado, situados próximo ao Córrego Capela, daí o povoado também ser conhecido como Capelinha. A pedra fundamental foi trazida de uma distância de quatorze quilômetros pelo Senhor José Joaquim Cabral (Zé Quito) então carpinteiro, lapidou-se por e fez um nicho no meio para colocar os documentos oficiais do povoado.

Houve antes da solenidade do dia 8 de setembro de 1913, uma procissão composta por todos os moradores da região saindo da capela antiga para o novo local, percorrendo a uma distância de três quilômetros, sendo presidida pelo Pe. Mariano Inácio de Souza.

A frente da procissão está a Cruz seguida da bandeira de Nossa Senhora D'Abadia da Pontifícia, do andor da pedra fundamental, todo enfeitado com fitas coloridas, flores silvestres carregado por seis fortes rapazes, do andor de Nossa Senhora D'Abadia e pela Bandeira Nacional. O padre Mariano Inácio de Souza levava o Crucifixo e o terço, cantando com os fiéis, músicas em louvor a Nossa Senhora, liturgias num pequeno percurso de três quilômetros. No local da nova capela estava preparado um pequeno altar com o crucifixo e os castiçais, perto estavam os esteiros e os buracos. Foi celebrada a missa e dada a benção [...] (URZEDO E SILVA, 2010, p. 361).

Com o desenvolvimento da cidade de Quirinópolis, e de acordo com o Livro de Tombo da Paroquia, o então Dom Benedito Domingos Coscia Bispo da Diocese de Jatai criou pelo decreto nº 3/62 a Paróquia de Quirinópolis; e assim ficou constituída a Igreja Matriz de Nossa Senhora D'Abadia a partir de 1 de Julho de 1962. “Frei Gregório O' Donnell da Ordem dos Frades Menores (O.F.M) foi nomeado primeiro vigário em abril de 1963. Por motivo de doença o vigário Frei Gregório foi substituído

em julho de 1963 pelo Frei Remy”. Em 1966 o vigário Frei Rafael Romano benzeu a nova imagem da padroeira Nossa Senhora D’Abadia.

Para abrigar mais fiéis foi construída nova Igreja para ser a Matriz. Em 15 de agosto de 1967 às 10 horas saiu do Instituto São José rumo a nova Matriz procissão solene com o Bispo Dom Benedito Coscia a frente, o qual presidiu a benção da sede concelebraram com ele Dom Mathias Schimidt, os freis João José Burk, David Babcock, Estevão Walsh e o diácono Pedro Cardoso. A partir de Janeiro de 1967 o expediente da paróquia passou para a Nova Matriz (URZEDO , SILVA, 2010, p. 363).

A construção de uma nova Matriz ocorreu em um momento crucial, pois mostra o aumento da devoção em relação a Nossa Senhora D’Abadia, devido à necessidade de ampliar seu espaço para receber mais fiéis. Atualmente a Paróquia de Quirinópolis pertence à Diocese de Jatai, tendo como Bispo Dom José Luiz Majela Delgado e ainda conta com o trabalho das Irmãs Franciscanas de Allegany.

A escolha de Nossa Senhora D’Abadia para ser a padroeira da cidade ocorreu em virtude da devoção dos pioneiros. Muitas graças foram alcançadas por meio de sua interseção e para homenageá-la é realizada a festa em sua honra no mês de agosto, tradição mantida até o momento a fim de garantir a construção de uma identidade ético cultural no município de Quirinópolis.

### **3.3 Memórias da Festa de Nossa Senhora D’abadia Em Quirinópolis**

Urzedo e Silva (2010) ressaltam que a primeira festa de que se tem registro em louvor a Nossa Senhora D’Abadia ocorreu no ano de 1890, e foi presidida pelo padre Mariano; era uma grande festa, com quermesses e barraquinhas, reunião de pessoas vindas da zona rural e cidades próximas como Rio Verde, Itumbiara e até distantes como Uberaba, Uberlândia e Ituiutaba.

É importante manifestação de fé para a população local e para as pessoas de outras cidades, são realizadas leilões animados com o leiloeiro cantando as pedras, sendo a renda e as doações revertidas para a Paroquia de Rio Verde. Enquanto Quirinópolis ainda não possuía a paróquia; as doações resumiam – se ao produzido na zona rural como gado, leitões, galinhas, cavalos dentre outros.

As festas eram aguardadas por todos previamente faziam roupas novas para toda a família. Era momento de festa, de encontrar amigos e familiares, de renovar a fé em Deus, a devoção a Nossa Senhora D’Abadia e a cultura religiosa. A praça ficava lotada de gente se comunicando. O festeiro era responsável pelo êxito da festa. Traziam banda de música e até motor a óleo

para iluminar a festa, faziam também alvorada e serenatas. A imagem de Nossa Senhora D'Abadia representa Maria de pé, segurando com as duas mãos o menino Jesus nu (URZEDO e SILVA, 2010, p. 361)

Esse preparo para a festa é a anunciação de um momento único durante o calendário daquelas pessoas que viviam na região, não só como forma de reencontrar amigos e familiares, mas principalmente como forma de renovar a sua fé em Nossa Senhora D'Abadia e em Deus, a alegria causava no povo uma sensação única de pertencimento. Como foi somente em 1962 a Igreja Matriz de Quirinópolis recebeu o título de Paróquia, não há registro na cidade das demais festas realizadas entre 1890 a 1962.

A partir de 1962 “no dia 15 de agosto naquele ano realizou-se a festa da Padroeira, Nossa Senhora d'Abadia. Dom Benedito celebrou a missa festiva e crismou 124 pessoas” (Livro Ata nº 1 de Tombo, 1962, p. 02). Esta foi a primeira a ser realizada tendo a Igreja Matriz como Paróquia de Quirinópolis.

No dia 16 de Julho do mesmo ano Frei Remy e Frei Richardson veio a Quirinópolis para ajudar ao Frei Marcos na Festa da Padroeira. Dom Benedito celebrou a Missa Festiva e crismou 302 pessoas. A festa rendeu C\$ 866.486,00 livre” (Livro Ata nº 1 de Tombo, 1962, p. 04)

A organização da festa é uma tarefa complicada, por isso às vezes vinham de outras paróquias padres e até mesmo o bispo para ajudar na organização do evento, pois como a festa era um momento de reunião e renovação religiosa aproveitava-se a presença do Bispo na cidade para realizar não só crismas, mas também batizados, casamentos, confissões e procissões. Tais práticas são percebidas nos registros do Livro Ata nº 1 Tombo em 1965.

Durante a festa de Nossa Senhora da Abadia Houve uma série de pregações sobre o matrimônio.

Comunhão 5000,  
1º Comunhão adulto 120,  
Confissões 1504,  
Pregações 28,  
Conferencias 4,  
Instruções p/ crianças 12,  
Visitas aos doentes 15,  
Procissões 8,  
Legitimações matrimoniais 23

No dia 13 às 19 hs no Salão Dom Benedito instalou Frei João Batista Vogel. O.T.M. como novo vigário de Quirinópolis na presença do Pe. João Crispin de São Simão, Pe. Tiago Rinelli de Jataí e Pe. Rafael e muitos paroquianos.

O novo Vigário agradeceu a todos e explicou uma paróquia para ser comunidade de fé, culto e amor fraternal. Por licença do Bispo o Jejum e abstinência do Vigílio de Assunção foi transferida a 6º feira seguinte. A venda bruta da festa foi de C\$ 2.818,50 (Livro Ata nº 1 de Tombo, 1965, p. 13-14)

O momento da festa em louvor a Nossa Senhora D'Abadia, não era só para comemorar a Santa Padroeira, mas também para atualizar os sacramentos e valendo-se da presença do Bispo, eram realizadas, 1º comunhões, batizados, casamentos e procissões, o que só tornava a comemoração ainda mais importante aos olhos de quem observava e participava da mesma.

De acordo com o Livro Tombo da Igreja Católica no ano de 1966 a festa começou a partir do dia 06 de agosto, e em conjunto com a festa realizou-se a 2º Semana Litúrgica” (Livro Ata nº 1 de Tombo, 1966, p. 22). Já nos anos seguintes a comemoração em louvor a Nossa Senhora D'Abadia, se manteve com leilões, quermesses, novenas entre outras atividades, entretanto no ano de “1969, A festa de N. Sra. D'Abadia foi reduzida a um noite de leilão, devido à forte crise financeira que a cidade está passando atualmente” (Livro Ata nº 1 de Tombo, 1969, p. 45).

Em 1972 foi construído com o dinheiro da festa um rancho coberto de palha, assim passou receber o dobro de seu público habitual, além de possibilitar um maior conforto para aqueles que participavam da festa.

A festa em honra de N. Sra. D'Abadia rendeu CN\$ 35.254,25 para esta e futuras festas, foi construído um rancho coberto de palha o rancho foi apreciado pelos paroquianos e o movimento da festa dobrou. O rancho ficou em mais ou menos CN\$ 11.000,00. Foi pago do dinheiro da festa. Nesta data em ocasião da festa de N. Sra. D'Abadia Dom Benedito crismou 37 crianças e adultos no salão paroquial (Livro Ata nº 1 de Tombo, 1972, p. 54).

A população prioriza ser comemorado o dia de seu santo padroeiro, na procura de se manter firme na fé em Nossa Senhora D'Abadia, por isso pessoas saem de suas casas para participarem de um momento de peregrinação e de oração, com o intuito de fortalecer os laços com Nossa Senhora. Em 1977 houve uma grande procissão em louvor a Nossa Senhora D'Abadia que reuniu mais de 1000 de pessoas.

Em 1977, 15 de agosto realizou-se a procissão e missa em homenagem à N. Sra. d'Abadia. A procissão iniciou-se as 18:00 h na Velha Matriz. Participaram aproximadamente 2000 pessoas. Ao terminar a missa, que foi realizada na Nova Matriz Frei Tomás refletiu sobre a felicidade de todos e convidou o povo a continuar a andar ao lado de N. Sra. Com uma fé viva. A grande festa de N. Sra. d'Abadia obteve uma renda líquida de CN\$:100.000,00 através, da festa na barraca e o concurso da boneca viva. O coordenador foi o senhor Lazaro Alves Ribeiro (Brarico). (Livro Ata nº 1 de Tombo, 1977, p. 74-5).

Além da religiosidade os eventos sociais fazem parte da cultura local como forma de confraternização após as celebrações religiosas, promovendo a união entre os devotos, com barracas e eventos culturais como o concurso da boneca viva, leilões de prendas e quermesses, como pode ser visto na entrevista realizada com o Sr. Oscar de Lima.

[...] fazia parte da cultura do povo de Quirinópolis vir para quermesse, tanto é que temos história de famílias muito antigas que vinham na época da festa da padroeira acampar na cidade, ficavam acampadas perto da igreja velha matriz, que hoje chamamos de igreja mãe durante uma semana, 9 dias, vinham de carro de boi (Oscar de Lima Pires Junior, Entrevista, 20/01/2015)<sup>7</sup>

A festa de Nossa Senhora D'Abadia representa para população de Quirinópolis um momento de renovar a fé, já que faz parte da cultura do município. Nos anos de 1978, 79 e 80 não houve menção nos registros da realização da festa, e não se sabe o motivo pelo qual a festa também não se realizou.

Dos dias 31/07 a 15/08 houve a tradicional Festa de Nossa Senhora D'Abadia realizada desta vez no Parque de Exposições Agropecuária- com Leilões, Peixadas, churrascos e outras atrações a qual teve coordenadores gerais Adelino Sacardo e esposa, Alaor Lopes e esposa e Bento Almiro e esposa. A festa rendeu líquido C\$ 1.994.126,00 (Livro Ata nº 1 de Tombo, 1982, p. 92).

A comemoração continuou sendo realizada nos anos posteriores permeada de alegria e fé, sendo realizadas procissões, missas e novenas em honra a Nossa Senhora D'Abadia em especial no ano de 1987 quando a Paróquia comemorava 25 anos.

No entanto entre os anos de 1988 a 2007 não houve menção de nenhuma atividade relacionada a festa ou a qualquer outra manifestação nos registros. Por que segundo o Sr. Oscar de Lima, por que o então padre da época decidiu criar a pastoral do dizimo para arrecadação de fundos para a Igreja, entendendo assim não ser necessária a realização da festa para este fim, daí então a festa com eventos sociais, como a quermesse, leilões dentre outros, deu lugar para a novena.

Entretanto, mesmo com a criação da pastoral do dizimo houve alguns anos em que houve outros eventos além da novena realizada na Igreja Matriz como no caso

---

<sup>7</sup> Entrevista Concedida por Oscar de Lima Pires Junior em 2015, residente no município de Quirinópolis.

do ano de 1996 e 2002 quando houve “a missa da padroeira foi celebrada na feira coberta as 9:00 h, cada setor saiu em procissão ruma a nova matriz para depois todos irem em procissão a missa solene” (Livro Ata nº 2 de Tombo, 1996, p. 35). Sr. Oscar de Lima acredita que essa pausa na realização da festa causou um adormecimento no desejo de se comemorar a devoção a padroeira.

[...] então quando acabou-se essa festa social, eu não me lembro se foi em 1991 ou algo assim, é foi adormecendo essa festa no coração da pessoas, “ne” a novena por si já não era capaz de provocar o entusiasmo que é esse entusiasmo de sair de rotina das pessoas, por que a festa tem essa função social de tirar as pessoas da rotina, então as pessoas já não mais preparavam o ano todo para chegar a festa da padroeira e estarem ali (Oscar de Lima Pires Junior, Entrevista, 20/01/2015)

Esse adormecimento ocorreu segundo o Sr. Oscar de Lima, ocorreu após a criação da pastoral do dizimo que optou por se fazer somente a novena, o que consequentemente provocou certo afastamento das pessoas, por que a quermesse dentre outros eventos já faziam parte da cultura do município de Quirinópolis.

Entretanto, no ano de 2008, a festa ganhou uma maior proporção e um novo formato quando acrescentou à festa além dos eventos religiosos, eventos culturais ainda não realizados durante a comemoração da mesma, como cavalgada, missa sertaneja, benção de carros, motos e fogos, que se mantêm até dos dias atuais, este novo formato em relação a comemoração a Nossa Senhora D’Abadia, é coordenada pelo padre Uelinton.

Dia 15 de agosto, Assunção de Nossa Senhora da Abadia, Novena, quermesse, missa. É um evento difícil de ser narrado, passeio ciclístico, cavalgada, momentos inesquecíveis, de serem apagados da mente, seja de quem participa, ou seja, de quem é um expectador. Harmonia, organização, companheirismo, esforço, e, principalmente a devoção religiosa popular, mas sem esquecer-se de Cristo vivo, e verdadeiro presente em nosso meio, dia 21 na barraca foi realizado um animadíssimo leilão de prendas em continuidade da festa da Padroeira. Dia 22 às 7 h Encontro para Pais e Padrinhos no Inst. São José, e as 10:30 h na Igreja Matriz, a celebração de Batismo e Encerramento as festividades alusivas à Padroeira foi realizado o Leilão de gado. (Livro Ata nº 2 de Tombo, 2008, p. 79).

Em virtude do adormecimento da festa nos anos anteriores foi necessário reinventá-la e elementos que não faziam parte, originalmente, foram agregados como cavalgada, missa sertaneja, escolha da Princesinha da festa, mas também foram mantidos as procissões, novena e missas, quermesse, leilões dentre outros.

[...] faz parte da cultura popular a doação, espontânea para a festa da padroeira, a doação de gado a doação de prendas, para leilões, e no ano de

2007, restauramos a festa da padroeira, a moda antiga né, com novena e quermesse (Oscar de Lima Pires Junior, Entrevista, 20/01/2015).

Como afirma o Sr. Oscar, a participação na festa da padroeira faz parte de um sentimento de doação sinônimo de devoção a Nossa Senhora D'Abadia. De acordo com o Sr. João Antônio, em entrevista, participo da festa “por me sentir realizado em poder agradecer a Nossa Senhora pelas graças alcançadas, como uma forma de fortalecimento da fé de uma tradição” (João Antônio França Medeiro, Entrevista, 20/01/2015)<sup>8</sup>.

O sentimento de pertencimento se mostra presente na fala do Sr. João Antônio, quando ele se mostra realizado, agradecido por ter na festa a oportunidade de demonstrar seu agradecimento as graças concebidas a ele, gerando um fortalecimento de sua fé na tradição da festa de Nossa Senhora D'Abadia, e da mesma forma esse sentimento pode ser percebido nos registros do Livro Tombo da Igreja quando ele diz:

Dia 15 A Banda Municipal 22 de Janeiro executou várias músicas na madrugada, anunciando que o grande dia chegara! A Festa da Padroeira! Numa concentração às 8 h no pátio do Ginásio de Esportes, foi dada a benção e a largada ao Passeio Ciclístico, que numa extensão quilométrica percorreu as principais ruas e avenidas, fundando no Instituto São José, onde foi realizada um sorteio de bicicletas! No Instituto São José das 13 às 16 aconteceu a festinha da Padroeira para crianças de 5 a 10 anos. As 18 h saindo da Igreja Matriz rumo ao Teatro de Arena uma procissão solene da Imagem da Padroeira. No Teatro de Arena foi celebrado a missa solene em honra `a padroeira Nossa Senhora da Abadia, logo após, uma bela queima de fogos! (LIVRO TOMBO, nº 03, p. 07, 2011)

Percebe-se neste trecho a importância que é dada à Festa da Padroeira como um momento único na vida das pessoas da comunidade, é um dia de comemorações, confraternizações e muitas festividades, sejam elas religiosas ou festivas, mas sempre com o mesmo objetivo - a confraternização entre os pares.

O objetivo desta pesquisa e percebe a Festa de Nossa Senhora D'Abadia na cidade de Quirinópolis, é percebê-la como parte da cultura local, a partir de questionamentos sobre a rotina daqueles que se encontram envolvidos na festa, e como veem a festa e de que forma percebem como participantes dentro desta festa em comemoração a Nossa Senhora D'Abadia, é possível compreender a amplitude da fé de um povo, especialmente do interior.

---

<sup>8</sup> Entrevista concedida pelo Sr. João Antônio França Medeiros, no dia 20/01/2015, residente em Quirinópolis.



### 3.4 Práticas e rituais da festa

A comemoração é realizada na zona urbana, ocorrendo os rituais religiosos na Velha e Nova Matriz e no Instituto São José, já os eventos sociais espalham-se por toda a cidade como a passeata de motos, carros, bicicletas e a cavalgada e além do São José onde temos quermesse, leilões e apresentações culturais, A característica especial, é a participação dos moradores da zona rural na organização e participação mesmo que ela não ocorra em nenhum momento na zona rural.

É no dia 01 de agosto sexta-feira, faz – se a abertura oficial da festa, com o dia inteiro de adoração ao Santíssimo na Igreja Matriz, as 19 h inicia-se a reza do terço na Praça da Igreja Velha Matriz e depois uma procissão até o Instituto São José, onde a bandeira de Nossa Senhora D'Abadia é hasteada, e logo após após a tão esperada quermesse, leilões, e apresentações das candidatas a princesas e princesinhas da festa

Imagem 07: Abertura oficial da festa com a reza do terço na Igreja Velha Matriz



FONTE: Arquivo particular do autor.

Imagem 08: A procissão da Igreja Velha Matriz até o instituto São José



FONTE: Arquivo particular do autor

Imagem 09: Hasteamento da Bandeira de Nossa Senhora D'Abadia



FONTE: Arquivo particular da autoimagem

## 10: Quermesse e leilão



FONTE: Arquivo particular do autor

Como pode ser observado nas imagens 7, 8, 9 e 10 há o momento de oração, mas também o momento de participação coletiva durante as atividades da festa, o que torna possível a realização dos rituais religiosos. O Sr. Gerssimar<sup>9</sup>, quando perguntado por qual motivo participa da festa afirma que “Em 1º lugar em agradecimento a Nossa Senhora D’Abadia, e também é muito bom, é uma confraternização com toda a comunidade, tenho muitas amizades tiradas destas festas” (Gerssimar Donizeth Cardoso, Entrevista, 20/08/2014)

Estar inserido no contexto da tradição da festa fortalece a os elementos antes opostos como os momentos religiosos e festivos convivem em um mesmo ambiente em harmonia.

No dia 02, domingo a quermesse continua, agora com a introdução de apresentações culturais envolvendo toda a comunidade na organização, de forma voluntaria as pastorais assumem as responsabilidade nas várias áreas da festa, como é o caso do Sr. João Antônio que colabora na divulgação da festa: “Eu sou responsável por fazer a divulgação com pit Stop’s, convocações nas capelas da cidade convidando o povo a participar da festa e além de trio elétrico (João Antônio França Medeiros, Entrevista, 20/01/2015)”.

---

<sup>9</sup> Entrevista Concedida pelo Sr. Gerssimar Donizeth Cardoso, Comerciante, Residente em Quirinópolis.



Entretanto é na segunda-feira, dia 04 que ocorre um evento até pouco tempo não estava presente no calendário da festa, e com certeza proporcionou uma relação mais íntima entre a população e a festa - realização de uma bênção aos motociclistas e motocicletas no Lago Sol Poente e seguido de um passeio pela cidade até a Igreja Matriz onde é realizada a reza do Ofício de Nossa Senhora.

Imagem 11: Passeio de motos em louvor a Nossa Senhora D'Abadia



FONTE: Arquivo particular de autor

Esse momento do passeio de motos, foi agregado no ano de 2008 porque se percebeu-se a necessidade de promover situações onde o povo pudesse se sentir parte da tradição e por meio de eventos como esse fortaleceu-se a própria tradição.

Vale destacar que não somente pessoas da cidade participam do passeio, mas também de outras cidades próximas, Ao questionar a uma participante sobre a importância da festa ela afirma: “Além de seguir uma tradição de muitos anos a festa, também possibilita a visita de pessoas de várias cidades” (Larissa de Freitas Costa, Entrevista, 20/09/2014)<sup>10</sup>. Percebe-se na fala da Sta. Larissa uma interação entre a festa e os participantes e, já que sentem-se parte dela.

Após este passeio é realizada na Igreja Matriz O Ofício de Nossa Senhora, momento de muita religiosidade, e que faz parte da tradição, no qual é canta-se, com o objetivo de proteger Nossa Senhora de qualquer ataque que ela possa receber.

---

<sup>10</sup> Entrevista concedida por Larissa de Freitas Costas, nascida e residente em Quirinópolis, Secretária da Paróquia.

Imagem 12: Reza do Ofício de Nossa Senhora



FONTE: Arquivo particular do autor

Já no dia seguinte ocorre outro evento que foi agregado à festa também de promover a participação dos mesmos. Na terça-feira são abençoados os carros e motoristas depois há uma carreada saindo do Lago Sol Poente até a Igreja Matriz. De acordo com a fala do Sr. Oscar quando indagado sobre o impacto dos novos elementos inseridos na estrutura da festa ele afirma que:

Houve a diminuição da frequência das pessoas quando se tirou a quermesse, então você nota uma melhora, quantitativamente da participação, e qualitativamente por que as pessoas perceberam que é elas são as protagonistas da festa elas que preparam elas que realizam, então as pessoas se preparam para isso e celebram com melhor qualidade o dia da padroeira (Oscar de Lima Pires Junior, Entrevista, 20/01/2015)

A participação de considerável parcela da comunidade na festa ocorreu em virtude das novas práticas como o passeio de motos, além da carreata. Os condutores sentem-se, ao mesmo tempo parte integrante da festa e protegidos pela santa.

Imagem 13: Concentração para carreata em louvor a Nossa Senhora D'Abadia



FONTE: Arquivo particular do autor

Observando a imagem 13 percebe-se o grande número de carros concentrados aguardando a saída da carreata, o que reforça ainda mais a ideia de que esses eventos sociais são imprescindíveis para a realização da festa. Entre os dias 06 e 14 é realizada a novena, juntamente com outros eventos que fazem parte da festa, e é neste sentido que Brandão (1981) endossa que as festas populares tem essa mistura impregnada em si, no qual dentro de uma dinâmica de louvor a um santo ou santa padroeira, há o sagrado e o profano.

Outros lugares, em outras festas, terão os seus motivos para misturar dentro de uma mesma sequência de louvor ao santo padroeiro, o sagrado e o profano. Afinal, rezar, dançar, conter, festar é o que se espera fazer em todas as festas de santo, e quando alguma delas perde os momentos de um desses atos perde uma de suas partes necessárias. A Igreja de alguns sacerdotes puristas separa na festa, que tolera, dois lados opostos, para controlar todo o sagrado e expulsar de seu espaço todo o profano, sem perder de vista apenas os seus interesses financeiros. Mas a religião popular incorpora em momentos sequentes, ou dentro dos gestos de um mesmo momento de dança (BRANDÃO, 1981, p. 109)

Oliveira (2010) ressalta que é a partir da mistura entre a festa religiosa e a vida social, que se percebe o enriquecimento do festejo por se tornar ato coletivo; a festa precisa desse público para acontecer e realizar as solenidades. Assim a vida



social passa a ser pública e a festa se torna espaço composto por diferentes identidades.

Imagem 14: Abertura da Novena dia 06 de Agosto na Igreja Matriz



FONTE: Arquivo particular do autor

O público que faz parte da festa é heterogêneo mas participa com o mesmo objetivo; expressar o que sente e se identifica justamente por se sentir parte daquele espaço sagrado, mesmo em um momento social. “Periodicamente o sentimento que tem de si mesmo e de sua unidade. Ao mesmo tempo, os indivíduos são reafirmados na sua natureza de seres sociais” (DURKHEIM, 1968, p. 536)

O depoimento do Sr. Marcos Resende<sup>11</sup> confirma a assertiva acima” A confraternização da comunidade em honra a Nossa Senhora D’Abadia, é a união de toda a comunidade na mesma fé”. (Marcos Resende de Freitas, Entrevista, 20/01/2015).

Durkheim adverte que isso acontece porque com o tempo, as forças coletivas podem se perder e para evitar isso é necessário a realização de cerimônias festivas e rituais religiosos para se manter vivo esse elo social, e não se corra o risco dessa tradição seja esquecida. Desta forma as festas agem como um elemento para reforçar a memória coletiva e evitar que a tradição seja enfraquecida. Brandão (1981, p. 103)

<sup>11</sup> Entrevista concedida pelo Sr. Marcos Resende de Freitas, comerciante, e residente em Quirinópolis e festeiro.



considera que “a lógica do religioso popular reconstrói, com os mitos de origem, a própria legitimidade do estatuto sagrado das danças para o santo e, portanto, o próprio afastamento delas de outras semelhantes, mas profanas”.

Partindo deste ponto a festa de Nossa Senhora da Abadia tem em sua essência a religiosidade popular que ocorre por meio das devoções populares no sagrado, mas sem que haja um rompimento com os ritos profanos, promovendo assim a constituição de um próprio regimento.

Dia 10 de agosto domingo é reservado á cavalgada, por isso as 8 h 30 min há concentração e logo depois, às 11 h é oferecido o almoço para todos os participantes da mesma, com destaque para a participação especial da mulheres.

Tudo na igreja, em tudo as mulheres são maioria na Igreja, todas as atividades da igreja se você for em uma missa você vai ver que a proporção e de quase 70 para 30 de homens, então as mulheres são as grandes protagonistas, da festa desde de puxar as novenas até fazer as comidas, participação na liturgia então a participação das mulheres e de capital importância (Oscar de Lima Pires Junior, Entrevista, 20/01/2015)

As mulheres são de fundamental importância para a organização da festa, pois são responsáveis pela preparação da comida, da ornamentação e organização da festa, como afirma o Sr. Gerssimar “A exemplo de Nossa Senhora, a maioria das ajudas são das mulheres, as vezes com os esposos, as vezes sozinhas mas sempre são a maioria, são verdadeiros exemplos a serem seguidos” (Gerssimar Donizeth Cardoso, Entrevista, 20/08/2014)

Às 19 h é realizada a missa sertaneja, organizado pelos membros da zona rural, que segundo o Sr. João Antônio é o momento mais significativo para ele: “A missa sertaneja, por que os padres estão caracterizados com trajes típicos caipiras, como forma de fortalecer a relação entre a santa e a comunidade rural” (João Antônio França Medeiros, Entrevista, 20/01/2015).

Imagem 15: Cavalgada em louvor a Nossa Senhora D'Abadia



FONTE: Arquivo pessoal do Autor

Imagem 16: Almoço, apresentação cultural e dança para os participantes da Cavalgada.

A - Preparação do almoço



B- Almoço



C- Dança - Forró



Imagem 17: Missa Sertaneja realizada no Instituto São José

A- Concentração para a Missa Sertaneja



B - Início da Missa Sertaneja



FONTE: Arquivo particular do autor

Percebe-se nessas imagens a participação da comunidade em todos os momentos, desempenhando suas funções, e ajudando na organização da festa, na preparação do almoço para os participantes da cavalgada, assim evidenciando a importância dos voluntários como ressalta o Sr. João Antônio: “Cada um tem sua função, alguns divulgam, outros na organização das estruturas outros cantam, preparam a comida, sem cobrar nada, e fazem isso por serem tocados a ajudar na realização da festa que é uma tradição” (João Antônio França Medeiros, Entrevista, 20/01/2015)

No dia 15, dia de Nossa Senhora. os eventos da festa começam por volta das 8 h com um passeio ciclístico saindo do Ginásio de Esportes da cidade pelas ruas da cidade, as 18 h a procissão da Imagem da Padroeira saindo da Velha Matriz e, logo após, é realizada a Missa solene da Padroeira, ritual religioso mais importante da comemoração da festa, sendo que “cada um destes rituais do Catolicismo popular conduz os seus participantes regulares entre situações dentro dele, de iguais alternâncias entre o devocional e o festivo-profano”. (BRANDÃO, 1981, p. 147).



Imagem 18: Passeio ciclístico da Padroeira



FONTE: Arquivo particular do autor

A imagem 17 destaca a quantidade de pessoas que estão participando do passeio ciclístico, evento também agregado à festa a partir de 2008, o qual tem trazido cada vez mais fiéis, e se tornado a cada ano um dos momentos de maior reunião de fiéis durante a festa, o que só fortalece o sentimento de pertencimento do grupo, e colabora para a manutenção da tradição, conforme registrado nos Livros Ata nº 1, 2 e 3 de Tombo.

Enfim, dia 15 é o dia da Padroeira, o dia é pequeno para tanta programação, logo cedo a cidade se movimenta para o grande passeio ciclístico que percorre várias ruas da cidade numa média de 3000 ciclistas. As 18 h. Procissão solene com a Imagem da Padroeira, com todas as capelinhas dos setores missionários saindo da Igreja Matriz para o pátio do I.S.J, onde é celebrada a missa da Padroeira para uma multidão aproximadamente de 3000 pessoas. No dia 17 acontece a Padroeira Fest. Na boate é uma maneira de demonstrar que é possível realizar uma festa na boate em clima saudável sem bebida alcoólica, sem drogas, festa dos cristãos, povo de Deus (Livro Ata nº 3 de Tombo, 2012, p. 13-14)

Os eventos sociais colaboram de forma decisiva para a promoção da festa, e faz com que haja uma maior participação das pessoas na festa já que faz parte da cultura local as pessoas ajudarem na organização da festa e participarem dos eventos sociais, como forma de confraternização e fortalecimentos dos laços afetivos entre as pessoas e a Nossa Senhora D'Abadia.

Imagem 19: Procissão Solene com a imagem de Nossa Senhora D'Abadia saindo da Velha Matriz até o Instituto São José

A – Concentração para a procissão da padroeira



B – Saída da procissão da padroeira



C – Procissão solene da padroeira



D – Procissão solene da padroeira pela Av. Brasil



E – Chegada da procissão ao Instituto São José



F – Missa Solene de Nossa Senhora D'Abadia



Uma festa de santo da Igreja opera por uma totalização de um cosmo ordenado. De modo diferente do Carnaval, que separa radicalmente o profano do sagrado, expulsando o último para o domínio da Quarta-Feira de Cinzas, a festa de Igreja combina, nos mesmos dias e em situações ora sequentes, ora combinadas, o sagrado e o profano o solene e o festivo, a solenidade e a mascarada.

De certo modo, todos os comportamentos separados e disfarçados nos tons cinzentos do cotidiano da sociedade são festivamente reunidos nos dias e nas horas de comemoração do santo padroeiro.

Essa congregação de condutas opostas em nome de um mesmo propósito o louvor ao santo, é evidenciada por seus praticantes mais tradicionais e tida como uma das razões de conflito de que poucas festas populares do Centro-Oeste rural escapam, na oposição entre os projetos dos agentes eclesiásticos e os de seus praticantes populares (BRANDÃO, 2004, p. 135)

Desta forma mesmo que não seja separado o sagrado do profano, o solene e o festivo, a festa da padroeira pode enfatizar um sobre o outro, a festa mescla o passeio ciclístico, a procissão e depois a missa solene, evidenciando que os rituais sagrados e profanos tanto nesse dia quanto nos outros dias anteriores alternam – se e se completam, de modo a caracterizar a festa da padroeira e como mista.

E, por fim, no dia 16, sábado é realizada a revelação da princesa e princesinha da festa, juntamente com a quermesse e apresentações culturais sendo este mais um evento festivo há inserido a pouco tempo no calendário da festa e o ultimo evento dia 30 com a Padroeira Fest na Boate Zabava



Imagem 20: Concurso de Princesas da festa de Nossa Senhora D'Abadia



FONTE: Arquivo particular do autor

Imagem 21: Apresentações culturais e a Padroeira Fest na Boate Zabava



FONTE: Arquivo particular do autor



A Festa de Nossa Senhora D'Abadia em Quirinópolis, apresenta características únicas em relação a locais onde também é comemorado a devoção a mesma santa padroeira, como o exemplo da Padroeira Fest, que por ser um evento festivo, apresenta segundo o Livro Tombo da Igreja como “uma maneira de demonstrar que é possível realizar uma festa na boate em clima saudável sem bebida alcoólica, sem drogas, festa dos cristãos, povo de Deus” (Livro Ata nº de Tombo, nº 03, 2013 p. 13-14) O propósito da festa foi compreender o significado da festa de Nossa Senhora D'Abadia para os Quirinopolitanos a partir da literatura já produzida..

A festa de Nossa Senhora D'Abadia, ocorre a gerações, demonstra sua força por meio da tradição, e da oralidade de quem participa e vê, e se sente parte desse acontecimento, bem como desse universo solene e festivo. A festa se mantém por mais de 120 anos como uma tradição festiva, proporcionando assim a construção de um vínculo simbólico entre os participantes.

No momento da celebração solene, os sentimentos afloram e podem ser vividos em conjunto pelo o público, causando assim um sentimento de fraternidade, as pessoas, apesar de suas diferenças, sejam elas sociais, econômicas ou intelectuais, naquele momento são exatamente iguais frente à devoção e aos olhos de Nossa Senhora D'Abadia, e é por isso que a festa cria nas pessoas um desejo de permanecer naquele espaço sagrado, mesmo em um evento festivo.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cultura popular pode ser considerada como uma FONTE inextinguível de pesquisa não só para os historiadores, mas para todos que tem o cotidiano como objeto de estudo.

A festa de Nossa Senhora da Abadia, tem conseguido permanecer há gerações desde a sua criação, se consolidando a partir da oralidade daqueles que participam de forma ativa ou simplesmente a observam. A festa se concretiza como uma tradição festiva, criando vínculos entre ela e seus participantes por meio de representações simbólicas.

A comemoração a Nossa Senhora da Abadia, se insere em um contexto popular, em si o processo de mudança contínua que acontece em sua realização. Isso porque as transformações e permanências fazem parte desta e podem ser observadas de diversos parâmetros, pois antes mesmo de ser religiosa, é uma importante manifestação cultural.

Nos momentos de celebração os sentimentos ficam vivos, os indivíduos participantes da festa se sentem mais próximos, independentemente de diferenças socioeconômicas, diante do objetivo de se manter firme dentro de uma coletividade em prol da comemoração. Esta busca fortalecer o sentimento de pertencimento em todos os envolvidos. A festa se apresenta para todos, e observa-se nos eventos festivos as relações sociais estabelecidas, conforme declara, Sr. Gerssimar, “é uma confraternização com toda a comunidade, tenho muitas amizades tiradas da festa”.

O tempo da festa também é representado pela doação e a troca, já que todos que ajudam, são voluntários, e doam o seu trabalho para a festa, como uma forma de troca. A relação de troca parte de uma reciprocidade entre os participantes, quando nos leilões há a troca do dinheiro pelas prendas, o sujeito troca o tempo do cotidiano pelo tempo do sagrado, pois espera gerar a reciprocidade entre ele e a santa.

A festa de Nossa Senhora da Abadia tem significativa não só para a paróquia, mas também para toda a cidade por ser padroeira tanto da paróquia quanto do município de Quirinópolis. A festa é um momento esperado por isso durante o ano todo são realizados os preparativos para a festa na Paróquia e por toda a cidade, atraindo pessoas não só de Quirinópolis, mas também de outras cidades vizinhas e zona rural.

Na festa a dicotomia se apresenta entre a cultura popular e a erudita, quando se menciona de um lado a reza e as novenas o que é o tradicional e, do outro a quermesse, leilões e danças como a parte popular. Estas se entrelaçam e convivem como uma só. As experiências vivenciadas e retiradas da festa proporcionam aos indivíduos sentimentos de pertencimento a comunidade, mesmo como ser individual na festa ele faz parte de uma coletividade.

A religiosidade, sempre se mostrou presente no cotidiano e pode ser vista em todos os lugares por meio das festas, romarias, novenas, práticas estas inseridas na vida das pessoas, proporcionando ao homem a saída do tempo profano para a entrada no tempo do sagrado, apresentando significações a situações cotidianas, criando nos indivíduos a esperança de superar os desafios do cotidiano.

As festas religiosas fazem parte do cotidiano não só de Quirinópolis, mas de todo o estado de Goiás, e têm papel relevante na construção e no reavivamento dos símbolos, ritos se formando a partir da relação entre o tradicional e o popular, quando a partir de uma festa em comemoração a um santo(a) padroeiro(a) cria-se no a partir do indivíduo e de sua devoção a possibilidade da realização da mesma.

Os desafios fazem parte da Festa de Nossa Senhora da Abadia, entretanto deve-se preocupar em criar novas as estratégias para que a festa possa permanecer inserida na tradição da cidade, pois o tempo vai passando e é preciso fazer renovações e passar para as próximas gerações as práticas e costumes, para que as mesmas se mantenham vivas na memória coletiva da comunidade.

A festa se organiza sempre por meio de momentos que se constroem a partir do tradicional, como os rituais e crenças, e entre o popular, com as festividades, quermesses e leilões. A festa de Nossa Senhora da Abadia, tem sua simbologia própria, seguida além da manifestação religiosa, para se tornar parte do cotidiano dos indivíduos que fazem parte desta comunidade.

A partir da pesquisa pode se reafirmar que a Festa de Nossa Senhora da Abadia, é uma representação da cultura popular de Quirinópolis e age com o intuito de formar no sujeito o enraizamento da religiosidade por meio das práticas populares, a partir do momento e percebe, por meio da pesquisa, a relação dos indivíduos com a festa, no momento da organização, da doação de si e de seu tempo e, muitas vezes, até de recursos em prol de sua realização, reconhece-se a fé do povo.

A festa desde a sua criação passou por inúmeras transformações, sejam em relação as suas práticas ou quanto aos modos de realização da festa. No começo era

realizada de modo muito simples, em lugares muito rústicos, porém sempre com o intuito de manter vivas as crenças e representações impregnadas nesta manifestação religiosa. O desejo de se manter viva a religiosidade por parte da comunidade, e assim se tornar o motor para que essa manifestação da cultura popular de Quirinópolis não fosse esquecida no tempo, podendo a cada novo ano renovar as esperanças de sua permanência.

As transformações pelas quais o município de Quirinópolis passou durante toda a sua história foram inúmeras, especialmente o desenvolvimento econômico, mas foi mantido o desejo e a perseverança em manter essa tradição. Mesmo com as transformações pelas quais a Festa de Nossa Senhora da Abadia sofreu, durante a sua história, ela ainda permanece como uma das principais manifestações da cultura em Quirinópolis. Esta festa está inserida dentro do contexto da sociedade moderna e a luta para permanecer, com suas práticas e costumes são constantes; é fato a construção de novas experiências para os indivíduos que dessa manifestação fazem parte, mas permanece o sentimento de pertencimento na comunidade.

A festa de Nossa Senhora da Abadia, traduz-se como um lugar de memória, sendo lembradas pelas gerações. Esta tradição festiva ocorre em vários locais do Brasil, no entanto cada uma apresentam características peculiares, que variam de acordo com a região e a forma como se deu início a devoção a Nossa Senhora D'Abadia. É importante perceber que a festa não é somente uma tradição e sim um objeto de um tempo, parte de uma identidade cultural, por isso da sua perpetuação.

## 5 REFERÊNCIAS

- ABREU, Martha, SOIHET, Rachel. *Ensino de História: conceitos, temáticas e metodologias*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.
- ABREU, Martha. *Cultura popular: um conceito e várias histórias. Ensino de História, conceitos, temáticas e metodologias*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.
- ALBURQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *O morto vestido para um ato inaugural: procedimentos e prática dos estudos de folclore e de cultura popular*. São Paulo: Intermeios, 2013.
- ALVES, Luiz Alberto Sousa, JUNQUEIRA Sérgio Rogério Azevedo. *As Festas Religiosas: O profano no sagrado: formação dos professores*, Rev. Pistis Prax., Teol. Pastor., Curitiba, v. 1, n. 2, p. 435-442, jul./dez. 2009: Disponível em: <<http://www2.pucpr.br/reol/index.php/pistis?dd99=pdf&dd1=2722>> Acesso em 22 de agosto de 2014.
- AMARAL, R. de C. de M. P. Festa à Brasileira - significados do festejar, no país que “não é serio”. São Paulo, SP: 1998. 287 f. Disponível em: <<http://www2.pucpr.br/reol/index.php/pistis?dd99=pdf&dd1=2722>> Acesso em 22 de agosto de 2014.
- AZEVEDO, Talhes de. *O Catolicismo no Brasil: um campo para pesquisa social*. Salvador: UFBA, 2002.
- BARROSO, Gustavo. *Ao Som da Viola*, p.12. in ALBURQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *O morto vestido para um ato inaugural; procedimentos e prática dos estudos de folclore e de cultura popular*. São Paulo: Intermeios, 2013.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *De tão longe eu venho vindo: símbolos, gestos e rituais do Catolicismo popular em Goiás*. Goiânia; UFG, 2004.
- \_\_\_\_\_, Carlos Rodrigues. *Sacerdotes de Viola – Rituais religiosos do*
- BURKE, Peter. *Cultura Popular na Idade Moderna*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- CAMURÇA, Marcelo. *Panorama religioso do Catolicismo e do Protestantismo no Brasil*. Revista Magis: cadernos de fé e cultura. Rio de Janeiro: PUC-RIO, 1996.

CANCLINI, Nestor. “A encarnação do popular” in *Culturas Híbridas*. São Paulo, Edusp, 1997. In ABREU, Martha, SOIHET, Rachel. *Ensino de História, conceitos, temáticas e metodologias*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

COSTA Marli Lopes da, CASTRO Ricardo Vieira Alves de. *Patrimônio Imaterial Nacional: preservando memórias ou construindo histórias?* Estudos de Psicologia 2008, 13(2), 125-13. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/epsic/v13n2/04>, Acesso dia 26/01/2015

D’ABADIA, Dr. Assilvo. *Resumo da História e Origem de Quirinópolis* In URZEDO, Maria da Felicidade Alves (Organizadora) *Quirinópolis: mãos e olhares diferentes (1832 – 2010)*. Goiânia: Kelps, 2010.

D’ABADIA, Maria Idelma Vieira. *Festas Religiosas e Pós-Modernidade*. GEONORDESTE, Ano XX, n. 2. Goiânia [manuscrito] 2012. Disponível em: <http://monodois.com/laboter/wp-content/uploads/2012/09/28-178-1-PB.pdf>. Acesso em 20 de agosto de 2014.

DIEHL, Astor Antônio. *Cultura historiográfica: memória, identidade e representação*, Bauru. SP: EDUSC, 2002.

DURKHEIM, Emile. *As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália*. São Paulo: Martins Fontes, 1996. Disponível em: [http://www.nesua.uac.pt/uploads/uac\\_documento\\_plugin/ficheiro/b7ce361c64c727c9a974422515d9322de0ff7ea8.pdf](http://www.nesua.uac.pt/uploads/uac_documento_plugin/ficheiro/b7ce361c64c727c9a974422515d9322de0ff7ea8.pdf) Acesso em 20 de setembro de 2014.

\_\_\_\_\_, Emile. *Les formes elementares da l avie réligieuse*. Paris: PUF, 1968.

ELIADE, Mircea, 1907 1986. *O sagrado e o profano*. [tradução Rogério Fernandes, F. A G. Os Cururuzeiros na festa pantaneira de São João. *Revista Letras*, São Paulo: n.37/38, 1997/1998, p.122-3

FREITAS, Madalena Dias Silva. *A Congada em Caiapônia: uma manifestação da população negra*, disponível em: [http://pos.historia.ufg.br/uploads/113/original\\_02\\_A\\_Congada\\_da\\_Caiap%C3%B4nia.pdf](http://pos.historia.ufg.br/uploads/113/original_02_A_Congada_da_Caiap%C3%B4nia.pdf). 2014, p.01.

Fontes. Paulo: Martins: *A Festa a Brasileira: significados do festejar no país que não é serio*. 1992. <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-21102004-134208/pt-br.php>>Acesso em 15/01/2015.

JURKEVICS Vera Irene. *Festas religiosas: A materialidade da fé, História: Questões & Debates*, Curitiba, n. 43, p. 73-86, 2005. Editora UFPR: Disponível em: <

[http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos\\_teses/historia/artigo/materialidadedafe.pdf](http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/historia/artigo/materialidadedafe.pdf)> Acesso dia 25 de agosto de 2014.

LE GOFF, Jacques. 1924 *História e memória*, tradução Bernardo Leitão [et al.] Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990.

LEVI, Giovanni. *A herança imaterial: trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII* prefácio de Jacques Revel; trad. Cynthia Marques de Oliveira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. 272p

LIMA, Luana Nunes Martins de *A Procissão do Fogaréu na Cidade De Goiás – identidade, cultura e território: o turismo e as novas tendências*. Goiânia, v. 32, n. 1, p. 121-133, jan./jun. 2012. Disponível em: <  
<http://132.248.9.34/hevila/Boletimgoianodegeografia/2012/vol32/no1/8.pdf>>

Acesso em 25 de agosto de 2014.

Livro Ata nº 1, 2, e 3. *Tombo da Igreja Católica Apostólica Romana de Quirinópolis*. 1962 a 2013.

LOPES, Daniela Severo Xavier de Barros. Trindade: “*A capital da fé*” *Turismo religioso em Trindade – GO*. Brasília, [manuscrito] 2006. Disponível em:  
[http://bdm.unb.br/bitstream/10483/613/1/2006\\_DanielaSeveroBarrosLopes.pdf](http://bdm.unb.br/bitstream/10483/613/1/2006_DanielaSeveroBarrosLopes.pdf). Acesso em 30 de julho de 2014.

MACEDO, José Rivair. *Mouros e Cristãos: a ritualização da conquista no velho e no novo mundo*. Brasil 2000 - Quinhentos anos do processo colonizatório: continuidades e rupturas. Rio Grande, RS: Fundação Universidade Federal do Rio Grande - FURG, 2000, pp. 9-28.

MIRANDA, Antônio. *Sociedade da informação: globalização, identidade cultural e conteúdos*. Brasília, v. 29, n. 2, 2000. Disponível em: <  
[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010019652000000200010&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010019652000000200010&lng=pt&nrm=iso)> Acesso dia 20 de agosto de 2014.

NOGUEIRA, Wanderleia Silva. *A Festa de Folia de Reis em Quirinópolis: lugar de memória 1928 a 2010*. (Dissertação) Goiânia, 2011.



\_\_\_\_\_. *Política e História: identidade em questão* In URZEDO, Maria da Felicidade Alves (Organizadora) Quirinópolis: mãos e olhares diferentes (1832 – 2010). Goiânia: Kelps, 2010.

OLIVEIRA, Marlene Flauzina. *O giro de um povo: o espaço/tempo da festa de Nossa Senhora da Abadia em Jataí-GO* [manuscrito] / Marlene Flauzina Oliveira. - 2012.

OLIVEIRA, Selma D'Abadia. *Religiosidade popular: romaria do Muquém* [manuscrito] / - 2012. Disponível em: [http://tede.biblioteca.ucg.br/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=1442](http://tede.biblioteca.ucg.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=1442)  
Acesso em 20 de Agosto de 2014.

OLIVEIRA. Marlene Flauzina, LOPES. Regina Maria, PEIXINHO. Dimas Moraes, MIRANDA. Marisa S. Martins. *Fazer Religioso e Festivo - Festa de Nossa Senhora da Abadia em Jataí – GO*. Porto Alegre: 2010. Disponível em : [www.agb.org.br/evento/download.php?idTrabalho=1740](http://www.agb.org.br/evento/download.php?idTrabalho=1740). Acesso em 23 de setembro de 2014.

PARREIRA, Airosa Martins. *História de Quirinópolis Fragmentos escritos em 09 de Março de 1988* In URZEDO, Maria da Felicidade Alves (Organizadora) Quirinópolis: mãos e olhares diferentes (1832 – 2010). Goiânia: Kelps, 2010.

PÉREZ, Â. M. (Org.) *Cadernos Literários*. São João — Mato Grosso do Sul (Testemunhos literários). Porto Alegre: Caravela/ICP, Corumbá: Núcleo Cultural Português do Mato Grosso do Sul, 1988, n.78, p.12.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *Identidade nacional, religião, expressões culturais: a criação religiosa no Brasil*. In: VIOLA, S. (org.), *Brasil & EUA: religião e identidade nacional*. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

Queiroz, Maria Isaura Pereira. *O Campesinato Brasileiro*. Petrópolis: Vozes, 1973.p.124.

RODRIGUES, Ana Paula Costa. *Corporeidade, cultura e territorialidades negras: a congada em Catalão – Goiás*. Goiânia: Dissertação de Mestrado do Instituto de Estudos Sócio-Ambientais da UFG, 2008.

SANTOS Leila Borges Dias. *Disputa pelo Sagrado em Goiás em fins do Século XIX: O Catolicismo Oficial dos Bispos Ultramontanos e o Catolicismo Popular dos Leigos*. Revista Brasileira de História das Religiões –Ano I, n. 3,

Jan. 2009 - ISSN 1983-2859. Dossiê Tolerância e Intolerância nas manifestações religiosas. Disponível em: <<http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pdf2/texto%2018.pdf>> Acesso 21 de setembro de 2014.

SILVA Júlia Bueno de Moraes. *Memória e Tradição na Romaria do Muquém* *Revista Educação e Mudança*. Número 07/08 – Janeiro / Dezembro – 2001 - ISSN 2179 521538. Disponível em <<http://revistas.unievangelica.edu.br/index.php/revistaeducacaoemudanca/article/view/463/461>> Acesso dia 18 de julho de 2014.

SILVA Mônica Martins da . *A festa do Divino: Romanização, Patrimônio & Tradição em Pirenópolis: (1890-1988)* Disponível em: [https://pos.historia.ufg.br/up/113/o/SILVA\\_\\_M\\_nica\\_Martins\\_da.\\_2000.pdf](https://pos.historia.ufg.br/up/113/o/SILVA__M_nica_Martins_da._2000.pdf). Acesso em 20 de agosto de 2014.

SILVA, Mônica Martins da. *História, narrativas e representações na escrita do folclore em Goiás*. ANPUH – XXIII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Londrina, 2005. Disponível em: <http://anpuh.org/anais/wp/uploads/mp/pdf/ANPUH.S23.1442.pdf>. Acesso dia 28 de setembro de 2014.

SINVALINE. Pinheiro. Romaria de Muquém. Uruaçu: 2008 Disponível em: <http://sinvaline.blogspot.com> <[www.overmundo.com.br/overblog/romaria-do-muquem](http://www.overmundo.com.br/overblog/romaria-do-muquem)>. Acesso dia 05 de setembro de 2014.

SOUZA. João Carlos de. *O caráter religioso e profano das festas populares: Corumbá, passagem do século XIX para o XX*. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 24, nº 48, p.331-351 – 2004.

STEIL Carlos Alberto, HERRERA, Sonia Reyes. Catolicismo e ciências sociais no Brasil: mudanças de foco e perspectiva num objeto de estudo. *Sociologias*, Porto Alegre, ano 12, n 23, jan./abr. 2010, p. 354-393.

JACINTO, Maria Aparecida da. *A Igreja Mãe – História nas Lentes de um Caleidoscópio (1868 – 2010)* in URZEDO, Maria da Felicidade Alves (Organizadora) *Quirinópolis: mãos e olhares diferentes (1832 – 2010)*. Goiânia: Kelps, 2010.

## 6 FONTES ORAIS

FREITAS, M. R. **Marcos Resende Freitas**. Depoimento [jan 2014]: Entrevistador: F.M. Silva. Quirinópolis: 2014. 30 minutos.

COSTAS. L. F. **Larissa de Freitas Costas**. Depoimento [ ago. 2014]: Entrevistador: F.M. Silva. Quirinópolis: 2014. 40 minutos.

CARDOSO, G. D. **Gerssimar Donizeth Cardoso**. Depoimento [jan 2014]: Entrevistador: F.M. Silva. Quirinópolis: 2014. 1 hora

MEDEIROS. J. A. F. **João Antônio França Medeiros**. Depoimento [jan 2014]: Entrevistador: F.M. Silva. Quirinópolis: 2014. 45 minutos.

PIRES JUNIOR. O. L. **Oscar de Lima Pires Junior**. Depoimento [jan 2014]: Entrevistador: F.M. Silva. Quirinópolis: 2014. 30 minutos.

.

7 ANEXOS:


Anexo 01: Registro de doação das terras pelo Sr. José Ferreira de Jesus e de sua esposa, Maria Jacinta de Oliveira.

SECRETARIA DA FAZENDA DO  
ESTADO DE GOIÁS  
DEPARTAMENTO  
DA RECEITA TRIBUTÁRIA

COSA

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL

COMARCA DE RIO VERDE      ESTADO DE GOIÁS



**Cartório do Registro Geral de Imóveis e Anexos**

Maurício de Nassau Arantes Lisboa  
OFICIAL

Vânia de Assis Castro  
SUB-OFFICIAL

-CERTIDÃO-

-MAURÍCIO DE NASSAU ARANTES LISBOA=Ofi-  
cial do Cartório do Registro Geral de I-  
móveis e Anexos, desta comarca de Rio ''  
Verde, Estado de Goiás, na forma da Lei,  
etc.

CERTIFICA, a pedido de parte interessada que, reven-  
do o arquivo deste cartório, em busca hoje procedida, verificou'  
encontrar no livro de nº -3- de Transcrição dos Imóveis, nele'  
às folhas 20, o registro com o teor seguinte:NUMERO DE ORDEM-201  
DATA-28 de março de 1.913. FREGUEZIA DO IMÓVEL-N.S.D'ABBADIA DO  
PARANAHYBA, Termo de Rio Verde, Estado de Goyas. DENOMINAÇÃO OU'  
RUA DO IMÓVEL-Fazenda do Rio Preto. CONFRONTAÇÃO E CARACTERISTI  
COS DO IMÓVEL-"Uma parte de terras, sita na ponta da serra pelo  
lado do nascente, com as divisas seguintes:principia no primeiro'  
córrego que faz barra no Rio das Pedras, acima da estrada que ''  
vem do nascente, pelo veio d'agua do Rio das Pedras acima à se -  
gunda barra que vem da serra, subindo por esta acima veio d'agua  
até o alto da dita serra, e descendo a trombada serra pelo espí-  
ção mestre abaixo, dividando com João Chrisostomo de Oliveira Cas-  
tro, até chegar a Cabeceira da dita vertente, veio d'agua abaixo  
até onde principiou a divisa".NOME E DOMICILIO DO ADQUIRENTE:PA-  
TRIMONIO. NOME E DOMICILIO DO TRANSMITENTE-José Ferreira de Je -  
sus e sua mulher dona Mariana Jacinta de Oliveira, já faleci -  
dos. TÍTULO-Doação. FORMA DO TÍTULO, DATA E TABELIÃO QUE O FEZ:-  
Escriptura Particular lavrada em 7 de janeiro de 1.843.VALOR DO'  
CONTRACTO=Não há. CONDIÇÕES DO CONTRACTO-terras destinadas para  
patrimonio.AVERBAÇÕES-em branco.:x:x:x:x:x:x:x:NADA MAIS.:x:x:x:  
ERA SOMENTE O QUE ME PEDIRAM PARA CERTIFICAR AO QUE ME REPORTO.'  
EU, \_\_\_\_\_ Oficial, que a datilografei, conferi, dou fé e  
assino.

Rio Verde-Go., 06 de fevereiro(2) de 1.984

\_\_\_\_\_  
OFICIAL.

**CARTORIO**  
REGISTRO GERAL DE IMÓVEIS  
TÍTULOS + DOCUMENTOS,  
PROTESTOS  
MAURÍCIO N. ARANTES LISBOA  
Oficial Sucessor  
VÂNIA DE ASSIS CASTRO  
Sub. Oficial

Cópia da 1ª Escritura de Doação de terra para a Fundação (em 1868) de Nossa Senhora D'Abadia (Quirinópolis)

FONTE: URZEDO, Maria da Felicidade Alves (Organizadora) Quirinópolis: mãos e olhares diferentes (1832 – 2010). Goiânia: Kelps, 2010.





## REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL

COMARCA DE RIO VERDE



ESTADO DE GOIÁS



## Cartório do Registro Geral de Imóveis e Anexos

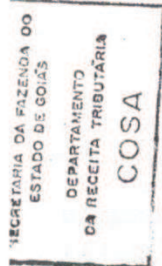
Maurício de Nassau Arantes Lisboa  
OFICIAL

Vânia de Assis Castro

SUB-OFICIAL

-CERTIDÃO-

-MAURÍCIO DE NASSAU ARANTES LISBÔA=Ofi -  
cial do Cartório do Registro Geral de I-  
móveis e Anexos, desta comarca de Rio ''  
Verde, Estado de Goiás, na forma da Lei,  
etc.



CERTIFICA, a pedido de parte interessada que, reven-  
do o arquivo dêste cartório, em busca hoje procedida, verificou'  
encontrar no livro de nº -3- de Transcrição dos Imóveis, nele'  
às folhas 20, o registro com o teor seguinte:NUMERO DE ORDEM-202  
DATA-28 de março de 1.913.FREGUEZIA DO IMÓVEL-N.S. D'Abadia do'  
Paranahyba, termo de Rio Verde, Estado de Goyas.DENOMINAÇÃO DO '  
IMÓVEL-Fazendas Alagoas. CONFRONTAÇÃO E CARACTERISTICOS DO IMMO-  
VEL=Uma parte de terras, contêdo uma legua de comprimento sobre  
meia de largura, destinada para o patrimonio de N. Senhora D'Abba-  
dia. NOME E DOMICILIO DO ADQUIRENTE-N. SENHORA D'ABBADIA,. NOME E  
DOMICILIO DO TRANSMITENTE=Custódio Lemes do Prado e sua mulher d.  
Anna Antonia de Jesus, já falecidos. TITULO-Doação.FORMA DO TITU-  
LO, DATA E TABELIÃO QUE O FEZ-Escriptura Particular lavrada em 25  
de fevereiro de 1.843.VALOR DO CONTRACTO-Não há.CONDICÇÕES DO CON-  
TRACTO-Terras destinadas para patrimonio.AVERBAÇÕES=em branco....  
:x:x:x:x:x:x:x:x:x:x:NADA MAIS.:x:x:x:x:x:x:x:x:x:x:x:x:x:x:x:..  
ERA SOMENTE O QUE ME PEDIRAM PARA CERTIFICAR AO QUE ME REPORTO.EU  
Vânia de Assis Castro Oficial, que a datilografei,conferí, dou'

é e assino.

Rio Verde-Go.,06 de fevereiro(2) de 1.984

  
OFICIAL

CARTÓRIO  
REGISTRO GERAL DE IMÓVEIS  
TÍTULOS E DOCUMENTOS,  
PROTESTOS  
MAURÍCIO N. ARANTES LISBÔA  
Oficial Sucessor  
VÂNIA DE ASSIS CASTRO  
Sub-Oficial

Cópia da 2ª Escritura de Doação de terra para a Fundação (em 1868) de Nossa Senhora D'Abadia (Quirinópolis)

FONTE: URZEDO, Maria da Felicidade Alves (Organizadora) Quirinópolis: mãos e olhares diferentes (1832 – 2010). Goiânia: Kelps, 2010.

Anexo 02: Resolução nº 603 de 29 de Julho de 1879, no qual foi criada a freguesia coletiva de Nossa Senhora D'Abadia do Paranaíba no município de Rio Verde.

Resolução nº 603 de 29 de Julho de 1879  
Cria uma freguezia de natureza Colativa no  
Município de Rio Verde.

Aristides de Souza Spinola, presidente da provincia de Goiaz: Faço saber a todos os seus habitantes que a assemblea legislativa provincial decretou e eu sancionei a resolução seguinte:

Art.1º-Fica creada uma freguezia de natureza colativa no Município de Rio Verde com a denominação de Nassa Senhora d' Abadia do Paranaíba.

Art.2º-A sede desta freguezia será a mesma povoação onde já existe uma capela sob aquela invocação.

Art.3º-Suas divisas serão as seguintes:Começando na Foz do Rio dos Bois com o Paranaíba subirá por aquele rio acima até a barra do Ribeirão do Castello, por este em rumo direito até as cabeceiras do Rio São Francisco, d'ahi em rumo também direito até a barra do ribeirão Rochedo com o Rio Preto, por este acima até suas cabeceiras, d'ahi em rumo ao ribeirão da Boa vista na fazenda do finado José Ferreira de Jesus, por este ribeirão abaixo até o Rio Doce, por este abaixo até o Rio Claro, por este abaixo até o Rio Paranahyba e por este acima até a Foz do Rio dos Bois onde conexão as divisas.

Artº 4º-Ficão revogadas as disposições em contrário.

Mando por tanto a todas as autoridades a quem o conhecimento e execução desta resolução pertencer, que a cumprão e fação cumprir tão inteiramente como nella se contém. O Secretario desta Provincia a faça imprimir, publicar e correr. Palacio da Presidencia de Goiás, aos vinte e nove de julho de mil oitocentos e setenta e nove, quinquagesimo oitavo da independencia e do Imperio.

L. S.

Aristides de Souza Spinola.

(Copia na integra do Livro -RIO VERDE -Apontamentos para a  
Historia-de Oscar Cunha Neto)



Anexo 03: Registro sob nº 16 de uma Comissão Construtora por D. Eduardo da Nova Capela de N. Senhora d' Abadia do Paranaíba.

Registro sob o nº 16 de uma Comissão Construtora, feita por D. Eduardo, da Nova Capela de N. Senhora d' Abadia do Paranaíba.

→ D. Eduardo Duarte e Silva por Moe. de Deus e de S. E. Apostolica Bispo se S. Ana de Goiás.

Faremos saber que atendendo ao que nos requerão os moradores da Capelinha, que muito desejão edificar em outro lugar mais sadio, mais aprasivel e mais abundante d'aguas, nova Capela dedicada a Senhora d' Abadia; Havemos por bem nomear uma Comissão para tal fim, havendo ja sido dada pelo ~~xxx~~ nosso antecessor a competente provisõe de edificação da Capela. Portanto nomeamos Presidente da Comissão e depositario dos dinheiros até hoje existentes o Sr Cel. Quintiliano Leão. Procurador o Sr. Moncel Domingos da Silva; Tesoureiro o Sr. Feliciano Domângos de XXIX Dias; Zelador da Capela Antiga o Sr. Jose Vicente Pereira Ramos; Fabricheiro os senhores Anicesio Jose Cabral, Jose Joaquim ~~Barbosa~~, Jeronimo Martins Parreira, Joaquim Ferreira de Moraes, Cândido Rodrigues Pereira e Manoel Ferreira N.º.

Dores do Rio Verde, em visita Pastoral 19 de Março de 1905.

Eduardo Bispo de Goiás.

→ O Paroco- Pe Mariano Inacio de Souza.

Registro sob o nº 16 de uma Comissão Construtora, feita por D. Eduardo, da Nova Capela de N. Senhora d' Abadia do Paranaíba.

→ D. Eduardo Duarte e Silva por Moe. de Deus e de S. E. Apostolica Bispo se S. Ana de Goiás.

Faremos saber que atendendo ao que nos requerão os moradores da Capelinha, que muito desejão edificar em outro lugar mais sadio, mais aprasivel e mais abundante d'aguas, nova Capela dedicada a Senhora d' Abadia; Havemos por bem nomear uma Comissão para tal fim, havendo ja sido dada pelo ~~xxx~~ nosso antecessor a competente provisõe de edificação da Capela. Portanto nomeamos Presidente da Comissão e depositario dos dinheiros até hoje existentes o Sr Cel. Quintiliano Leão. Procurador o Sr. Moncel Domingos da Silva; Tesoureiro o Sr. Feliciano Domângos de XXIX Dias; Zelador da Capela Antiga o Sr. Jose Vicente Pereira Ramos; Fabricheiro os senhores Anicesio Jose Cabral, Jose Joaquim ~~Barbosa~~, Jeronimo Martins Parreira, Joaquim Ferreira de Moraes, Cândido Rodrigues Pereira e Manoel Ferreira N.º.

Dores do Rio Verde, em visita Pastoral 19 de Março de 1905.

Eduardo Bispo de Goiás.

→ O Paroco- Pe Mariano Inacio de Souza. 19 de Março de 1905

1ª Comissão para a Fundação da nova cidade de Quirinópolis. Está comissão não fundou a nova cidade. Motivos: 1º O Cel. Quintiliano da Silveira Leão retornou, em 1906, a sua cidade natal Rio Verde. 2º O Cel. Cândido Rodrigues faleceu em 1910.

FONTE: URZEDO, Maria da Felicidade Alves (Organizadora) Quirinópolis: mãos e olhares diferentes (1832 – 2010). Goiânia: Kelps, 2010.

Anexo 04: Registro nº 14, Ata da Benção da Primeira Pedra da Capela N. SENHORA, d' ABADIA DO PARANAIBA, feita pelo referendo Pároco desta Freguesia aos 8 de Setembro de 1913.

ATA DA FUNDAÇÃO DA VILA DE NOSSA SENHORA D'ABADIA DO PARANAIBA.

Registro sob o nº 14 -Ata da Benção da primeira Pedra da CAPELA DE N. SENHORA d' ABADIA DO PARANAIBA, feita pelo Revmº Pároco desta freguesia aos 8 de Setembro de 1913.

Ata solenissima da benção da primeira pedra da Nova Capela de N. Senhora d' Abadia do Paranaiba, filial da Paroquia de N. Senhora das Dores, de Rio Verde, deste Bispado e Estado de Goiás.

Aos 8 dias do mes de Setembro de 1913, da era do nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo, 25ª da Republica, sendo seu Presidente o Exmº Senhor Marechal Hermes da Fonseca, Bispo desta Diocese o Exmº e Revermº Senhor D. Prudencio Gomes da Silva e Paroco desta Freguesia o Revmº Senhor Padre Mariano Inacio de Sousa, presente a respeitosa Comissao Constructora eleita por provisao de 5 de Outubro de 1911, os abaixo assinados e as autoridades Distritaes, os Senhores Nicolau Alves Tolentino, o Juiz Distrital, Benedito Domingues da Silva, o primeiro suplente; segundo suplente Manoel Batista Marques, Vicente Pereira Ramos 3º suplente, Cap. Manoel Ferreira Pessoa M., sub-Delegado de Policia, Cap. Jeronimo Martins Parreira Escrivao Distrital e Oficial do Registro Civil, todos juntamente convidados com uma multidao de fieis reunidos na Velha Capela, por occasiao dos festejos do dia 8 do corrente, se dirigiram para o lugar escolhido pela a mesma comissao, meia legua distante da Velha Capela, aonde existe ~~um velho cruzeiro~~ para tal fim, um velho Cruzeiro bento pelo Exmº Senhor Frei Manoel Maia. Não podendo, digo, não tendo podido o ano proximo passado conseguir poder prepara aqui, uma pedra por falta de tempo e não se pres-tar a isto as pedras daqui, o muito distinto membro da Comissao JOSE JOAQUIM CABRAL-  
vuldo Jose Quito -ofereceu-se espontaneamente a traser daqui 14 leguas uma pedra bonita e esquadrejada, com um ninxo bem no centro, para ali ~~guardar~~ guardar para os seculos futuros a pequena historia e a copia autentica de todos os documentos desta localidade. Se esta pedra fosse preparada com as pedras daqui, gastaria-se muito mais de cem mil reis, quasi duzentos mil reis, porque as daqui são de minho. O Velho Zê Quito fez presente da mesma a solenidade do ato da benção, livrando toda comissao de uma grande dificuldade. Esta pedra colocada cuidadosamente num forte andor para ser levada por seis possantes rapases, foi toda enfeitada de fitas e flores. Convidados todos os fieis e autoridades Distritaes para se reunirem as as lo horas na Velha Capela, despos-se o prestite do modo seguinte: A Cruz processional na frente, as mulheres logo em seguida a bandeira Pontificia, tendo adiante

Ata de fundação da nova cidade de Nossa Senhora D'Abadia (Quirinópolis).



2ª pagina

da Cruz Processional a Bandeira de N. Senhora d. Abadia Do Paranaíba, logo depois das mulheres ondeava a linda bandeira do Divino Espirito Santo, atraz desta os homens e o andor da Pedra; logo atraz desta o andor de ~~N. Senhora d. Abadia~~ N. Senhora d. Abadia com o seu respectivo pendão; atraz deste o celebrante com o crucifixo e o livro cantando os hinos e cantado com o povo o terço de Nossa Senhora; atraz do celebrante fechava o pretituto uma requissima, digo, bellissima Bandeira Nacional. Siguravão as fitas da pedra quatro linões Anginhos, que de momento em momento dirigião suas inocentes vistas para o ribombar de imensos fogos de ar das tombadas da serra. La no local escolhido, ja estavam preparados uma barraca com um pequeno Altar, Crucifixo, dois castiças e buracos e esteios aparelhados. Logo que a Procissão seguiu em ordem, entou-se rosario que se cantou ate as proximidades do local, antes de ali chegar a Procissão, ja se ouvia o imenso exocar dos fogos e salvas, de modo a insurdecer-se o imenso regosijo, pela parte do povo em toda solenidade. Logo que o prestito acabou de chegar, procedeu-se em seguida a benção solene no meio da maior satisfação popular e do estrugir de muitos fogos de envolta com os rēcos suaves do velho grōmofone colocado por detraz do Altar ligeiramente preparado, tremulando nafrente a linda bandeira pontificia e por detras a Nacional, simbolo da Patria. Acabada, houvio-se alguns discursões, feitos por alguns cavalheiros assistente ao ato, e, logo depois do Revmº Paroco explicando o simbolo daquela Pedra, feichou-se a cerimonia com chave de ouro, convidando a todos acompanhal-o num viva entusiastico. Viva A Igreja Catolica Apostolica Romana, Viva O Santo Padre Pio X. Viva S. Excia. Rvmº Senhor D Prudencio plecarissimo desta Diocese. Viva a m muito Bigna e respeitavel comissão Construtora da Nova Capela de N. Senhora d. Abadia. Viva o valente preparador da bellissima Pedra-o muito digno membro da Comissão Jose Joaquim Cabral. Viva o bom povo da Capelinha. Acabada a cerimonia algumas senhoritas pedirão aos parenifos do ato religioso algumas ofertas e depois aos populares, apresentando as salvas que foraõ cobertas com generosos donativos, para a futura Capela. Depois disto, foi bem condicionado no nincho da Pedra-uma copia fiel da presente ata-duas copias fieis do Registro deste Patrimonio e o da Alagoas sito no Corrego do Luiz, de uma legua de comprido sobre meia de largura, doada pelo Custodio Lemes do Prado e sua Mulher D. Anna Antonia de Jesus, a 25 de Fevereiro de 1843 datado de S. Jose do Tijuco, hoje Vila Platina, outros pequenos escritos e alguns nikelis. Tudo bem condicionado no nincho e este depois ermetricamente fechada a cimento pelos os peritos prfissionais, foi a mesma Pedra colocada pelos os mesmos, no buraco e sobre a mesma aprumada do primeiro esteio da nova Capela. Alguns dos populares tiverão a gentileza de oferecer a comossão um pofuso copo dagua, antes de todos voltarem ao o prestito para a velha Capela. Antes de ser encerrada a sessão o 2º Vice-Presidente pediu a palavra e propoz que se conseguinasse na Ata, um voto de lovor aos senhores Cap. Jacintho Honorio da Silva e Jose Joaquim Cabral, o 1º porque muito se esmerou em obter bons auxilios nas terras mineiras e tambem aqui entre a pobreza de nosso meio-o 2º porque desenpenhou garbosamente preparando previamente uma linda Pedra-para as solenidades da benção trasendo-a com toda dificuldade da distancia de 14 leguas, e, mais ainda porque tirou a Comissão, na ultima hora da dificuldade de não se benzer a dita Pedra-por falta de aparelhar antecipadamente, conforme foi previamente combinado por carta; dois esteios os quaes foram feitos com muita pressa por muito proficionaes que o mesmo abte-



Anexo 05: Ata de Instalação solene do município de Quirinópolis (Emancipação Política de Quirinópolis, 22/01/1944)

Ata da Instalação Solene do município de Quirinópolis (Emancipação Política de Quirinópolis) 22/01/1944

Aos vinte e dois dias do mês de janeiro de um mil novecentos e quarenta e quatro, no edifício destinado à Prefeitura Municipal, no seu salão nobre, nesta cidade de Quirinópolis, Estado de Goiás sob a presidência do Besembargador Sr. Dario Belio Cardoso, D.º Presidente do Egrégio Tribunal de Apelações, investido das funções de representante do Exmo. Sr. Pedro Ludovico Teixeira, Intendente Federal deste Estado, com a presença dos Exmos. Srs. Dr. Helio Chaves, juiz de direito da Comarca de Rio Verde, Dr. Paranaíba Pirapitinga Saul, juiz de direito da Comarca de Jataí, do Sr. Moisés da Costa Gomes, membro do Conselho Administrativo do Estado de Goiás, na qualidade de representante do Exmo. Sr. Dr. Paulo Augusto Nunes de Figueiredo Presidente desta respeitável Câmara, com a presença ainda de diversas autoridades estaduais, municipais, civis e militares, na forma da lei reuniram-se em sessão solene as autoridades e pessoas gradadas, abaixo assinadas, com significativa at-

FONTE: URZEDO, Maria da Felicidade Alves (Organizadora) Quirinópolis: mãos e olhares diferentes (1832 – 2010). Goiânia: Kelps, 2010.



assistência, para o fim especial de  
 se declarar instalado e em vi-  
 gor para todos os efeitos, a  
 partir desta data, o município de  
 Guirinoópolis criado pelo decreto-lei  
 nº 8.305 de 31 de dezembro de 1943 (mil  
 novecentos e quarenta e três).  
 Aberta a sessão e de pé toda a  
 assistência foi ouvido o Hino Nacio-  
 nal seguindo-se uma vibrante  
 salva de palmas. O Excmo. Sr.  
 Deputado Presidente disse de  
 pé a assistência, pronunciou então  
 em voz clara e pausada as  
 seguintes palavras: "na forma da  
 lei, e de acordo com o rito re-  
 visto, tendo em vista a salva-  
 guarda jurídica dos interesses do  
 povo, o resguardo da tradição his-  
 tórica da Nação e a solidarie-  
 dade que deve unir todos os  
 brasileiros em torno dos ideais  
 superiores de uma Pátria una  
 e indivisível, bem organizada  
 para bem defender-se, culta  
 e progressista, para fazer a  
 felicidade de seus filhos. Eu  
 Carlos Bêlico Cardoso Presidente do  
 Tribunal de Apelações do Estado  
 de Goiás, em nome do Excmo.  
 Sr. Sr. Interventor de Goiás, de-  
 claro instalado de acordo com a  
 lei o município de Guirino-



polis. Assim fique registrado na  
 História Patria para conhecimento de to-  
 dos os brasileiros e perpetua membra-  
 ça das graças vitoriosas. Profunda-  
 das salvas de Palmas aplaudiram e  
 festejaram o momento em que en-  
 tron em vigor a efetiva instala-  
 ção do Município. A seguir o Exmo  
 Mr. Presidente da mesa proferiu bri-  
 llhante alocução na qual tecer  
 oportunas considerações em torno  
 da sábia orientação neprimida  
 pelo Intendente Pedro Ludovico aos  
 destinos do grande Estado mediter-  
 râneo. Na sua brilhante pro-  
 ração sua Excia se referiu de  
 maneira galharda com a  
 cocimio firme a assistência que  
 o Poder Judiciário do Estado sa-  
 leira dá ao novo termo da  
 Comarca de Rio Verde. Profunda-  
 das salvas de Palmas abafa-  
 ram as ultimas palavras do  
 orador. Após contínuo foi dada  
 a palavra ao Sr. Wellington da  
 Silva Guimarães que em nome  
 do Prefeito recém-lhegado, Sr.  
 José Jacinto da Silva, proferiu  
 seu discurso afirmando os pro-  
 pósitos do novo administrador no  
 sentido de lucubrari para o  
 progresso comum do conceito  
 dos municípios do Estado.



recém-criado município de Lu-  
 rinópolis. Ao desdobrar da sua  
 oração teve oportunidade de es-  
 tabelecer um paralelo entre o  
 Estado caótico da civilização euro-  
 peia, em confronto com as con-  
 dições de progresso, de paz,  
 de harmonia e de trabalho que  
 presidem o destino da Nação  
 Brasileira. Em se referindo ao  
 Estado de Goiás em particular,  
 o orador afirmou constituir a  
 instalação do município de  
 Luirinópolis um agigantado  
 passo no sentido da marcha  
 para o oeste. Seguiram-se  
 prolongadas salvas de palmas.  
 O Sr. Presidente a seguir, agradece a assistência e o compare-  
 cimento, cujo significado cívico  
 enaltece, declarando encerrada a  
 sessão e convidando os presentes  
 a seguirem a leitura desta ata,  
 a qual depois de lida, foi  
 assinada pelo Sr. Presidente, pe-  
 las demais autoridades, pessoas  
 gradadas presentes ao ato. Em  
 Javá Leão Ferreira, Juiz municipal,  
 servindo de secretário,  
 escreveu esta ata e a li. ao ter-  
 mo da sessão segue, cuja  
 realização aqui se registra.  
 Cidade de Luirinópolis. (22) vin



de e dois de janeiro de mil no  
recentos quarenta e quatro.

O Presidente. Em tempo: —

x. O eminente Sr. Dr. Vasconcelos Costa  
b.b. Prefeito do vizinho município de Uber-  
landia, seguidor de lúida caravana  
empreson o bulho da sua par-  
ticipação a esta sociedade, afir-  
mando de maneira concreta, assim,  
a indissolubilidade pátria, releva ainda  
notar o valioso apoio moral do  
Sr. José Gomes de Lima, ex-  
Prefeito do município Goiano de Santa  
Rita do Paraíso, que participou ati-  
vamente nos trabalhos de insti-  
tuição. É Sr. João Leão Teixeira, fun-  
cionário municipal, servindo de  
secretário, escreve esta ata, e a bibli-  
oteca da sessão social, cuja  
realização aqui se registra. Ci-  
dade de Quirinópolis, vinte e  
dois de janeiro de mil novecentos  
quarenta e quatro.

O Presidente.

Dario Bilio Leônico.

José Jacinto da Silva

Helio de Souza

José Gomes de Lima

João Leão Teixeira

W. de Souza

W. de Souza

W. de Souza



Cantor José do Carmo.

Adolfo José de Mochiz

→ Adolpho José de Oliveira

Flavio Fernandes Coimbra

Guionar Feitosa de Freitas

Mr. J. G. S. de Freitas

João de Freitas

João de Freitas de Freitas

João de Freitas de Freitas

João de Freitas de Freitas

João de Freitas de Freitas

João de Freitas de Freitas

João de Freitas de Freitas

João de Freitas de Freitas

João de Freitas de Freitas

João de Freitas de Freitas

João de Freitas de Freitas

João de Freitas de Freitas

João de Freitas de Freitas

João de Freitas de Freitas

João de Freitas de Freitas

João de Freitas de Freitas

João de Freitas de Freitas

João de Freitas de Freitas

João de Freitas de Freitas

João de Freitas de Freitas

João de Freitas de Freitas

João de Freitas de Freitas

João de Freitas de Freitas

João de Freitas de Freitas

João de Freitas de Freitas

João de Freitas de Freitas

João de Freitas de Freitas

João de Freitas de Freitas

João de Freitas de Freitas

João de Freitas de Freitas

João de Freitas de Freitas

João de Freitas de Freitas

João de Freitas de Freitas

João de Freitas de Freitas

João de Freitas de Freitas

João de Freitas de Freitas